O Fazedor de Discípulos



Como o Carpinteiro de Nazaré transformou homens insignificantes em líderes bem-sucedidos.

Danilo Figueira

Selah Produções

O FAZEDOR DE DISCÍPULOS



COMO O CARPINTEIRO DE NAZARÉ TRAN
HOMENS INSIGNIFICANTES EM LÍDERES BEM

DANILO FIGUEIRA



O FAZEDOR DE DISCÍPULOS
Como o Carpinteiro de Nazaré transformou homens insignificantes em líderes bem-sucedidos
© 2020 DANILO FIGUEIRA

Revisão
Antonio Valente
Cairo Lins
Mônica Figueira

Capa e Diagramação
Moysés Ribeiro de Moraes

Produção ePub:
Booknando

Classificação Temática:
1. Liderança
2. Liderança Cristã
3. Formação de Líderes

SELAH PRODUÇÕES
RUA NOVA CRUZ, 320
CEP 14.055-110 - IPIRANGA
TEL. 16 3966 3030
RIBEIRÃO PRETO - SP
E-MAIL: CONTATO@SELAHPRODUCOES.COM.BR
WWW.SELAHPRODUCOES.COM.BR
INSTAGRAM/FACEBOOK: SELAHPRODUCOES

Redes sociais do autor:
FACEBOOK: DANILO.FIGUEIRA.1
TWITTER: @DANILO_FIGUEIRA
INSTAGRAM: DANILO_FIGUEIRA

Sumário

1. Capa
2. Folha de rosto
3. Créditos
4. Dedicatória
5. Apresentação
6. Introdução
7. Capítulo 1 - Missão Cumprida
8. Capítulo 2 - Autoridade Conquistada
9. Capítulo 3 - Liderança Servil
10. Capítulo 4 - Centralidade da Palavra
11. Capítulo 5 - Necessidade de Modelo
12. Capítulo 6 - Amizade e Aliança
13. Capítulo 7 - Senso de Equipe
14. Capítulo 8 - Transferência de Unção
15. Capítulo 9 - Nova Mentalidade
16. Capítulo 10 - Visão de Multiplicação
17. Capítulo 11 - Cobertura espiritual
18. Capítulo 12 - Realização Pessoal
19. Conclusão & Testemunhos

Dedicatória

Dedico este livro às pessoas que fizeram do assunto “discipulado” uma realidade tão presente e especial em minha vida.

Aos meus pastores Harry e Helen Scates, por serem as pessoas mais parecidas com Jesus que pude encontrar e por me “adotarem” como filho no ministério, há tantos anos. As marcas do discipulado de vocês em minha vida e família nunca se apagarão.

Aos discípulos que se colocaram humildemente sob minha liderança direta e me amaram, confiando em mim, submetendo-se ao custoso processo de formação, a despeito de meus limites e imperfeições, permanecendo leais até hoje. Homens que aceitaram seguir um exemplo e reproduzir uma visão, tornando-se pastores na casa de Deus e meus amigos para sempre: Amarildo de Freitas, José Otávio Alvarenga, Wilson Ragazzi, Antonio Valente, Valdir Lemes, José Dalmo Norberto, Djalma Canuto, João André Dias, Carlos Januário, José Mauro Ferreira, Sinésio Callegari, Sérgio Callegari, Arão Xavier e André Klen Fernandes (in memorian). Vocês são minha alegria e a prova de que discipulado funciona quando há pessoas com coração de discípulo.

Ao meu querido José dos Reis Pinto, ou simplesmente “Zé Reis”, discípulo que, vitimado por uma enfermidade, teve que fazer uma “pausa” no ministério. Obrigado por ser fiel e, mesmo na dura e longa prova, nunca perder o sorriso e nem a fé. Não coloquei ninguém no seu lugar, em minha equipe, primeiro porque você é insubstituível e, segundo, porque eu continuo crendo que você vai voltar.

Aos tantos pastores que, já tendo ministérios aprovados e, alguns, sendo mais experientes que eu, colocaram-se sob meu mentoreamento e assim permanecem. Mesmo sem podermos desfrutar da proximidade constante, estimula-me ver que vocês seguem copiando tudo o que de bom veem em mim.

Aos muitos líderes da Comunidade Cristã de Ribeirão Preto, frutos do discipulado geracional, nesta igreja linda que pastoreio, homens e mulheres que multiplicam comigo a força de uma visão. Sem vocês, minha voz não teria o volume que tem.

Finalmente, e acima de todos, a Jesus Cristo, o Carpinteiro de Nazaré, o Fazedor de Discípulos, que me salvou e escolheu. Se alguma glória houver, por este livro e pelos frutos do que eu fiz, seja completamente entregue a Ti. Tu és o motivo e o propósito de tudo!

Apresentação

Será que queremos mudar nossa geração? Então devemos dar prioridade à tarefa de fazer discípulos! Queremos um ministério frutífero? O segredo é fazer discípulos! Queremos ver a expansão do reino de Deus? Fazer discípulos é o caminho!

Para estabelecer Sua igreja, Jesus se empenhou em trabalhar doze homens, aos quais chamou para segui-Lo. Nele temos o nosso melhor exemplo.

Quem é o discípulo? Alguém que observa, ouve e pratica o que recebe de seu mestre. Uma pessoa disposta a aprender. Mas não existe discipulado sem um líder que seja modelo e esse é o mais alto chamado que um homem pode receber de Cristo. Ele usa pessoas que se dedicam à formação de vidas, os fazedores de discípulos, que são a grande chave para o crescimento sadio e rápido da igreja.

Eu recomendo a leitura de O FAZEDOR DE DISCÍPULOS! Conheço seu autor, Danilo Figueira, desde 1990. Há mais de vinte anos, ele se colocou livremente debaixo do meu pastorado e assim permanece, fiel, até hoje. Conheço, portanto, seu caráter, família e ministério. Ele tem toda a bagagem necessária para escrever um livro como este.

É importante que o autor de um livro viva os ideais que prega. Danilo preenche esse requisito.

Harry Dawes Scates
Pastor em Uberlândia/MG

Introdução

Fazer discípulos. Não há nada mais poderoso para transformar uma geração do que isso. Se a igreja compreender o que realmente significa essa expressão, estará pronta para concluir sua tarefa na História e trazer Jesus de volta.

O verbo “discipular”, que tanto usamos, não está na Bíblia, embora seu conceito esteja e faça parte do programa central de Deus para nós. A expressão usada por Jesus é “fazer discípulos”. Particularmente, eu a prefiro, porque ela aponta para a ideia de trabalho artesanal, de investir em pessoas, moldando-as do estado bruto para a maturidade frutífera.

Infelizmente, a prática que era padrão entre os cristãos primitivos corrompeu-se ao longo dos séculos e, mesmo hoje, quando o processo de restauração de todas as coisas já vai bem adiantado, a maior parte do povo de Deus, inclusive da sua liderança, não entendeu exatamente o que ela significa.

Para muitos, fazer discípulos é simplesmente converter pessoas ou captar adeptos para o Cristianismo, sem nenhuma preocupação em formá-los e, muito menos, prepará-los para o serviço cristão.

Alguns vão um pouco adiante disso e referem-se ao discipulado como um programa de introdução à fé, uma espécie de bê-á-bá para o novo crente. Para outros, no extremo oposto da corda, discipular é manipular, trazer pessoas sob a rédea curta do autoritarismo religioso, sequestrando suas mentes e fazendo delas meras marionetes nas mãos de uma liderança duvidosa.

Mesmo entre aqueles que já compreenderam ser o discipulado o processo pelo qual um cristão maduro investe sua vida e conhecimento sobre outros com o propósito de conduzi-los à estabilidade espiritual e à frutificação, convencidos de que esta prática faz parte da missão de todo crente, muitos não sabem como vivenciá-la, uma vez que nunca foram mentoreados assim por ninguém. Afinal, na atual geração da igreja, a maioria dos bons líderes que temos, ou foi formada por uma experiência acadêmica, ou é autodidata, ou no máximo sofreu a influência de um pastor distante, sem desfrutar de um relacionamento pessoal, coisa absolutamente necessária na proposta bíblica de discipulado.

O propósito deste livro é traduzir o que significa “fazer discípulos”, a partir da experiência de Jesus, o Carpinteiro de Nazaré, Aquele que criou a expressão, estabeleceu-a como missão para todos nós e Se ofereceu como modelo, tomando Ele mesmo um grupo de novos convertidos completamente xucros e carnais e conduzindo-os por um relacionamento pessoal, até transformá-los na equipe de líderes que revolucionaria, não só aquela geração, mas a história da civilização.

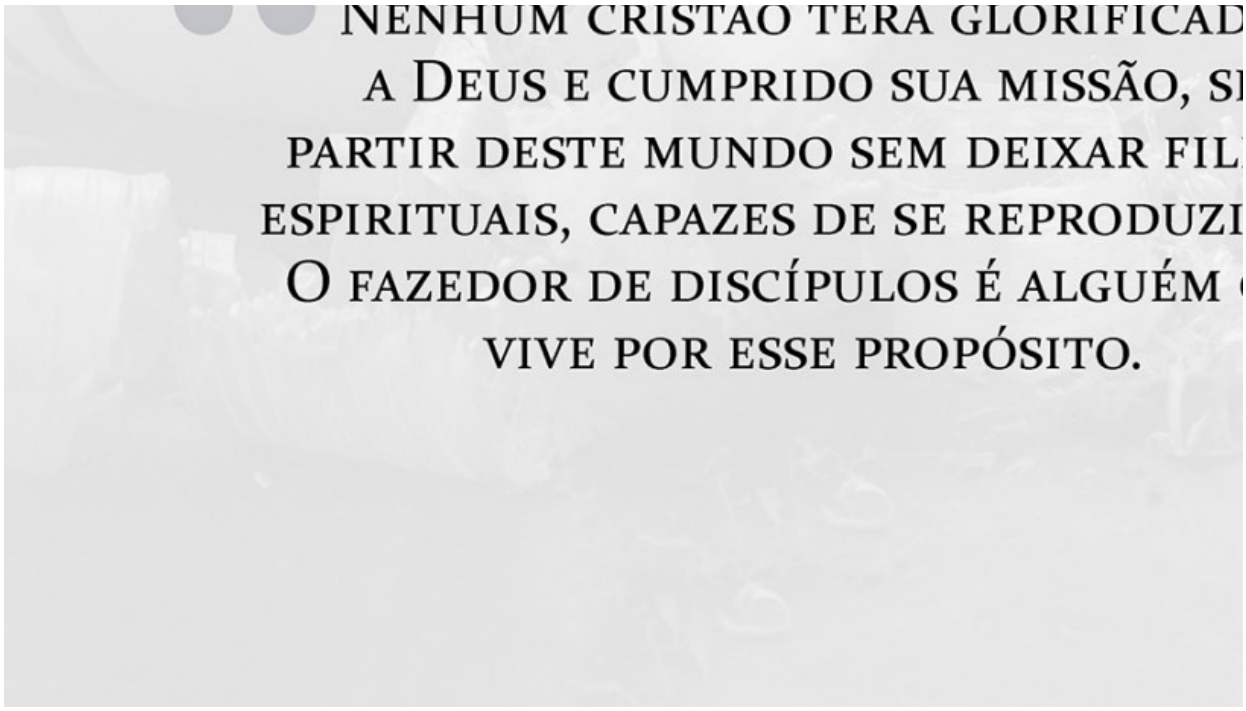
Estou convencido, não apenas pela fé nas Escrituras, mas pela minha experiência prática em formar líderes frutíferos, de que os princípios captados da relação entre Jesus e os seus doze são absolutamente eficazes e podem apontar um caminho pelo qual cristãos sinceros venham a reproduzir-se hoje com qualidade, cumprindo sua missão e cooperando para que a igreja conquiste esta geração.

Seja como fonte de estudo pessoal, seja como base para ministrações em grupo, creio que os próximos capítulos contribuirão para o sucesso daqueles que querem cumprir a grande comissão, os fazedores de discípulos.

1

Missão Cumprida

"Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer."
João 17:4


NENHUM CRISTÃO TERÁ GLORIFICAD
A DEUS E CUMPRIDO SUA MISSÃO, SE
PARTIR DESTE MUNDO SEM DEIXAR FIL
ESPIRITUAIS, CAPAZES DE SE REPRODUZI
O FAZEDOR DE DISCÍPULOS É ALGUÉM
VIVE POR ESSE PROPÓSITO.

Missão Cumprida

O capítulo 17 do Evangelho de João é uma maravilhosa fonte de revelação sobre a arte de fazer discípulos. A partir desse texto, vamos passear pelos evangelhos e descobrir como Jesus conduziu um grupo de galileus completamente crus e despreparados por uma jornada de transformação, até levá-los a ser uma equipe apostólica altamente comprometida, unida e frutífera, capaz de gerenciar o triunfo do Cristianismo no seu nascedouro.

A leitura que quero propor do capítulo 17 de João provavelmente será nova para você. Esse texto ficou universalmente conhecido como "a oração sacerdotal de Jesus". Ele estava prestes a morrer, já em Jerusalém para Sua última Páscoa e, diante dos Seus discípulos mais próximos, dirigiu ao Pai palavras carregadas de significado.

Você pode entender que o Senhor fez ali uma oração geral pelos crentes, e até consolar-se, sentindo-se incluído naquela intercessão, mas na minha ótica tudo o que Ele falou referia-se aos Seus doze ou, no máximo, ao grupo de pessoas que O seguia de perto e mantinha um relacionamento íntimo e contínuo com Ele. Gente que, com todas as letras, poderia ser identificada como seus discípulos. Uma das maiores evidências disso está na afirmação: *"Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura"* (vs.12).

A chave para esta releitura está no versículo 4, quando Jesus diz: *"Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer"*. Do que o Mestre está falando? Que obra é esta que Ele está proclamando concluída? Sabemos que Sua grande missão era o sacrifício redentivo, que se concretizaria na Cruz. Mas isso, embora próximo, ainda estava por acontecer. Mais adiante, depois de todos os maus tratos que sofreu e já entregando-Se à morte vicária por todos os homens, Ele proclamaria: *"Está consumado!"* (conf. João 19:30). Aqui, porém, antes de enfrentar a crucificação, a declaração de "missão cumprida!" feita por Jesus tem outra dimensão e foco.

Praticamente tudo o que Jesus fala em João 17 tem a ver com a missão, cumprida por Ele, de transformar doze homens comuns em líderes de excelência.

Tudo o que o Mestre falará, a partir do versículo 4, diz respeito à equipe que Ele formara, ao longo de três anos de ministério. Tente ler dessa forma. Perceba-O apresentando-Se, na companhia dos Seus discípulos, Àquele que O enviara, o Pai, prestando relatório de como transformara aqueles homens carnais nos líderes confiáveis que dariam continuidade ao Seu ministério, mesmo após Sua partida.

Muitas vezes temos uma visão distorcida da história bíblica. Pensamos, por exemplo, nos doze que Jesus escolheu como pessoas sempre virtuosas, selecionadas pelas qualidades espirituais que tinham. Se não estivermos atentos à cronologia dos evangelhos, facilmente cairemos no erro de imaginar que os homens que Jesus designou como apóstolos foram os vencedores de uma espécie de vestibular, escolhidos após muitos testes e aprovações, vencedores no meio de inúmeros candidatos. No entanto, o que as páginas da Bíblia nos revelam é que o Senhor, ainda no início do Seu ministério, dos primeiros seguidores que atraiu, designou doze, mesmo sem os conhecer profundamente ou tê-los testado além do convite para andarem com Ele. Assim, pouco tempo após persuadi-los à fé, chamou-os para um relacionamento radical e com propósito bem definido.

O DISCIPULADO TEM DUAS PROPOSTAS INEGOCIÁVEIS: RELACIONAMENTO PESSOAL COM UM LÍDER E FORMAÇÃO PARA O SERVIÇO CRISTÃO. SEM ESSAS DUAS COISAS, ELE NÃO EXISTE.

O texto sagrado diz: *"Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expulsar demônios"* (Marcos 3:13-15).

Perceba que esta narrativa se dá no início do Evangelho de Marcos, quando Jesus havia apenas começado o Seu ministério público. É importante destacar isso. Quando, três anos depois, o Senhor declara diante do Pai *"eu completei na terra a obra que me confiaste para fazer"*, está referindo-Se especialmente ao trabalho feito na vida daqueles doze galileus, que dariam continuidade à Sua visão.

Outra verdade importante que esta passagem bíblica nos revela é em que consiste a proposta do verdadeiro discipulado. Desde o começo, ao desafiar aqueles homens, Jesus os chamou *"para estarem com Ele"* e *"para enviá-los a pregar e exercer a autoridade de expulsar demônios".* Duas coisas estavam claras no "contrato": o processo e o propósito. Ninguém faz discípulos, se não entender esses conceitos.

Em primeiro lugar, estava explícito que o chamado era para um relacionamento pessoal. A proposta não era que os doze simplesmente frequentassem uma classe de estudos bíblicos ou se inscrevessem num curso à distância. Tampouco o Senhor queria que eles fossem admiradores perdidos no meio de uma multidão. O convite era para estarem juntos, conviverem com o Mestre, compartilharem Sua intimidade pelo tempo que fosse possível ou necessário.

Em segundo lugar, eles foram levados a entender, desde o começo, que o discipulado tinha um objetivo final: que todos fossem enviados a realizar a obra de Deus. Não se tratava de uma confraria, um grupo de amigos andando juntos, simplesmente para desfrutarem uns dos outros. Três anos depois, Jesus lhes diria: *"Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós e vos designei para que vades, e deis fruto, e o vosso fruto permaneça"* (João 15:16). Nenhuma novidade para eles! Essa ideia já estava clara, desde o princípio.

UMA EQUIPE DE DISCIPULADO NÃO DEVE SER APENAS UM GRUPO DE AMIGOS ANDANDO JUNTOS, MAS UM TIME DE OBREIROS SENDO TREINADOS PARA OS RESULTADOS.

Boa parte da ineficácia do que se chama discipulado hoje na igreja se deve à não compreensão desses dois conceitos, seja por parte da liderança ou dos liderados.

Lembro-me de uma conversa que tive com um pastor de jovens nos Estados Unidos. Ele estava frustrado. Havia investido num relacionamento pessoal e intenso com algumas ovelhas e recebera como resultado traição e ingratidão. Estava decidido a mudar as coisas e me disse: "Daqui em diante farei discípulos de forma diferente. Não quero mais trazê-los para minha intimidade e nem envolver-me emocionalmente com eles. Tratarei de colocar uma distância de formalidade entre a minha vida e a deles. Assim evito passar de novo pela decepção que estou sofrendo..."

UMA IGREJA QUE SE BASEIA MAIS EM PROGRAMAS DO QUE EM RELACIONAMENTOS NUNCA ESTARÁ HABILITADA PARA CUMPRIR A VONTADE DE DEUS.

Depois de ouvi-lo desabafar, eu lhe respondi: "Você pode até fazer assim, mas por favor não chame isso de discipulado". Embora eu estivesse penalizado pela experiência negativa daquele irmão, não poderia permitir que ele embarcasse no sofisma de que é possível fazer discípulos sem se arriscar a um relacionamento pessoal e comprometido com eles.

Por três anos intensos, Jesus dormiu e acordou com aqueles doze homens. Não houve uma área de suas vidas que Ele não conhecesse ou não tivesse acesso. Foi exatamente da intensidade desse relacionamento que os resultados brotaram em forma de transformação e maturidade.

Uma de nossas maiores dificuldades, hoje, é que a igreja tornou-se extremamente formal, baseada mais em programas do que em relacionamentos. Pastores sabem pregar muito bem e comunicar às multidões, mas ficam perdidos com o desafio dos olhos nos olhos e, especialmente, de compartilharem sua intimidade com um discípulo.

Alguns até exercem o aconselhamento, mas o fazem quase que com uma postura profissional, usando mais técnica e experiência do que coração. Por outro lado, numa sociedade individualista como a nossa, grande parte dos crentes não admite abrir sua vida pessoal e trataria como invasão de privacidade qualquer tentativa de um líder, no sentido de orientar ou corrigi-los, de forma personalizada, além do que se prega no "atacadão" do púlpito.

Se esses paradigmas não caírem, não haverá discipulado. Ou aceitamos que a vida cristã exige vínculos entre as pessoas e que o objetivo desses vínculos é tornar-nos crentes úteis para Deus e capazes de cumprir a tarefa da multiplicação, ou continuaremos vivendo um cristianismo parcial, mais parecido com a formalidade religiosa de Roma do que com a vida frutífera em comunidade de Jerusalém.

SEM VÍNCULOS ENTRE AS PESSOAS E SEM O ALVO DA FRUTIFICAÇÃO, A IGREJA ESTARÁ MAIS PRÓXIMA DA RELIGIOSIDADE FRIA DE ROMA DO QUE DA ESPIRITUALIDADE CONTAGIANTE DE JERUSALÉM.

O conceito de discipulado como objeto do relacionamento pessoal entre uma pessoa madura na fé e uma que busca a maturidade não foi inaugurado por Jesus, embora tenha sido vivido por Ele com a maior excelência possível. Desde as páginas do Antigo Testamento, vemos exemplos maravilhosos. Josué foi, durante anos a fio, "o servidor de Moisés" para, depois, tornar-se o seu sucessor. Para quem imagina apenas uma relação técnica de serviço a um líder, sem objetivos mais pretensiosos, as palavras dadas pelo Senhor a Moisés podem abrir outro entendimento. Deus disse: *"Dá ordens a Josué, e anima-o, e fortalece-o; porque ele passará adiante deste povo e o fará possuir a terra que tu apenas verás"* (Deuteronômio 3:28). Claramente, a relação desses dois homens tinha um objetivo de formação, através da convivência, com vistas à sucessão. Traduzindo: discipulado.

Há outros casos tão inspiradores quanto este. Elias e Eliseu, Noemi e Rute, Davi e seus valentes são exemplos de discipulado verdadeiro, ainda nos tempos da Antiga Aliança.

FAZER DISCÍPULOS NÃO É UMA SUGESTÃO DE JESUS, MAS UMA ORDEM QUE FOI DADA A TODO CRISTÃO. QUEM NÃO A OBEDECE, PECA!

Como se não bastassem os ricos casos de discipulado pessoal expostos na Bíblia, esta tarefa foi imposta a todos os crentes por uma ordem específica de Jesus, após Sua ressurreição. As solenes palavras do Mestre não deixam dúvida quanto à nossa missão: *"Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século"* (Mateus 28:18-20).

Todos admitem, naquela que ficou conhecida como "a grande comissão", um mandamento universal. Independente da visão que se pratica ou da linha doutrinária, é senso comum que a tarefa encerrada nessas palavras pertence a todo cristão. Fazer discípulos não é encargo exclusivo de uma classe clerical ou de quem se sente atraído pelo desafio. É para todos os que abraçam a fé cristã! Entretanto, a maneira como se desempenha essa tarefa é que desafia e confunde a igreja hodierna.

Não há uma forma melhor de assimilarmos o modelo eficaz de discipulado do que o acompanharmos na vida de Jesus. Prestando atenção às Suas palavras e experiências na formação de Sua equipe, teremos subsídio para replicar o que Ele fez e cumprir o nosso próprio papel.

O Carpinteiro de Nazaré esculpiu ao longo de três anos o caráter santo, que Ele mesmo tinha, na vida de cada um dos seus discípulos. Precisou ser paciente e habilidoso. Algumas

vezes usou da força para golpeá-los, quebrando a dureza de suas personalidades distorcidas e ideias enganosas. Outras vezes, foi tão sutil em suas atitudes que quase não percebemos sua intenção de influenciá-los. Tudo, porém, era intencional e feito sob a unção do Espírito Santo.

O trabalho de Jesus, como o melhor discipulador que o mundo já viu, concentrou-se no caráter e mentalidade daqueles homens, mas foi muito além disso. Ele lhes deu ferramentas para o trabalho, ensinou-os a pregar, a expulsar demônios, a curar enfermos, a orar, a lidar com situações difíceis. Fez cada um deles sonhar com o melhor, a glória que receberiam no céu, mas alertou-os de que o caminho seria custoso e deveriam preparar-se para o pior. Nunca os iludiu com as coisas da Terra. Nunca deixou que se desiludissem com as coisas do céu.

DISCIPULADO É O TRABALHO PACIENTE DE ESCULPIR O CARÁTER E A VISÃO DE CRISTO EM PESSOAS QUE A ELE SE CONSAGRAM.

O Cristianismo do Século 21 tem enormes desafios. Vivemos num tempo onde o fluxo de informação é assustadoramente veloz. Embora nunca nosso planeta tenha estado tão cheio de gente, a impessoalidade e o individualismo imperam. Cada pessoa tem muitas distrações a roubar sua mente e coração. Nesse contexto, somos a geração da igreja responsabilizada por impactar o mundo, fazer a maior colheita da história e viabilizar a volta de Jesus. Como o faremos? Esquemas midiáticos e ministérios de massa serão suficientes? Eu creio que não. A não ser que entendamos e pratiquemos a força do discipulado, nossa tarefa estará frustrada.

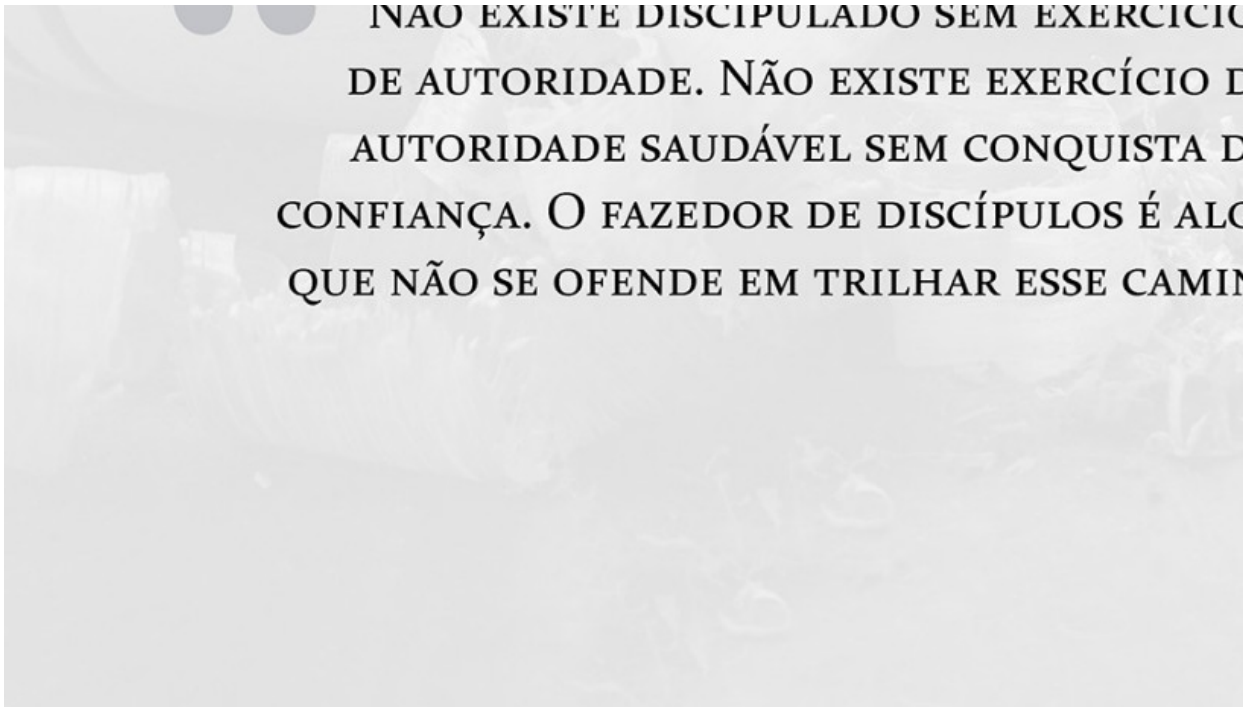
Termino esse capítulo afirmando categoricamente que, a não ser que nos multipliquemos, formando nós mesmos pessoas capazes de reproduzir a fé e a vida cristã, não poderemos chegar um dia diante do Pai e dizer como Jesus: *“Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me deste para fazer”.* Aquele que não faz discípulos, está em franca infidelidade!

2

AUTORIDADE CONQUISTADA

"Agora eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti."
(João 17:7)

"Não existe discipulado sem exercício


NÃO EXISTE DISCIPULADO SEM EXERCÍCIO
DE AUTORIDADE. NÃO EXISTE EXERCÍCIO D
AUTORIDADE SAUDÁVEL SEM CONQUISTA D
CONFIANÇA. O FAZEDOR DE DISCÍPULOS É ALG
QUE NÃO SE OFENDE EM TRILHAR ESSE CAMI

Autoridade Conquistada

Após fazer Sua declaração solene de missão cumprida, em João 17:4, Jesus passa nos versículos seguintes a detalhar a essência da relação que manteve com Seus discípulos e que os levou ao ponto de confiabilidade desejado.

No versículo 7, Ele diz: *"Agora eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti".* Há uma ideia subliminar nessa declaração: a de que a confiança dos discípulos e sua consequente sujeição havia sido resultado de uma conquista paulatina. Ao dizer "agora eles reconhecem", fica subentendido que nem sempre foi assim, ou seja, que houve dúvidas e questionamentos ao longo da caminhada.

Pode parecer estranho para nós que discípulos tenham duvidado de Jesus. Afinal, está patente em nossa fé ser Ele o Filho de Deus, o Messias. Mas, lembre-se de que, quando apareceu pregando na Galileia, Ele era apenas o carpinteiro, filho de José, figura absolutamente humana e, ao que parece, discreta. Seus próprios irmãos, a princípio, tiveram dificuldade de crer Nele (conf. João 7:3-5) e parte de Sua família classificou-O como "fora de si", surtado, ao vê-Lo ministrando publicamente, como nunca parece ter Ele feito, antes dos trinta anos (conf. Marcos 3:21).

Mesmo os discípulos que deixaram tudo para seguir Jesus, impactados por Suas palavras e milagres, demoraram para ter segurança quanto à Sua verdadeira identidade e missão. Isso fica claro quando, já depois de um bom tempo caminhando juntos, em Cesareia, o Senhor lhes pergunta: *"E vós, quem dizeis que eu sou?"* Percebe-se uma hesitação no grupo. Quando Pedro, finalmente, diz *"tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo",* uma interrogação incômoda cai por terra.

A reação de Jesus demonstra quão importante havia sido tal momento no desafio de conquista daqueles corações. A Bíblia nos conta: *"Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus"* (Mateus 16:17).

A percepção dessa realidade é muito importante para nós. Saber que Jesus precisou de tempo e investimento para conquistar a plena confiança dos Seus discípulos nos impõe a obrigação de suportar o mesmo processo de conquista.

SE JESUS PRECISOU DE TEMPO PARA CONQUISTAR A SUBMISSÃO DE SEUS DISCÍPULOS, MUITO MAIS NÓS, TEREMOS QUE TRILHAR ESSE CAMINHO.

Um dos pontos nevrálgicos da prática do discipulado é o exercício de autoridade. A relação entre discípulo e discipulador envolve, necessariamente, submissão e liderança. Porém, se ela não for estabelecida nas bases corretas, pode extrapolar os limites do saudável e entrar nas raias da alienação do liderado ou do autoritarismo do líder.

Não são raros os casos de pessoas que, em nome do discipulado, estabelecem uma relação de medo e castração. Basta um coração corrompido para o exercício da liderança cristã ser feito na base da "carteirada", da intimidação!

LIDERANÇA ESPIRITUAL NADA TEM A VER COM DOMÍNIO SOBRE PESSOAS. O FAZEDOR DE DISCÍPULOS É ALGUÉM QUE SERVE AOS OUTROS COM SUA INFLUÊNCIA.

Eu tenho que admitir ser essa uma das maiores doenças ou traumas da igreja em nossos dias. Fico chocado ao ver tanta gente, às vezes grupos inteiros vacinados contra o discipulado por terem sido vítimas de abuso de autoridade.

Lembro-me de, certa vez, ainda no começo do meu ministério, ter recebido um pastor com seus discípulos. Eles faziam parte de um grupo cuja ênfase em submissão e honra ao líder passava dos limites do aceitável. Fiquei chocado ao ver como aquela relação era doentia e manipuladora. Nos mínimos detalhes, notava-se que o líder servia-se de seus discípulos, aproveitando-se deles. Aquele homem nem sequer fazia menção de servir o próprio prato à mesa, carregar sua bolsa ou abrir uma porta. Antes, com um gesto ou olhar, acionava um dos seus seguidores para fazê-lo. Eram cenas caricatas, ridículas, mas que serviram para que eu definisse algo em meu coração: se aquilo era discipulado, eu não o praticaria em meu ministério.

Graças a Deus, pela Palavra e pelo exemplo de homens admiráveis que conheci depois, entendi que aquela era uma distorção carnal da proposta e da prática de Jesus.

Infelizmente, há muitos líderes assim, sujando as águas com um espírito dominador; às vezes por terem o coração doloso, às vezes por terem recebido a manipulação e a intimidação como única forma de liderança a reproduzir. Assim foram formados, assim replicarão o modelo.

A Bíblia faz referência a um rei cananeu cuja história, resumida num único versículo, ilustra muito bem esse tipo de postura. O relato está em Juízes 1:7 assim: *"Então, disse Adoni-Bezeque: Setenta reis, de quem cortei os polegares das mãos e dos pés, apanhavam migalhas debaixo da minha mesa; assim como eu fiz, assim Deus me pagou. E o levaram a Jerusalém, e morreu ali".*

Esse homem terminou mal, porque estabeleceu a sua autoridade sobre bases absolutamente malignas. Ele é um ícone a ser repugnado, a começar pelo seu nome. Adoni-Bezeque significa "meu senhor relâmpago". Eu o chamaria de líder "cospe-fogo", daqueles que geram medo por onde passam. E se você nunca o viu na igreja, dê graças a Deus, pois, ou ainda é muito recente nos ambientes da fé, ou tem a bênção de viver numa comunidade de cristianismo saudável.

Adoni-Bezeque é o típico líder que mantém outras lideranças subservientes e castradas. Seu interesse não é promover o potencial dos outros, mas dominá-los e usá-los. Ele mantinha setenta reis nesta condição. Ao mandar cortar seus polegares das mãos e dos pés, roubou-lhes a identidade e a capacidade de se equilibrarem por conta própria.

LÍDERES MANIPULADORES MANTÊM PESSOAS SOB SUBSERVIÊNCIA E MEDO, QUANDO DEVERIAM PROMOVER O SEU POTENCIAL DE LIDERANÇA.

Você sabe que o polegar é muito importante, tanto nos membros superiores, quanto nos inferiores, não sabe? Nas mãos, além de trazer a marca absolutamente pessoal e exclusiva da impressão digital, que distingue uma pessoa de outra, é o polegar que dá força e habilidade. Tire qualquer dedo de um indivíduo e ele continuará, com pouco treinamento, fazendo os mesmos trabalhos que fazia antes. Se, porém, o dedo amputado for o polegar, esse indivíduo estará seriamente limitado e se tornará dependente de outras pessoas para muitas tarefas essenciais da vida.

JESUS CONQUISTOU A SUBMISSÃO DE SEUS DISCÍPULOS ATRAVÉS DO RELACIONAMENTO, TESTEMUNHO E SERVIÇO. SUA LIDERANÇA NUNCA FOI IMPOSTA!

De forma semelhante, o polegar dos pés exerce uma função insubstituível. É dele que vem o equilíbrio do corpo e o maior impulso para caminhar.

Adoni-Bezeque amputou os polegares daqueles setenta reis. Deixou-os completamente à mercê de seus caprichos e incapazes de recuperar a própria firmeza, identidade e habilidade. Fez deles, outrora líderes, seus escravos... Como se isso não bastasse, ao mantê-los comendo das migalhas de sua mesa, impôs sobre eles humilhação e dependência doentia. Plantou dessa semente, colheu do seu fruto sob o juízo de Deus.

Embora a figura seja chocante, esse tipo de liderança é desenvolvida no seio da igreja também, muitas vezes, em nome do discipulado. Estou cansado de ver e combater práticas

de manipulação, intimidação e coisas do gênero no meio do povo de Deus e até mesmo do rebanho que pastoreio.

A proposta de Jesus, ao mandar-nos fazer discípulos, é diametralmente oposta! Ele não cumpriu Sua missão, dando "carteiradas" e fazendo ameaças aos Seus seguidores. Olha que, se alguém podia dar "carteiradas" e impor-se pela posição era Ele! O Mestre, no entanto, preferiu conquistar a submissão de Seus discípulos através do relacionamento, testemunho e serviço. Ao invés de servir-Se deles, serviu-os com Sua liderança.

Seu último gesto, antes da Cruz, foi emblemático! Mesmo tendo já conquistado completamente o coração daqueles homens, extirpando-lhes todas as dúvidas quanto à Sua identidade e autoridade, Ele Se cingiu com uma toalha e lavou-lhes os pés, perpetuando o modelo de liderança servil que queria ver multiplicado na igreja, que estava prestes a nascer.

Sobre liderança servil trataremos no próximo capítulo. Aqui quero enfatizar a necessidade de se trilhar o caminho da conquista para conseguir a submissão no discipulado. Se você quer seguidores saudáveis, inspire-os. Isso demandará tempo, relacionamento e testemunho. Se você não estiver disposto a "comer um saco de sal" com seus discípulos, ou seja, conviver consistentemente com eles, não espere dos mesmos confiança e sujeição. De longe e na superficialidade é possível angariar admiradores, fãs, mas se quiser seguidores terá que andar com eles e impressioná-los com algo que seja mais do que aparência.

O DISCIPULADO REQUER CONVIVÊNCIA. ELE É DESENVOLVIDO SOBRE AS BASES DA PATERNIDADE, E NÃO DA "CHEFIA" OU DA INSPIRAÇÃO À DISTÂNCIA.

O modelo saudável de discipulado está profundamente relacionado à paternidade. Aliás, o chamado de um líder cristão é para ser pai, e não para ser chefe dos seus seguidores. Isso envolve gerá-los em Cristo, ou seja, conduzi-los à conversão e, principalmente, formá-los, apresentando-lhes não só um padrão desejado, mas um modelo vivenciado.

Há pais que obtêm o medo de seus filhos, enquanto há outros que conquistam o seu respeito e admiração. Uns se colocam no pedestal da autoridade, de onde exigem obediência, enquanto outros descem para ser exemplo e, então, conquistam a submissão. Exatamente essa é a proposta de discipulado de Jesus. Eu não estou falando de ausência de autoridade, de líderes bonachões que na verdade não lideram nada e ninguém.

BONS LÍDERES CONQUISTAM A SUBMISSÃO DE SEUS DISCÍPULOS PELO PODER DO EXEMPLO, E NÃO PELA FORÇA DO MEDO.

O termo "submissão", fundamental na arte de fazer discípulos, traz a ideia de "estar sob a missão de outro". "Submeter-se" significaria "meter-se debaixo do chamado de alguém". Isso só é alcançado, de fato, quando a confiança é conquistada!

Obviamente, se estou falando de convivência e conquista de confiança, a tarefa exigirá de nós testemunho. Talvez por isso muitos líderes preferem esconder-se na distância da impessoalidade. Afinal, de longe, deficiências são mais facilmente camufladas. No entanto, Jesus, Seus apóstolos, e a primeira geração de cristãos não se entrincheiraram no pedestal da religião, mas desceram ao campo da convivência com aqueles que queriam formar, oferecendo-se como modelos.

Não era a soberba que fazia homens como Paulo dizerem *"irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós"* (Filipenses 3:17); era a consciência de que o discipulado exige mais do que retórica; exige testemunho!

Quando comecei meu ministério pastoral, eu tinha vinte anos. Com essa idade, fui enviado do norte do Brasil para Ribeirão Preto, interior de São Paulo, com o propósito de plantar uma nova igreja. Tudo o que eu tinha era a convicção do chamado, o entusiasmo do Espírito Santo e o grande desafio de conquistar discípulos, mesmo com a cara indisfarçável de menino que eu carregava. Pior; não era só a cara! Meus documentos de identidade provavam a minha pouca idade e inexperiência na vida.

Conquistar a confiança das pessoas era um gigante a ser vencido. Eu havia sido enviado para assumir a liderança de um grupo de novos convertidos que haviam nascido de novo dentro do movimento carismático católico. Eram umas quinze pessoas, apenas mulheres e adolescentes, gente de classe média-alta. Porém, antes mesmo que eu chegasse, ainda sem me conhecer profundamente, aquele grupo “roeu a corda” e se dispersou, temendo a minha inexperiência.

LÍDERES FRACOS APOIAM-SE EM TÍTULOS E POSIÇÕES. LÍDERES SEGUROS APOIAM-SE EM SUA PRÓPRIA CAPACIDADE DE LIDERAR E FAZEM DO TEMPO SEU ALIADO.

Nem mesmo a tentativa do Espírito Santo em respaldar-me diante do grupo foi suficiente para que aquelas ovelhas acreditassem em mim. Houve um dia, antes da minha chegada e à minha revelia, que se reuniram para consultar a Deus. Estavam muito inseguras sobre a minha capacidade de liderá-las com sucesso. Então, resolveram perguntar ao Senhor e, na imaturidade própria de novas convertidas, oraram pedindo uma palavra de confirmação. Logo, uma delas abriu a Bíblia e colocou aleatoriamente o dedo num versículo cujas últimas palavras são: *“começaram a obra da Casa do Senhor e constituíram levitas da idade de vinte anos para cima, para a superintenderem”* (Esdras 3:8). Sensacional, não? Deus estava falando! Ainda assim, elas não creram, tal era a minha falta de credenciais aparentes.

Quando finalmente cheguei a Ribeirão Preto, completamente alheio ao processo de avaliação e rejeição a que eu havia sido submetido à distância, o grupo já se havia dispersado, com exceção de uma daquelas irmãs, que resolveu “apostar” em mim e abriu-me as portas da sua casa, onde pude começar meu “improvável” ministério.

O FAZEDOR DE DISCÍPULOS QUE SE OFENDE COM O ESCRUTÍNIO DAS PESSOAS DIFICILMENTE TERÁ A HUMILDADE NECESSÁRIA PARA CONQUISTÁ-LAS.

Conto esse episódio para ilustrar o enorme desafio que tive para conquistar a confiança das pessoas e merecer o *status* de líder de suas vidas. Hoje, quem vem a Ribeirão Preto e vê a igreja que iniciei naquela época, agora com milhares de crentes e centenas de líderes sob minha orientação, todos seguros de que Deus me levantou, talvez pense que foi só chegar e fazer. Mas não. Foi necessário tempo, serviço e testemunho, até que as pessoas estivessem seguras de que eu era de Deus e tinha algo substancioso para repartir com elas.

Não há atalhos para essa conquista. Embora muitos queiram liderar a partir de títulos, cargos eclesiásticos e outros artifícios da religião, captar o coração de pessoas ao ponto de convencê-las a seguir-nos passará necessariamente por um ritual, muitas vezes demorado, de escrutínio e paciência.

O líder maduro não se ofende com isto. Ele se deixa conhecer e provar, pois sabe que os artifícios da religião produzem apenas religiosos artificiais, enquanto a tarefa do discipulado requer autenticidade e, por isso, redunda em discípulos autênticos.

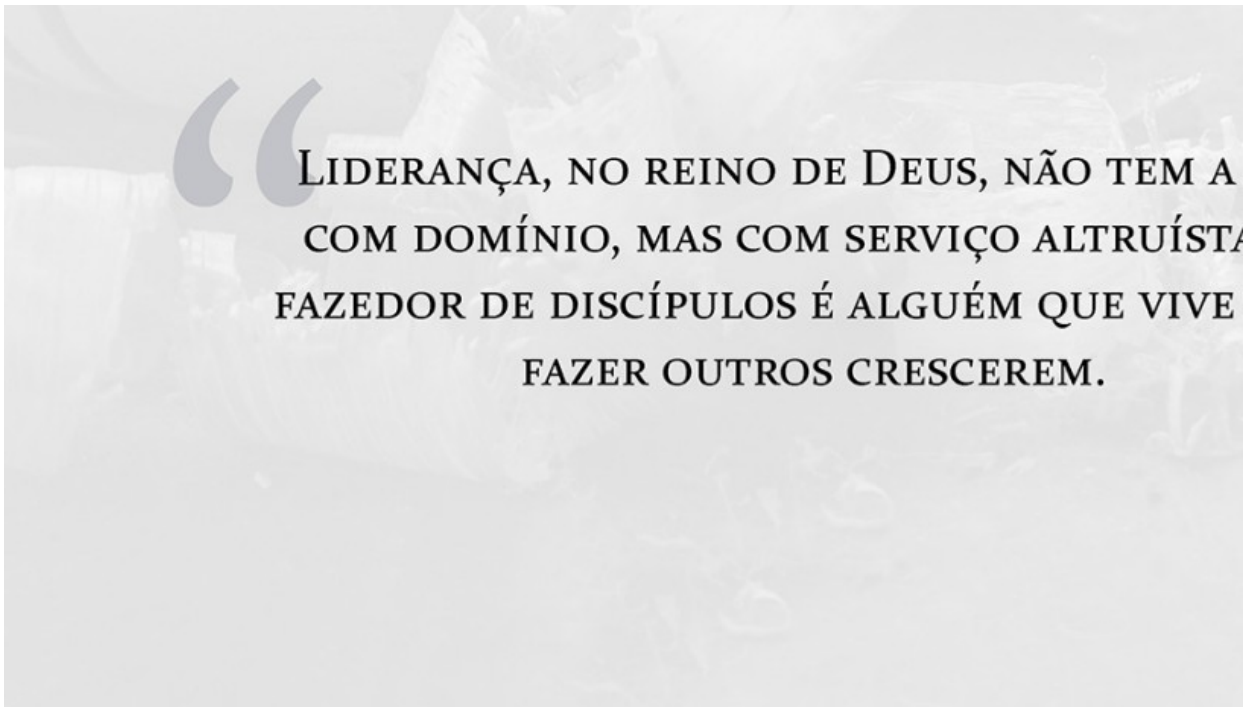
Enquanto Paulo formava o jovem Timóteo, ao vê-lo debaixo das desconfianças lançadas sobre um ministro iniciante, não o incentivou a bater na mesa e impor-se à força; pelo contrário, suas palavras apontaram para a necessidade de uma conquista custosa: *“Ninguém despreze a tua mocidade; antes, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza”* (I Timóteo 4:12).

Com Jesus não foi diferente. Ele teve que fazer o caminho do escrutínio, ser avaliado, até tornar-Se uma autoridade no coração de Seus discípulos. Foi assim, oferecendo-Se como padrão, vivendo radicalmente os princípios sobre os quais pregava e esperando pacientemente que Seu exemplo fosse assimilado, que o Mestre conquistou a sujeição de Seus doze e, finalmente, pôde dizer ao Pai: *“Agora eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti”.*

3

LIDERANÇA SERVIL

"Manifestei o teu nome aos homens
me deste do mundo. Eram teus, tu m
confiaste, e eles têm guardado a t
palavra... É por eles que eu rogo; n
rogo pelo mundo, mas por aqueles
me deste, porque são teus."
(João 17:6,9)


“Liderança, no reino de Deus, não tem a
com domínio, mas com serviço altruísta
fazedor de discípulos é alguém que vive
fazer outros crescerem.

Liderança Servil

Por duas vezes, em Sua prestação de contas, no capítulo 17 de João, Jesus refere-Se aos Seus discípulos como propriedade do Pai: *"Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra... É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus"* (vs. 6 e 9).

Esta percepção é fundamental no exercício de um discipulado saudável. Na ótica de Jesus, liderar homens não tem a ver com dominar sobre eles, mas com guiá-los à maturidade para que prosperem no plano de Deus.

Como refletimos no capítulo anterior, o espírito de manipulação é como uma praga sempre ameaçadora à vida da igreja. Ela só precisa de uma brecha para estabelecer-se. E a única forma de contê-la é sustentar e transferir adiante a ideia de que o modelo mais nobre de liderança é a liderança servil.

Ainda que digamos "Fulano é meu discípulo", precisamos guardar a consciência de que, na verdade, formar vidas é um exercício de mordomia, ou seja, lideramos pessoas para ajudá-las a cumprir a vontade do Pai, e não a nossa.

Ao dizer *"aqueles que me deste... porque são teus",* Jesus estava na verdade devolvendo talentos, agora multiplicados, ao Seu Senhor. Essa é a grande missão do discipulador.

Quando assumimos que as vidas que Deus nos dá a discipular são propriedade Dele, obrigamo-nos a valorizar tais pessoas. Não importa que características tragam, se nos agradam ou não com seu jeito, é nosso papel assumi-las como preciosidades, uma vez que reconhecemos a quem, de fato, elas pertencem.

De vez em quando somos surpreendidos com a notícia de que um objeto qualquer foi arrematado num leilão por uma verdadeira fortuna. O que justifica tanto valor, se um exatamente igual ou até melhor pode ser comprado a preço razoável, na loja da esquina? Quase sempre a supervalorização daquele item se deve à pessoa famosa a quem ele pertenceu. Uma chuteira do Pelé, uma guitarra do Elvis Presley ou uma caneta do Nelson Mandela sempre valerão mais do que o similar que se compra no mercado. Agora, aqui não estamos falando de objetos e nem de donos famosos. No discipulado, tratamos com vidas humanas cuja propriedade pertence a Deus, adquiridas pelo precioso sangue da Cruz!

A consciência de mordomia é um dos maiores aliados de um fazedor de discípulos. Saber que as pessoas não são propriedade sua o ajudará a formá-las com a atitude correta.

Valorizar as pessoas pelo que elas "são", e não pelo que "parecem ser", é uma marca dos grandes líderes! Quando vemos Davi dispondo-se a investir num bando de marginais, na caverna de Adulão, podemos achar que ele entrou numa barca furada. O currículo daqueles elementos não era nada inspirador. Diz a Bíblia: *"Ajuntaram-se a ele todos os homens que se achavam em aperto, e todo homem endividado, e todos os amargurados de espírito, e ele se fez chefe deles; e eram com ele uns quatrocentos homens"* (I Samuel 22:2). Entretanto, um líder com visão de Deus consegue ver a preciosidade das pessoas que o Senhor lhe dá, mesmo que elas estejam em estado bruto. Foi dali que Davi forjou os valentes do exército que se tornaria a base de sustentação do seu reino.

Um líder de visão consegue enxergar a preciosidade das pessoas, mesmo quando elas ainda estão em estado bruto.

Com Jesus não foi diferente. Os doze que Ele assumiu publicamente como Sua equipe de apóstolos não tinham nenhum *pedigree*. Não foram recrutados nas escolas rabínicas de Jerusalém e nem eram líderes reconhecidos. Chegaram à Sua presença desqualificados, sem nenhuma experiência espiritual e com uma mentalidade a ser completamente mudada. Além disso, não eram o que se pode dizer de uma equipe harmoniosa e coesa. Havia ali gente que falava muito, e gente que nem se expressava. De zelote ultranacionalista a cobrador de impostos, "traidor da nação"; de quase todo antagonismo se podia encontrar naquele grupo.

Por que Jesus os assumiu como equipe? Porque entendeu, em Seu coração, serem eles os homens que o Pai Lhe estava dando para formar.

Um verdadeiro discipulador normalmente não escolhe seus discípulos; apenas os assume! Para não dizer que essa afirmação é absoluta, tenho que admitir que a escolha se baseia, apenas, na resposta afirmativa dessas pessoas ao convite para o discipulado. Jesus simplesmente encontrou homens, na rota por onde estava pregando, desafiou-os à fé e lançou sobre eles o convite para segui-Lo. Os que disseram "sim", Ele assumiu como discípulos que o Pai Lhe deu.

A segunda implicação de entendermos que os nossos discípulos são propriedade de Deus é que essa consciência nos impedirá de manipulá-los ao nosso bel prazer. Se são de Deus, Ele mesmo tem um plano para suas vidas e é nossa obrigação discerni-lo e ajudá-los a caminhar nessa direção.

Discípulos servem aos seus líderes; não há o que discutir. Isso faz parte do processo de treinamento e do caminho de prosperidade para suas vidas. Josué ficou conhecido como *"o servidor de Moisés",* antes de se tornar seu sucessor (conf. Números 11:28). Eliseu *"deitava água nas mãos de Elias"* (conf. II Reis 3:11), antes de herdar porção dobrada da sua unção. A essência do discipulado, entretanto, não é forjar homens que me sirvam, mas homens que sirvam a Deus comigo e para muito além de mim.

Líderes mal intencionados ou mal preparados podem usar seus liderados para satisfação dos próprios caprichos, vaidades ou interesses e isso é uma usurpação, diante de Deus.

A CONSCIÊNCIA DE QUE DISCÍPULOS PERTENCEM A DEUS NOS AJUDARÁ A RESISTIR À TENTAÇÃO DE MANIPULÁ-LOS CONFORME NOSSA PRÓPRIA VONTADE.

Voltemos ao exemplo de Davi. O investimento que ele fez na vida daqueles homens de Adulão mudou radicalmente suas histórias e levou-os a um lugar de significado. A resposta de seus corações ao líder que não apenas se dedicou a ensiná-los, mas se ofereceu como modelo para suas vidas, foi gratidão e amor à toda prova. Muitas vezes, eles arriscaram a própria pele, lutando em prol do reino de Davi, que, em última instância, era o seu ministério. Quando, porém, a paixão desses homens por seu líder levou-os às raias do exagero, Davi brecou-os.

S E OS DISCÍPULOS PERTENCEM A DEUS, QUEM OS FORMA NÃO PODE PERDER A CONSCIÊNCIA DE QUE UM DIA PRESTARÁ CONTAS PELO TRABALHO FEITO EM SUAS VIDAS.

No episódio do poço de Belém, quando três deles irromperam pelo arraial dos filisteus, arriscando-se em busca de um vaso d'água, tentando satisfazer a um suspiro de seu líder, Davi não aceitou tamanho sacrifício, mas decidiu oferecer aquela água como oferta de libação ao Senhor, dizendo: *"Longe de mim, ó Senhor, fazer tal coisa; beberia eu o sangue dos homens que lá foram com perigo de sua vida?"* (conf. II Samuel 23:13-17).

Eis aí o exemplo de um líder que sabia os seus limites e guardava a consciência de que aqueles que o serviam não eram propriedade sua, mas de Deus. Ele não queria ser um ídolo em suas vidas, mas apenas guiá-los, levando-os a cumprirem sua missão na vida!

Outra implicação da consciência de que discípulos são de Deus e não nossos é a convicção de que prestaremos contas do que fizermos com eles. Era isso que Jesus estava fazendo em João 17 e é isso que faremos um dia, quando estivermos diante do Senhor.

Cabe-nos, portanto, discernir o propósito de Deus para suas vidas e ajudá-los a cumprir sua carreira, adestrando-os da maneira correta, a fim de devolvê-los, não mais como matéria bruta, mas como pessoas buriladas na fé, prontas para frutificarem.

Numa das primeiras conversas que teve com Pedro, Jesus fez um diagnóstico de seu caráter e estabeleceu um alvo para o trabalho que faria com aquele homem. A Bíblia conta: *"Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas, que quer dizer Pedro"* (João 1:42).

O nome "Simão" significa "caniço" ou "alguém que ouve". Nada melhor para descrever a personalidade daquele pescador galileu. Ele era absolutamente instável, levado por qualquer voz ou vento de circunstância. Entretanto, Jesus assumiu, através do discipulado, conduzi-lo à condição de homem firme, confiável. Simão se tornaria Pedro ou Cefas, que significa "pedra". Esse era o caráter que o Mestre queria desenvolver nele.

A jornada de transformação foi árdua. Jesus teve que repreendê-lo muitas vezes e encorajá-lo outras tantas. Ele era capaz de, num momento, ser usado pelo Espírito e, no momento seguinte, deixar-se manipular por Satanás. Tinha ímpeto para andar sobre as águas, mas na sequência começar a afundar pela ação da dúvida. Podia sacar uma espada e cortar a orelha de um homem e, horas depois, negar que conhecia Jesus, tremendo de medo diante de uma simples criada... Um verdadeiro caniço agitado pelo vento!

O BOM DISCIPULADOR É AQUELE QUE DISCERNE O CHAMADO DE SEU DISCÍPULO E O PREPARA PARA CUMPRI-LO. ELE É UM COOPERADOR COM A VONTADE DE DEUS.

Quem o vê, depois, intrépido em Pentecostes, pregando a três mil pessoas de uma só vez ou, mais tarde, recusando-se a parar de anunciar o evangelho, mesmo sob ameaça de prisão e espancamento pelas autoridades; ou, ainda, como conta a tradição extrabíblica, enfrentando o martírio, pedindo para ser crucificado de cabeça para baixo, por não se considerar digno de morrer como seu Senhor; não acredita tratar-se do mesmo homem, outrora tão hesitante. Na verdade, não o era. O discipulado com Jesus e a unção do Espírito Santo haviam feito dele uma verdadeira rocha!

U M LÍDER NUNCA PODE TORNAR-SE UM ÍDOLO NA VIDA DE SEUS DISCÍPULOS. SEU PAPEL É LEVÁ-LOS A DEUS E NÃO REPRESENTÁ-LO DIANTE DELES.

É a consciência dos direitos totais de Deus sobre a vida das pessoas que livra o líder da usurpação e da tentação de tornar-se um ídolo para seus discípulos.

Lembro-me de um episódio ocorrido com um casal de discípulos da nossa equipe. Quando chegaram à igreja estavam muito maltratados pelo mundo, com grandes feridas na alma. Ela, mulher sempre muito "despachada", chocou-me na primeira vez que conversou comigo. Entrou no meu escritório e disse: "Pastor, comecei a frequentar a sua igreja e tenho gostado muito do que você prega, mas não confio nem um pouco em você!" E arrematou: "Tem muito charlatão por aí"... Eu, respirando fundo para assimilar o golpe, respondi: "De fato, você não pode confiar em mim. Afinal, ainda não me conhece. Mas fique aí, observe a minha vida, minha família e investigue quem eu sou. Um dia você vai confiar..."

O processo de conquista nesse caso não demorou muito. Ela e seu marido logo tornaram-se verdadeiros discípulos, e o que era desconfiança deu lugar a uma relação de paternidade.

Anos depois, este mesmo casal, já líderes na igreja, estava diante de uma decisão que afetaria profundamente suas vidas. Ele tinha uma proposta de trabalho para mudar-se de nossa cidade. Financeiramente era vantajoso, mas seria a vontade de Deus? Procuraram-me como bons discípulos para compartilhar a situação e orarmos juntos. Porém, uma palavra daquela irmã acendeu os alarmes em meu coração. Ela disse: "Pai - é assim que me chama hoje, embora esse não seja um costume entre meus discípulos - nós estamos diante desta decisão e o que você nos falar tomaremos como direção de Deus".

Eu compreendi sua necessidade de ajuda e a extrema confiança que tinha em mim, agora, mas notei que estava passando do ponto saudável. Então respondi: “Queridos, eu sou o pastor e discipulador de vocês, mas nunca serei o seu guru. Se Deus me der uma palavra, certamente compartilharei, mas estou aqui para ajudar vocês a orar e discernir a direção do Senhor e não para substituí-Lo em suas vidas”. Assim, terminamos nossa conversa pedindo uma direção para aquele momento, coisa que o Espírito trouxe dias depois, gerando convicção, em seus corações, do que fazer.

HÁ UMA DIFERENÇA ENTRE SER CANAL PROFÉTICO E SER MEDIADOR. LÍDERES CONFIÁVEIS BUSCAM AJUDAR SEUS DISCÍPULOS A OUVIREM A VOZ DE DEUS.

Entendo que um fazedor de discípulos deve ser canal profético para a vida dos que o seguem e até mesmo que ele tem a responsabilidade de perceber a vontade de Deus para muitos aspectos de suas vidas. Haverá momentos em que terá que despertá-los para esta vontade. Nunca me furtei a isso. Porém, o cuidado para não o fazer levianamente e para não manipular pessoas de acordo com percepções ou interesses puramente humanos, deve ser extremo. A palavra de um líder pode desviar alguém do plano de Deus para sempre e estragar sua vida. Eu já vi isso acontecer mais de uma vez...

Sabedor desse perigo e conhecedor da propensão que muita gente tem de assumir ídolos que as substituam na responsabilidade de ouvir a voz de Deus, costumo classificar o nível de palavra que estou dando aos meus discípulos, especialmente quando eles estão diante de decisões importantes na vida.

TANTO O DISCIPULADOR QUANTO O DISCÍPULO PRECISAM SABER MEDIR E CLASSIFICAR O PESO DE CADA PALAVRA, PARA NÃO CAÍREM NO ABISMO DA MANIPULAÇÃO.

O primeiro nível é o da “opinião”. Quando dou minha opinião, ela não tem peso e nem profundidade significativos. Não é fruto de uma convicção e tem, apenas, o objetivo de provocar uma reflexão; propor uma possibilidade. De uma opinião minha, qualquer pessoa pode discordar frontalmente, inclusive um discípulo.

O segundo nível é o do “conselho”. Nele, há reflexão, experiência e princípios envolvidos. Quem o ouve, precisa considerá-lo seriamente, embora tenha o direito de questioná-lo, mas a um conselho, espero que um discípulo leve muito a sério e entenda que o ignorar será um grande risco.

O terceiro nível de orientação que dou a alguém é o que classifico como “palavra de Deus”. Aqui, o que eu espero do discípulo é obediência. Aquilo que está claro na Bíblia não é para ser discutido e, muito menos, ignorado. Mesmo assim, um discipulador consciente reconhecerá que, em muitos temas, o que está escrito pode ser interpretado de formas diferentes, e aí, o discípulo tem que assumir o risco de divergir.

Ao me referir à Palavra de Deus, falo das Escrituras, da sã doutrina. Se alguém, sob minha liderança, compartilhar o desejo de desfazer seu casamento, por dificuldades que esteja enfrentando na comunicação, por exemplo, ouvirá de mim uma negativa intransigente. Se a Bíblia não diz que casamentos podem acabar por incompatibilidade de gênios, entre os meus discípulos não haverá quem o faça. Afinal, a Palavra de Deus é nossa base inquestionável.

Bem, estou falando do que está nas Escrituras Sagradas, mas há também o aspecto místico do que podemos chamar de palavra de Deus. Um discipulador muitas vezes pode e deve ser canal profético, transmitindo uma direção que percebe do Espírito. Nesse sentido, deve fazê-lo com ousadia e temor, transferindo ao discípulo a responsabilidade de provar aquela palavra diante de Deus, pois, como diz Paulo, *“em parte conhecemos, e em parte profetizamos”* (conf. I Coríntios 13:9). Toda profecia tem o elemento humano e, por isso, deve ser posta à prova, porém nunca desprezada (conf. I Tessalonicenses 5:20).

A PALAVRA DE DEUS É PARA SER OBEDECIDA, E NÃO DISCUTIDA. O QUE ESTÁ ESCRITO É A BASE INEGOCIÁVEL DO DISCIPULADO.

Tem sido muito saudável fazer discípulos sobre estas bases, ao longo dos anos, em meu ministério. Nunca me escondi da tarefa de liderá-los e guiá-los pelo caminho. Porém, sempre tenho procurado fazê-lo de tal maneira que não seja eu a determinar o rumo, mas o Senhor. A vários deles, justamente quando estavam maduros, após grande investimento da minha parte, quando mantê-los ao meu lado me era muito conveniente, o Espírito requisitou para a obra missionária. Não tivesse eu a consciência de que, embora sob meus cuidados, não eram meus, e sim do Senhor, decidiria segurá-los comigo. Agindo assim, eu me tornaria culpado, por impedir que cumprissem o desígnio do coração de Deus.

Há uma grande diferença entre o líder que quer servir-se do discipulado e o líder que quer servir através do discipulado. Um quer ser destino, o outro quer ser ponte. O primeiro busca subserviência, o outro oferece inspiração.

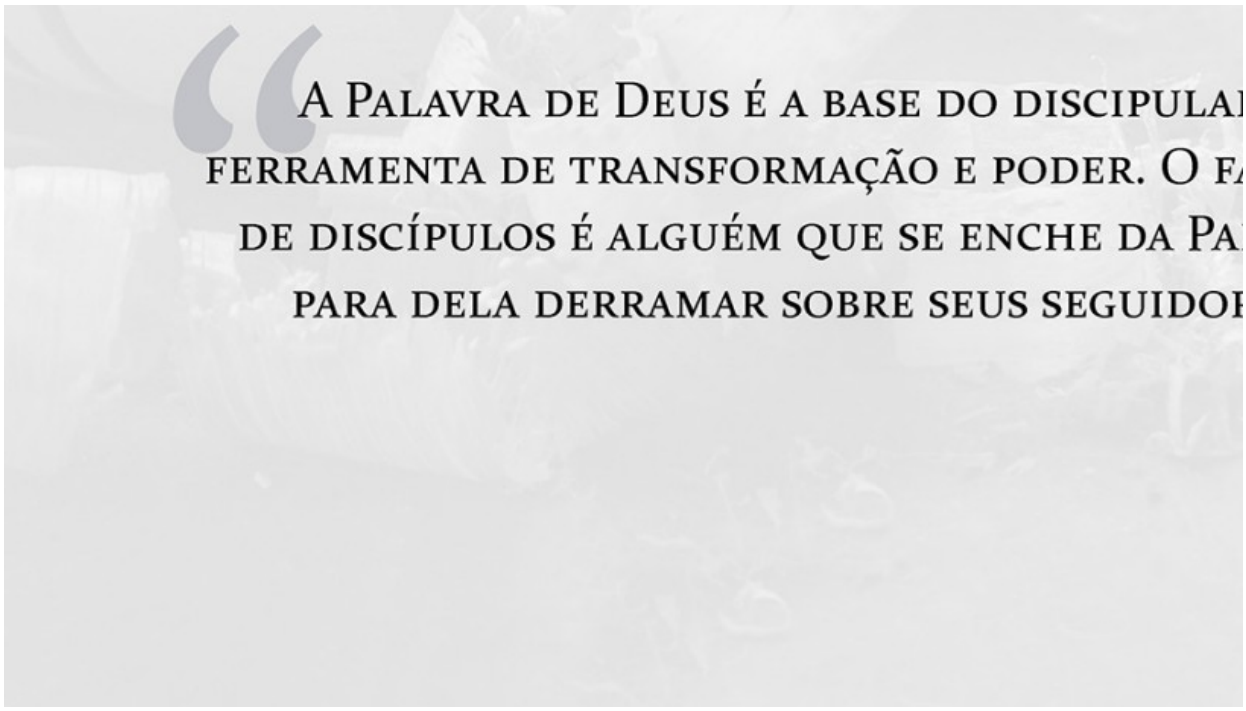
O VERDADEIRO LÍDER ESPIRITUAL QUER SER PONTE, E NÃO DESTINO, NA VIDA DE SEUS DISCÍPULOS. SEU PROPÓSITO É SERVI-LOS, E NÃO SE SERVIR DELES.

Quando Jesus devolveu ao Pai os discípulos que a Ele pertenciam, agora amadurecidos pelo Seu investimento, não nos deixou outra alternativa. A tarefa do discipulado só pode ser cumprida com excelência por líderes-servos que dão suas vidas para formar e entregar a Deus aqueles que são de Deus.

4

CENTRALIDAD DA PALAVRA

"Eu lhes tenho transmitido as palav
que me deste, e eles as receberam,
verdadeiramente conheceram que saí
e creram que tu me enviaste... Eu lhes
dado a tua palavra, e o mundo os od
porque eles não são do mundo,
como também eu não sou."
(João 17:8,14)


A Palavra de Deus é a base do discipula
ferramenta de transformação e poder. O fa
de discípulos é alguém que se enche da Pa
para dela derramar sobre seus seguidor

Centralidade da Palavra

São muitos os líderes, inclusive pastores, que me perguntam: “o que você faz com seus discípulos?” Eu respondo: “tento fazer o que Jesus fez com os Dele”. Isso, porém, é muito subjetivo. Querem um método, uma maneira prática de formação. Então, eu acrescento: “o ponto central, a matéria-prima de minha relação com minha equipe é a Palavra de Deus. É em torno dela que procuramos ter a maior parte das nossas atividades, mesmo as mais informais”.

Em sua prestação de contas, Jesus disse: *“Eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste... Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou”* (João 17:8 e 14). Por duas vezes, o Mestre afirma que o bom resultado do trabalho feito com Seus discípulos devia-se à impartição da Palavra de Deus em suas vidas.

Creio ser importante enfatizar a frase *“eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste”.* Ninguém pode dar o que não recebe. Jesus enchia-Se da Palavra na presença do Pai, para depois derramá-la sobre aqueles homens. Isso nos fala da necessidade de investimento por parte do líder, tanto em adquirir conhecimento, quanto em receber revelação.

O Senhor conhecia a Bíblia, isso era fato. Inúmeras vezes Ele respondia a questões apresentadas a partir de expressões como “está escrito” ou “ouvistes o que foi dito aos antigos”. Isso demonstra um conhecimento angariado desde cedo pela Sua aplicação ao estudo bíblico.

Ninguém formará homens consistentes na fé, a não ser que se dedique à leitura. Por reconhecer isso, vemos Paulo instruindo Timóteo: *“Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino. Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes”* (I Timóteo 4:13-16). Ele sabia que, na tarefa de formar pessoas em Cristo, aquele jovem evangelista precisava dominar as Escrituras. Em outra ocasião, sua instrução, ao mesmo filho na fé, foi: *“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”* (II Timóteo 2:15).

O conhecimento é a matéria-prima da revelação. Quem não conhece a Palavra de Deus, dificilmente discernirá a Sua voz.

O conhecimento é a matéria-prima da revelação. Quem não conhece a Palavra de Deus, dificilmente discernirá a Sua voz. Jesus dominava as Escrituras, mas conseguia entendê-las sob a perspectiva da comunhão com o Pai. Não era como os rabinos da religião formal que incutiam conceitos frios na mente de quem os buscava, enchendo-lhes a cabeça do conhecimento que mata, mas negando-lhes o espírito que vivifica.

Um discipulador cheio da Palavra de Deus abrirá a sua boca e ela fluirá como rio de vida, ainda que escondida nos sotaques simples do cotidiano.

O que quero dizer é que um bom discipulador é alguém que lê muito, mas também que medita muito no que lê, em oração. Ele precisa chegar a poder dizer como Jesus: *"Eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste".*

Agora, é importante dizer que a maneira de se transmitir a Palavra nem sempre será formal ou litúrgica. Eu diria que, no discipulado, na maioria das vezes, não será. É verdade que Jesus, com constância, fazia pregações públicas e, com Sua eloquência, maravilhava as multidões. Nessas ocasiões, lá estava, sempre, a Sua equipe de discípulos a ouvi-Lo também. Na maioria das vezes, entretanto, em que ministrou àqueles homens, o Mestre foi absolutamente informal, natural. Na base da conversa, constantemente aproveitando-Se de situações corriqueiras que os envolviam, Ele lhes transmitia os princípios do reino de Deus, confrontava seus conceitos errados e edificava suas mentes com um novo sistema de valores. Nem sempre Suas palavras continham citações bíblicas ou sotaques da religiosidade, mas tudo o que falava tinha uma sustentação, ainda que não explicitada, nas Escrituras e no entendimento que recebia delas, em Sua comunhão com o Pai.

É assim que se faz discípulos: ensinando-lhes os pensamentos de Deus. Mais do que isso, insistindo até reformatar suas mentes de acordo com os valores do céu.

A convivência é um terreno fértil para isso. Ela produz ocasiões para a semeadura das verdades eternas, além daquelas que poderíamos chamar de agenda ministerial. Vemos, por exemplo, Jesus confrontando o ímpeto agressivo dos irmãos Tiago e João, a quem Ele apelidou ironicamente de "filhos do trovão" justamente por seu temperamento explosivo. Ao flagrá-los querendo mandar fogo do céu sobre os samaritanos que os resistiam, o Senhor não perdeu a oportunidade de retrabalhar suas mentes. Diz a Bíblia: *"Jesus, porém, voltando-se os repreendeu e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las"* (Lucas 9:55-56).

Quem vê o doce e compassivo João, muitos anos depois, ensinando: *"Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo"* (I João 2:1); nem imagina que se trata daquele "galinho de briga" do começo da caminhada com Jesus. Porém, pela ministração contínua da Palavra, corroborada pelo testemunho coerente do seu Líder, a mentalidade daquele homem fora mudada e, consequentemente, suas atitudes reprogramadas. Foi por esse processo que "o filho do trovão" tornou-se "o discípulo do amor".

O Carpinteiro de Nazaré usava a Palavra de Deus para esculpir em seus discípulos uma nova mentalidade. Fazer discípulos é reformatar conceitos a partir da revelação.

A prática se repetia, dia após dia, durante três anos. Um fato acontecia, e lá estava Jesus chamando a Sua turma e incutindo conceitos sobre aquilo em suas mentes e corações. Isso - juntado às ministrações formais nas sinagogas, nas grandes cruzadas com as multidões e aos momentos de ministração particular à equipe nos cenáculos da vida - foi edificando um sistema de valores naqueles homens que os sustentou frutíferos na fé pelo resto de seus anos.

A criatividade pode ser uma maravilhosa aliada do líder para fazer com que um princípio da Palavra de Deus nunca caia no esquecimento de seus discípulos.

Veja, por exemplo, o Mestre chamando Seus discípulos diante do gazofilácio, no templo, para observarem a oferta sacrificial de uma viúva pobre e, a partir da cena, revelar-lhes o sistema pelo qual Deus mensura as ofertas que os homens Lhe trazem; ou então, chame à memória a cena em que Ele busca uma criança e a coloca no meio dos "marmanjos" que O seguiam, para lhes ensinar sobre o valor dos pequeninos no reino ou para ilustrar o coração simples que Deus quer encontrar nos homens.

Assim, muitas vezes e de inúmeras formas criativas, Jesus apropriava-Se de situações corriqueiras que passariam batidas aos olhos da maioria, para ensinar valores do reino aos Seus seguidores.

Esse tipo de ministração ocorria “à paisana”, nos cenários mais comuns da vida humana. Não estivessem os discípulos atentos, perderiam lições preciosas, dando a elas o *status* de meros comentários pessoais. Entretanto, em praticamente tudo o que falava, Jesus tinha a intenção de ser oráculo de Deus, mesmo que fosse da forma mais discreta possível.

Havia momentos, também, em que o Rabi preparava o cenário para ilustrar os princípios que queria transmitir. Eu chamo esse método de “parábolas vivas”. Como você deve saber, era hábito de Jesus contar parábolas. Ele inventava historinhas carregadas de valores celestiais e, através delas, ministrava tanto à multidão quanto aos Seus discípulos. Entretanto, em certas ocasiões, ao invés de inventar as histórias, Ele as produzia, no mundo real, usando do poder sobrenatural que carregava ou dando fluência à uma criatividade absolutamente humana.

Veja, por exemplo, o episódio em que o Senhor amaldiçoa uma figueira, por não encontrar nela frutos. A árvore secou, chamando a atenção dos discípulos. Entretanto, não se tratava de uma descarga de mau humor do Mestre sobre a pobre planta. Aquilo foi, na verdade, uma aula sobre frutificação. Embutida no episódio estava a intenção de ministrar sobre a expectativa de Deus, no sentido de encontrar, sempre, frutos em nós. A imagem da figueira seca não deixou os pupilos esquecerem aquela lição; nunca mais!

Houve outras ocasiões em que Jesus usou de milagres para ilustrar princípios. Numa delas, após vê-Lo ministrar à multidão por um longo dia, Seus discípulos O aconselharam a despedir o povo, pois todos estavam famintos e deveriam ir embora, buscar algo para comer. Foi, então, que o Senhor propôs-lhes um desafio que parecia inatingível: *“Dai-lhes vós mesmos de comer”* (conf. Marcos 6:35-44).

OS CENÁRIOS DO COTIDIANO SÃO A MELHOR SALA DE AULA PARA QUE UM LÍDER ENSINE SEUS DISCÍPULOS A VIVEREM NA TERRA COMO HOMENS DO CÉU.

Os discípulos ficaram “loucos”. Fizeram todos as contas e não encontravam outro resultado senão o “impossível”. Foi então que Jesus passou a instruí-los sobre como alimentar uma multidão, evitando que ela disperse.

Eu estou convencido de que, para muito além de produzir um milagre e resolver o problema imediato daquele povo, Jesus estava desenhando diante dos olhos de Sua equipe, princípios estratégicos, fundamentais, para se lidar com a multidão.

DIGA ALGUMA COISA E SEUS DISCÍPULOS PROVAVELMENTE A ESQUECERÃO. FAÇA ALGUMA COISA ESPECIAL COM ELES E SUAS MENTES FICARÃO MARCADAS PELA LEMBRANÇA.

Entre as ações que Ele orientou naquele episódio, estão: o valor de dar início a qualquer projeto colocando os olhos no que se tem disponível, e não no que falta (no caso, tudo começou com cinco pães e dois peixes disponibilizados por um garoto); a premência de se organizar a multidão em pequenos grupos, para que cada um pudesse receber uma porção pessoal; a necessidade de que a equipe fizesse a ponte entre o líder principal e o povo, distribuindo as orientações e o alimento; a ativação do sobrenatural através da fé e da oração.

Tudo isso foi vivido e assimilado pelos doze. Tempos depois, já sem Jesus, mas novamente diante do desafio da multidão, quando no dia de Pentecostes milhares de pessoas acorreram para o cenáculo onde estavam, famintas por salvação, eles sabiam o que fazer. Usaram os poucos recursos de que dispunham, organizaram o povo em pequenos grupos, de casa em casa, funcionaram como uma equipe apostólica distribuindo a visão e a doutrina e fizeram da oração uma fonte constante de milagres. Foi assim que a Igreja nasceu e se expandiu em Jerusalém, praticando uma estratégia ilustrada e aprendida na multiplicação de pães, às margens do Mar da Galileia.

Talvez você pense: “Tudo muito bonito e eficaz, mas eu não tenho o poder de produzir milagres como Jesus tinha”. Bem, embora eu não subestime o que o Espírito Santo pode e quer fazer através de nossas vidas, admito que o desafio do sobrenatural pode ser grande

para a maioria de nós. É possível, porém, ministrar a Palavra através de “parábolas vivas” produzidas pela criatividade que qualquer um pode exercitar.

Quando Jesus, por exemplo, quis ministrar a Seus doze sobre liderar servindo, cingiu-Se de uma toalha e lavou-lhes os pés. Não houve ali nenhum milagre, mas a imagem daquela ministração produziu frutos sobrenaturais em suas vidas.

Tenho um amigo que usou dessa ferramenta de forma inusitada, mas poderosa. Procurado por um casal de discípulos em “pé de guerra”, decididos a se divorciarem, ele os colocou em seu carro e conduziu-os a um cemitério. Lá, sentado com eles diante do silêncio das sepulturas, ministrou sobre a brevidade da vida, levou-os a pensar sobre a quantidade de pessoas que ali estavam enterradas depois de fracassarem nas demandas mais importantes de sua existência e, por fim, falou dos que também morreram mas, em meio a muitas lutas, deixaram um legado para os filhos, resistindo à fuga do divórcio. Quando terminou sua “parábola viva” no cenário da morte, o casal em litígio resolveu repensar sua decisão e lutar pela aliança feita no altar de Deus...

Um fazedor de discípulos sem conteúdo na Palavra será como alguém que espalha bolhas de sabão. Sua retórica pode ser bonita, mas não alimentará ninguém!

Eu estou discorrendo sobre as técnicas, a linguagem, a didática que Jesus usava para transmitir a Palavra de Deus aos seus seguidores, e que nós podemos reproduzir. Essa via é muito interessante. Nada, porém, é mais fundamental do que o conteúdo. Sem que haja substância no ensino, a criatividade e o carisma de um discipulador podem ser comparados a alguém que espalha bolhas de sabão: muito bonito, mas sem nada por dentro a aproveitar.

A boca sempre falará daquilo que está cheio o coração. Líderes de êxito alimentam-se da Palavra, para depois alimentarem seus discípulos.

Líderes que não têm a palavra para compartilhar, no máximo formarão discípulos infantis. Os que somente distribuem leite espiritual ou, pior, que transmitem conceitos forjados por suas próprias mentes ou pelos pensamentos do mundo, não podem esperar que depois esses frutos tenham alguma consistência.

É maravilhoso quando um líder, seja ao compartilhar um estudo bíblico, em grupo, seja ao aconselhar naturalmente um discípulo num desafio de sua vida, abre a sua boca e dela fluem os conceitos eternos da Palavra de Deus! Para que isso aconteça, é preciso viver alimentando-se da Palavra, pois a boca sempre falará do que estiver cheio o coração.

Lembro-me de um jovem que me procurou ao final de um culto e disse: “Pastor, eu sou tão edificado pelas suas pregações! Por favor, imponha as mãos sobre mim para que eu receba a Palavra de Deus e possa pregar assim”. Eu, sorrindo, lhe respondi: “Você está brincando! Eu passo décadas estudando a Bíblia e meditando sobre ela na presença de Deus, e você quer receber tudo numa oração? Quer o segredo, meu filho? Vá estudar!”

Eu estava me divertindo com a atitude daquele rapaz, mas, de certa forma, falando sério. Ninguém terá a Palavra de Deus sem dedicar-se a ela.

Não há nada que possa dar tanta autoridade a um homem quanto a Palavra revelada, especialmente quando ela é ensinada com segurança e vivida com integridade! Carisma e dons podem atrair pessoas, mas é a consistência nas Escrituras que as mantém alimentadas e firmes!

Como já contei, num capítulo anterior, aos vinte anos, fui enviado com o desafio de plantar uma igreja. Eu tinha cara de menino, pouca experiência e um temperamento introvertido. Para aumentar meu desafio, os primeiros discípulos que consegui atrair eram mais velhos que eu e de classe sociocultural mais alta. O que eu podia oferecer-lhes? Que autoridade podia um jovem, como eu, ter para reconstruir sua maneira de pensar e viver? Como poderia inspirá-los a me seguirem? Posso dizer, com toda a convicção, que minha intimidade com a Palavra de Deus, mesmo sendo tão jovem, foi o grande trunfo que tive para ser bem-sucedido naquela missão. Quando olhavam para mim, viam um moço comum

e sem nada para impressionar. Quando, porém, me ouviam falar, podiam perceber claramente que eu tinha uma mensagem do céu.

AS HABILIDADES DE UM LÍDER PODEM DISTRAIR PESSOAS, MAS SOMENTE A CONSISTÊNCIA NA PALAVRA CONSEGUIRÁ TORNÁ-LAS FORTES E VENCEDORAS.

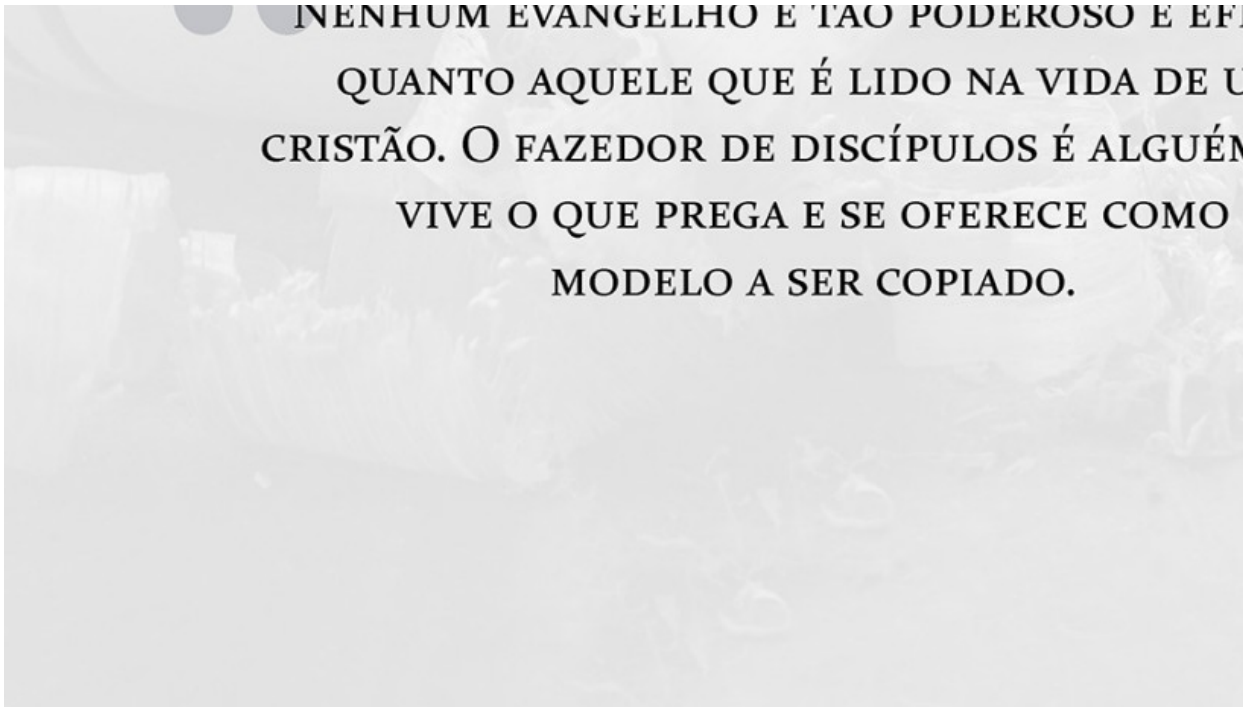
Todos nós compareceremos um dia diante de Deus para prestar contas dos nossos frutos (ou da falta deles) e da qualidade que eles apresentaram. Estou seguro de que os que sairão desse encontro galardoados serão aqueles que puderem dizer sobre seus discípulos: *"Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou".*

5

NECESSIDADE DE MODELO

"E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade."
(João 17:19)

"


NENHUM EVANGELHO É TÃO PODEROSO E EF
QUANTO AQUELE QUE É LIDO NA VIDA DE U
CRISTÃO. O FAZEDOR DE DISCÍPULOS É ALGUÉM
VIVE O QUE PREGA E SE OFERECE COMO
MODELO A SER COPIADO.

Necessidade de Modelo

Jesus faz uma afirmação reveladora, quando está entregando ao Pai a equipe de homens que formou durante Seu ministério: *"E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade"* (João 17:19).

Sempre pensei na santidade sob duas perspectivas. A primeira, como um reflexo da presença de Deus em nossa vida. Se Aquele que é Santo habita em mim, pelo Espírito, Sua influência me induzirá à santificação.

A segunda perspectiva é a da santidade como uma oferta que eu dou ao Senhor, fruto de uma decisão que faço, todos os dias, todos os momentos, ao dizer "não" ao pecado. Portanto, sempre compreendi a santificação como um processo que diz respeito apenas à minha relação com Deus.

Em Suas palavras, porém, Jesus apresenta a santidade como algo que tem repercussão sobre a vida de outras pessoas, especialmente a dos discípulos. Como é que isso se dá? Certamente não se trata de uma transferência mística de créditos espirituais, do tipo "eu pago e eles recebem". A chave aqui é a necessidade de que o discipulador se ofereça como modelo confiável a ser copiado. Um líder santo formará discípulos santos.

Você já deve ter ouvido sobre o propósito eterno de Deus: "ter uma família de muitos filhos semelhantes a Jesus". Essa é a ideia contida em Romanos 8:29: *"Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos".* Esse plano divino para a igreja implica em unidade, quantidade e qualidade.

O discipulado é o programa pelo qual esse propósito se estabelece. Porém, como vemos, não basta multiplicar crentes e fazê-los viver em comunidade. É preciso dar-lhes o padrão de vida correto, de acordo com a vontade de Deus. Eles precisam ser edificados *"conformes à imagem de seu Filho".*

A santidade na vida de um fazedor de discípulos tem forte repercussão sobre os seus seguidores. O testemunho é a maior fonte de inspiração que existe!

Temos estabelecido, portanto, um ideal: que todo crente se torne como Jesus. Para que isso aconteça, o líder, o discipulador, aquele que forma, precisa trazer em sua vida o padrão correto. Veja o que Paulo escreveu: *"E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros"* (II Timóteo 2:2). Ele estava ensinando o jovem Timóteo a fazer discípulos e enfatizou que essa transmissão dos valores de Deus precisa ser feita por homens idôneos e fiéis; em outras palavras, por pessoas que sejam modelo.

É disso que Jesus está falando quando diz *"eu me santifico para que eles sejam santificados".* A presença de um modelo fiel é uma das chaves mais importantes para que o discipulado atinja seu propósito.

Nada é mais poderoso para influenciar pessoas do que o exemplo. As atitudes de um líder sempre falarão mais alto do que suas palavras.

Todo líder se reproduz segundo a sua espécie. Mais do que seus ensinamentos, é o seu estilo de vida que acaba sendo assimilado por quem o segue. Se ele não for um imitador de Cristo, tornar-se-á um elemento de degeneração no meio da igreja, levantando uma descendência corrompida.

Não há nada mais poderoso para influenciar pessoas do que o exemplo; seja para o bem ou para o mal. As atitudes de um cristão sempre falarão mais alto do que suas palavras.

Tenho visto líderes de boa retórica, de grande carisma, mas de caráter duvidoso. Basta olhar ao redor deles e quase sempre você descobrirá que seus seguidores pessoais apresentam os mesmos desvios.

É fácil entender. Quando alguém que está em formação encontra incoerências entre aquilo que está na Bíblia e aquilo que seu líder faz, das duas, uma: ou assimilará o sofisma de que a Palavra de Deus não deva ser levada tão a sério e, assim, abrirá brechas para o "vale-tudo" em sua vida cristã; ou lutará com questionamentos interiores e, mais cedo ou mais tarde, abandonará aquela liderança, desiludido com o evangelho ou em busca de um porto mais seguro.

É espantosa a quantidade de pessoas vacinadas contra a igreja, como consequência do mau testemunho de líderes cristãos! Não falo necessariamente dos feridos por escândalos públicos. Boa parte dos "evangélicos sem igreja" e dos "nunca mais evangélicos" foi desiludida, nos bastidores da fé, ao conviver com líderes que não tinham uma vida alinhada com seu discurso. Por outro lado, gente que vive a Palavra de Deus, com veemência, tende a ajuntar, ao seu redor, seguidores que levarão a sério o reino de Deus.

Falo por experiência própria. Tenho um pastor sobre minha vida há mais de vinte anos que, com seu testemunho pessoal, muitas vezes sem palavras, desafia-me o tempo todo a ser um crente melhor.

Conheci Harry Scates quando eu era um órfão no ministério. Como a maioria dos pastores da minha geração, cresci quase por conta própria. É verdade que tive bons mestres, homens carismáticos que me inspiraram e até me pastorearam, mas, antes de conhecer Harry, não sabia o que era paternidade espiritual e nem havia sentido o impacto decisivo do testemunho de um líder sobre a minha vida.

UM LÍDER PODE SER DIVINAMENTE HUMANO, PODEROSAMENTE SIMPLES, IRRESISTIVELMENTE SUAVE, PELA FORÇA DO SEU TESTEMUNHO.

Costumo dizer que o mais espetacular em meu pastor é que ele não é nada espetacular. Sua simplicidade chega à beira do despojamento. Embora seu preparo bíblico e cultural sejam profundos, ele não é "o pregador das multidões". O mais impressionante é que, assim, sem nenhum esquema de marketing pessoal, esse homem tem causado, ao longo de todos esses anos, uma profunda influência sobre a minha vida e sobre a de inúmeros pastores que o seguem e reverenciam, mundo afora. Por que? Simplesmente pelo fato de que o evangelho do reino de Deus pode ser lido em cada detalhe de sua vida. Alguém que não conheça a Bíblia, mas que conviva com um líder assim, saberá claramente qual a vontade de Deus e estará constrangido a obedecê-la ou condenado por rejeitá-la!

SUAS HABILIDADES PODEM ATRAIR MUITA GENTE, MAS APENAS O SEU TESTEMUNHO LEVARÁ PESSOAS A DAREM A VIDA PELA SUA VISÃO.

Jesus entendia o poder da santidade no ministério de um fazedor de discípulos. Não apenas porque era o Filho de Deus e tinha o desafio de vencer o pecado para entregar-Se como oferta aceitável na Cruz, mas porque sentia a necessidade de santificar Seus discípulos com Seu exemplo, Ele Se consagrou dia após dia.

Qualquer líder sério guardará essa consciência. O apóstolo Paulo, outro grande fazedor de discípulos, dizia: *"Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós"* (Filipenses 3:17). Não provinham de soberba afirmações como essa, mas da consciência de uma obrigação. Ele mesmo afirmou: *"Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal (pecador), evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna"* (I Timóteo 1:16).

A base de autoridade de um líder é o seu testemunho! O carisma pode atrair pessoas, mas é um caráter firme que as manterá ao seu lado! Acho revelador o que a Bíblia diz a

respeito de Davi, em Salmos 78:72: *“E ele os apascentou conforme a integridade do seu coração e os guiou com a perícia de suas mãos”.* Aqui está o grande segredo de um formador de valentes. Ele era preparado, tinha claras habilidades de liderança, mas apoiava tudo isso num coração íntegro. O próprio Deus deu testemunho a seu respeito, falando ao seu filho, Salomão: *“Se andares perante mim como andou Davi, teu pai, com integridade de coração e com sinceridade, para fazeres segundo tudo o que te mandei e guardares os meus estatutos e os meus juízos, então confirmarei o teu trono...”* (I Reis 9:4-5).

Pensando em como Davi formou os seus valentes, a partir daquele bando de homens estragados da caverna de Adulão, podemos atestar essa verdade. Se tivesse sido apenas um treinador militar, usando suas habilidades para ensiná-los a guerrear, poderia até criar uma gangue violenta que brigasse por suas causas. Mas Davi foi muito além: formou o caráter daquela equipe e o fez, acima de tudo, dando-se a ela como modelo de homem de Deus.

NADA TEM MAIOR PODER PARA REFORMATAR MENTES DO QUE O TESTEMUNHO IRREPREENSÍVEL DE UM LÍDER EM MEIO ÀS DIFICULDADES.

Um dos momentos ilustrativos desse processo de ensino através do exemplo, foi o dia em que Davi encontrou Saul, o rei odiento que o perseguia, desguarnecido e literalmente “com as calças nas mãos”, sozinho, numa caverna. Seus homens, ainda novos na caminhada com o novo líder, viram ali a grande oportunidade de acabar com Saul e colocar fim ao martírio daquela perseguição injusta. Foi, então, que Davi os surpreendeu com um padrão de integridade que certamente eles não conheciam. Conta-nos a Bíblia: *“E disse aos seus homens: O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, isto é, que eu estenda a mão contra ele, pois é o ungido do Senhor. Com estas palavras, Davi conteve os seus homens e não lhes permitiu que se levantassem contra Saul; retirando-se Saul da caverna, prosseguiu o seu caminho”* (I Samuel 24:6-7).

UM POVO SEM REFERÊNCIAS, SERÁ UM POVO SEM PADRÃO. O GRANDE DESAFIO DA IGREJA É LEVANTAR CRENTES QUE CAUSEM IMPACTO NA SOCIEDADE. ISSO NUNCA SE DARÁ SEM O MODELO DE LÍDERES SANTOS.

Você consegue imaginar uma aula sobre lealdade e temor a Deus mais impactante do que essa? Aquela equipe em treinamento aprendeu que, no reino de Deus, princípios valem mais do que oportunidades! Se Davi não iria se levantar contra o rei de Israel, mesmo desviado e cego de ciúmes, por ser ele uma autoridade estabelecida pelo Senhor, aqueles homens estavam constrangidos a assimilar seu conceito. Provavelmente, isso explique o fato de muitos deles terem se tornado os líderes tão leais que vemos, depois, em atitudes heroicas, sustentando o reino de Davi! Aprenderam com seu discipulador, não só na teoria, mas também na prática.

A necessidade de modelos confiáveis é premente na igreja atual. Um pseudocristianismo tem sujado as águas do evangelho em nações como a nossa. Ele nasce de uma liderança corrompida que se multiplica quase como uma pandemia. Precisamos “virar o jogo” e isso só será possível através de um discipulado com padrão de integridade.

Há um episódio bíblico que ilustra muito bem esse desafio e o processo que ele exige. Ele está narrado em Gênesis 30:27-43. Naquela ocasião, Jacó chegara à conclusão de que precisava trabalhar por sua casa e multiplicar o seu próprio rebanho. Disso dependia o cumprimento das promessas de Deus em sua vida. Seu sogro Labão, também pastor como ele, propôs-lhe, então, um negócio. A partir daquele dia, as ovelhas que nascessem salpicadas, malhadas ou listradas seriam de Jacó; as que nascessem com pelagem uniforme, seriam de Labão.

Jacó, então, colheu varas verdes de álamo, de plátano e de aveleira e fez nelas marcas, cavando em sua superfície. Depois, colocou as varas marcadas como referência nos bebedouros, diante do rebanho. Conta-nos a Bíblia que as ovelhas, ao verem as varas marcadas, concebiam e depois pariam filhos com pelagem salpicada, listrada ou malhada.

Assim o rebanho de Jacó cresceu mais do que o de Labão, contra todas a probabilidades naturais.

Por muito tempo eu cavei nesse texto bíblico, buscando algo que estivesse além da letra, além do relato histórico. Meu garimpo estendeu-se até que um dia o Espírito descortinou a passagem como uma grande "parábola viva" diante de mim.

HÁ DOIS TIPOS DE REBANHO DISPUTANDO ESPAÇO EM NOSSA GERAÇÃO. UM TRAZ AS MARCAS DE CRISTO; O OUTRO CRESCE SEM PADRÃO. UM TEM REFERENCIAIS; O OUTRO, NÃO.

Nesse episódio, entendi que Jacó representa os pastores que vivem debaixo da promessa, respaldados por um legado transmitido pelos pais da fé. Labão, por sua vez, representa os pastores mercenários, que não estão preocupados em cumprir uma visão celestial, mas apenas querem multiplicar seus rebanhos, crescendo assim em poder e riqueza.

A Igreja vive essa "disputa" hoje. Se o rebanho de Jacó, aquele que traz as marcas de Cristo, não crescer mais do que o rebanho de Labão, aquele que não traz padrão algum e que se confunde com o mundo, perderemos a chance de ver cumprido o desígnio de Deus em nossa geração.

O DISCIPULADO VERDADEIRO NADA MAIS É DO QUE A ARTE DE ESCULPIR O CARÁTER DE CRISTO EM PESSOAS DISPOSTAS A APRENDER.

Qual foi, na história bíblica, a grande estratégia de Jacó? Ele trabalhou referências, esculpiu modelos para colocar diante do rebanho e balizar sua multiplicação. À medida que as ovelhas vissem diante de si varas marcadas, reproduziriam conforme o mesmo padrão!

O trabalho que Jacó fez com as varas é uma ilustração perfeita do que deve ser o discipulado. Em primeiro lugar, ele buscou varas verdes, ou seja, maleáveis, flexíveis, facilmente moldáveis. De fato, não é possível discipular quem não se faz discípulo. Pessoas enrijecidas pelo orgulho ou pela religiosidade não aceitam ser marcadas.

Quando Jesus escolheu a equipe de discípulos nos quais investiria, não foi às escolas rabínicas de Jerusalém buscar gente endurecida pela religião; antes, preferiu apostar nas "varas verdes" da Galileia, homens crus, mas dispostos a aprender e a mudar.

Jacó trabalhou as varas, feriu-as, descascou-as, cavou nelas, até que a sua "brancura" interior estivesse exposta. É o que nos conta o texto bíblico. Que tremenda ilustração do processo do discipulado! É a isto mesmo que ele se propõe: investir em pessoas, arrancar sua carnalidade, até que a santidade interior, gerada pelo Espírito, esteja exposta como marca visível do caráter de Cristo!

Prontas as varas como modelos, marcadas conforme o padrão desejado, elas foram levadas ao último estágio: a exposição. Colocadas diante do rebanho, elas se tornaram referência, determinando o padrão que seria multiplicado.

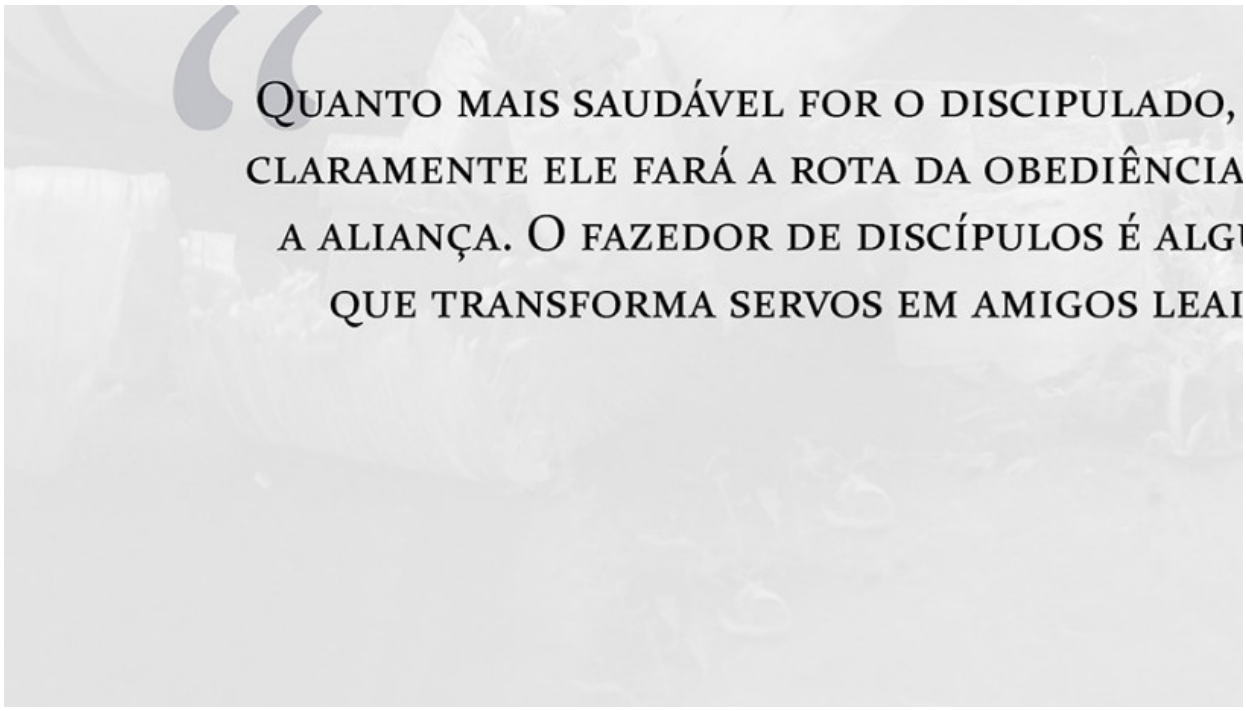
O resumo de tudo é o seguinte: líderes sem padrão gerarão discípulos sem padrão, ao passo que líderes santos disseminarão a santidade no meio do rebanho.

Como Davi, Paulo, Jesus e tantos outros, todo aquele que aceita de Deus o desafio de formar discípulos aprovados, precisará tomar a decisão e dizer: *"a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade".*

6

AMIZADE E ALIANÇA

"Pai, a minha vontade é que onde e
estou, estejam também comigo os q
me deste, para que vejam a minha
glória que me conferiste, porque
amaste antes da fundação do mund
(João 17:24)


Quanto mais saudável for o discipulado,
claramente ele fará a rota da obediência
a aliança. O fazedor de discípulos é alg
que transforma servos em amigos leai

Amizade e Aliança

Um dos grandes segredos do líder de sucesso é amar os seus discípulos. *"O amor é o vínculo da perfeição"* e *"cobre uma multidão de pecados"* (conf. Colossenses 3:14 e I Pedro 4:8). Sem ele, qualquer relação humana fica vulnerável e ameaçada pelas inevitáveis crises.

Jesus amava aqueles que o Pai Lhe deu. Ele não estava ali para realizar um trabalho frio e técnico em suas vidas, mas para conquistá-los e desfrutar deles. Em Suas palavras no capítulo 17 de João, isso transparece com facilidade: *"Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo"* (vs. 24). Mesmo aqui, neste quase momento de despedida, o Senhor está verbalizando o valor que dava à companhia de Seus discípulos.

Obviamente essa é uma via de mão dupla, que exigirá investimento do discipulador e dos que ele forma. Será, sempre, um grande desafio para todo líder fazer com que seus discípulos sejam um com ele. Jesus precisou de tempo para desenvolver esse senso de aliança no coração de Sua equipe. Mesmo com todo o Seu trabalho, naquele momento, já à sombra da Cruz, ainda dependia de que o Espírito Santo viesse sobre eles e potencializasse todas as sementes plantadas em suas vidas, durante os três anos de ministério. Isso aconteceu de fato, em Pentecostes, dez dias após a Sua ascensão.

Aqui, cabe afirmar a importância de que discípulos tenham experiências genuínas e profundas de enchimento pelo Espírito Santo. Por melhor que seja um discipulador, mesmo Jesus, por mais bem feito que tenha sido seu trabalho em formá-los, nada substitui a experiência pessoal deles com Deus!

Dito isto, voltemos à relação de Jesus com Seus doze. Já vimos, no segundo capítulo, que Ele precisou de tempo para conquistar-lhes a plena confiança e submissão, mas Seu propósito ia muito além disso. Ele queria desenvolver uma amizade verdadeira com cada um. A proposta não era técnica, apenas um grupo de alunos seguindo um mestre. Jesus queria cativar mais do que suas mentes; queria seus corações!

A PRIMEIRA GRANDE VERDADE QUE UM LÍDER PRECISA PLANTAR NO CORAÇÃO DE SEU DISCÍPULO É O VALOR QUE ELE TEM COMO PESSOA EM SEU PRÓPRIO CORAÇÃO.

Esse processo começou ainda no cenário onde eles se conheceram. As primeiras ações do Mestre para com aqueles homens foi valorizá-los como pessoas e mostrar-lhes que queria proximidade. A André e um companheiro Ele surpreendeu, na primeira vez que conversaram, chamando-os para irem à sua casa, onde passaram o dia (conf. João 1:35-42). A Pedro chamou para pescar e depois visitou-o em sua residência, curando sua sogra que jazia com febre (conf. Lucas 5:4-11 e Mateus 8:14-15).

Gestos como esses revelavam Sua intenção de desenvolver relacionamento, e não apenas de treiná-los para a obra de Deus. Jesus não os via como máquinas ministeriais, mas como pessoas amáveis!

O CONCEITO DE HIERARQUIA NÃO DEVE SER CONFUNDIDO COM SUPERIORIDADE. NO REINO DE DEUS, É POSSÍVEL SER SERVO E AMIGO. ESSE É O NÍVEL MAIS ELEVADO DO DISCIPULADO.

Infelizmente, muitos líderes querem frutos na vida dos seus discípulos e só conseguem vê-los sob a perspectiva dos resultados que darão. Se, porém, não ganharem primeiro a visão de que são gente, e como gente têm que ser valorizados, nunca chegarão a colher frutos abundantes de suas vidas.

Jesus olhava para cada discípulo como alguém desejável e investiu em tê-los como amigos. Obviamente, no começo da caminhada, aqueles homens se relacionaram com Ele apenas na condição de líder e liderados. De um lado estava um homem muito especial e cheio de Deus, e do outro, um grupo de galileus dispostos a submeterem-se e aprender com Ele.

Na relação de discipulado existe, sim, uma hierarquia estabelecida. O mestre e os discípulos não estão no mesmo nível de autoridade. Isso não era de difícil compreensão para os doze de Jesus, pois a cultura judaica dava-lhes essa noção. Eles estavam acostumados a ver os rabinos com seus pupilos, e a reverência com que estes tratavam aquela relação. Esperavam, portanto, seguir Jesus, servi-Lo como líder e aprender com Ele. Só isso! Porém, a maneira carinhosa e próxima como o Senhor os tratava, foi revelando, ao longo da caminhada, que era possível serem submissos e, ao mesmo tempo, tornarem-se amigos do seu mentor.

Depois de três anos juntos, ao realizar Sua última reunião com eles, antes de enfrentar a Cruz, Jesus fez uma poderosa declaração: *"Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer"* (João 15:15). O relacionamento entre aqueles homens e o Mestre havia crescido do nível da pura submissão para o nível da amizade, e Jesus estava claramente feliz com essa conquista.

Um discipulador será tanto mais eficiente quanto mais conseguir desenvolver verdadeira comunhão com seus discípulos. Quando esta relação extrapola os limites da técnica e conquista o coração, torna-se infinitamente mais poderosa.

Lembro-me de muitos episódios ocorridos, em minha relação com meus discípulos, nos quais o envolvimento emocional foi importantíssimo. Um deles, por exemplo, estava vivendo um persistente período de dificuldades financeiras. Ele havia sofrido um revés numa sociedade comercial e herdara prejuízos que bagunçaram suas contas. Durante aquele tempo de escassez, eu o havia ajudado, algumas vezes, tirando dinheiro do meu próprio bolso para pagar contas básicas de sua casa.

O ÊXITO DO DISCIPULADO SERÁ PROPORCIONAL À COMUNHÃO E À AFETIVIDADE ENTRE O LÍDER E SEU DISCÍPULO. QUANTO MAIOR A INTIMIDADE, MAIOR O PROGRESSO.

Um dia esse discípulo amado entrou em minha sala, bastante abatido. A situação havia piorado. Para minha frustração, após ouvi-lo, eu não tinha nenhum conselho para dar. Todas as palavras de consolo e fé já estavam gastas e eu não sabia o que dizer para tirá-lo daquela situação. Sem ter, então, o que lhe falar, abracei-o e comecei a chorar. Eu amava aquele irmão e meu coração estava tomado de compaixão por ele. Sentia que o seu problema era meu também. Por isso, minhas lágrimas correram naturalmente e misturaram-se com as dele, naquela manhã difícil e sem palavras.

O FORMALISMO SUFOCA RELACIONAMENTOS. UM FAZEDOR DE DISCÍPULOS SERÁ TÃO MAIS INFLUENTE, QUANTO MAIOR FOR A LIBERDADE DOS SEUS DISCÍPULOS SE APROXIMAREM.

Tempos depois, quando Deus já havia produzido uma virada em sua vida financeira e as coisas estavam bem, ele me disse: "Eu nunca experimentei um aconselhamento tão profundo em minha vida quanto o daquele dia, quando você não tinha uma direção para me dar, mas tinha lágrimas para compartilhar comigo. Saí daquela sala sentindo-me o homem mais amado do mundo..."

Infelizmente, um parasita chamado "formalismo" tem sufocado os relacionamentos dentro da casa de Deus. Muitos líderes têm medo de se aproximarem, de serem amigos dos seus subordinados. Pensam que isso os fará perder a autoridade. Entretanto, se amizade e

hierarquia forem trabalhadas da maneira correta, nunca serão valores antagônicos. O próprio Jesus disse aos Seus discípulos: *"Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando"* (João 15:15), deixando claro que intimidade e amor não devem e não precisam ser confundidos com ausência de autoridade.

O outro nível de relacionamento que o Senhor Se empenhou para desenvolver em Sua equipe foi o da aliança. Aqueles homens começaram como servos, avançaram para o patamar da amizade com Seu líder e terminaram num pacto de fidelidade. Isso vai além de sentimentos e realmente sustenta uma relação!

Houve um momento crítico, durante o ministério de Jesus. Ele vinha fazendo muitos milagres, beneficiando multidões, e muita gente passou a segui-Lo, por mera conveniência. Então, Ele resolveu "colocar os pingos nos is". Fez um duro discurso, no qual exigia de Seus seguidores uma postura de aliança. Suas palavras chocantes foram: *"Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele"* (João 6:56).

O resultado dessa séria chamada ao compromisso foi que *"à vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com Ele. Então, perguntou Jesus aos doze: Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?"* (João 6:66-67). Ainda bem que Pedro se expressou pelo Seu grupo mais íntimo de seguidores e manifestou a decisão de seguirem firmes na aliança assumida.

Duas coisas me chamam a atenção neste episódio. A primeira é que Jesus buscava pessoas dispostas a andarem por um pacto. A segunda, que qualquer um estava livre para seguir o seu próprio caminho, sem ameaças ou maldições proferidas. Aqueles, porém, que fossem ficar, deveriam ficar com compromisso!

O DISCIPULADO QUE NÃO CRESCE NA DIREÇÃO DE UMA ALIANÇA PELO REINO DE DEUS, PERDEU O SEU RUMO E SERÁ TÃO INSTÁVEL QUANTO AS CIRCUNSTÂNCIAS.

Creio que um discipulado verdadeiro precisa avançar para este patamar de aliança. Obviamente, com Jesus a coisa era muito mais profunda. Ele era o Messias, Unigênito de Deus. Sua proposta ia muito além de um pacto temporal entre homens. Guardadas, porém, as devidas proporções, uma relação séria de discipulado deve ultrapassar os limites da conveniência ou do prazer e entrar nas raias de um verdadeiro pacto espiritual.

É A ALIANÇA QUE FARÁ COM QUE UM LÍDER NÃO DESISTA DE SEUS DISCÍPULOS, EM MEIO ÀS MAIORES DIFICULDADES. SÓ A ALIANÇA PROTEGERÁ O AMOR.

Não estou falando de homens que fiquem presos a um líder pelas relações doentias de manipulação que ferem boa parte da igreja. Já repugnamos isso, no segundo capítulo deste livro. O discipulado não pode ser usado para prender pessoas, mas para conduzi-las a desenvolverem seu ministério e cumprirem o plano de Deus. Entretanto, se não houver compromisso assumido diante de Deus entre as partes, discipulador e discípulo, se não pactuarem permanecer firmes, mesmo quando houver dificuldades, o resultado ficará ameaçado.

O compromisso ao qual me refiro é bilateral. Ao que lidera, cabe insistir na formação daqueles que o Senhor lhe deu, mesmo quando isso não for confortável. A Bíblia diz que Jesus, *"tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim"* (João 13:1). Certamente não foi fácil! Imagine-O, do alto da Sua espiritualidade, tendo que suportar a infantilidade, as carnalidades e a falta de fé daqueles galileus! Um dia, Ele chegou a expressar Sua decepção, diante da incapacidade de Seus discípulos libertarem um endemoninhado: *"Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei?"* (Marcos 9:19).

Um amigo meu tem uma teoria divertida para o episódio em que o Senhor colocou os doze num barco e os enviou para o meio da tempestade, negando-Se a acompanhá-los. Segundo essa "interpretação apócrifa", o Mestre estava tão cansado daqueles homens que decidira livrar-Se deles. Como, porém, o Pai não concordou com Sua decisão, mandou-O resgatá-los e Ele, então, teve que ir andando sobre as águas...

Brincadeiras à parte, qualquer um que se dedica a fazer discípulos passa por momentos em que sente vontade de livrar-se deles, desistir. Como, porém, são vidas que o Senhor nos confiou, não temos essa opção. Ainda que nos imponham trabalho e decepções, é nosso papel amá-los até ao fim.

Os discípulos também precisam ser conduzidos a um nível de aliança com quem está investindo em suas vidas. Onde não há compromisso, não haverá consistência! Uma relação na base do "bom, enquanto durar" não atinge o propósito de Deus.

SEM COMPROMISSO, QUALQUER RELAÇÃO HUMANA SERÁ FRÁGIL. O DISCIPULADO EXIGE UMA ALIANÇA PORQUE ELE É SEQUÊNCIA DO PACTO DA CRUZ.

Uma das histórias mais lindas da Bíblia é a de Rute. Ela ilustra muito bem esse princípio da aliança entre um líder e alguém que o segue. Essa moabita havia ficado viúva e, num momento de dor e escassez, entendeu que precisava colocar-se debaixo da liderança de sua sogra, Noemi, reconhecendo sua maturidade espiritual. Noemi, por sua vez, também vivendo as mesmas dores, mostrou à sua nora a liberdade que ela tinha para reconstruir a vida sozinha, liberando-a de qualquer jugo. Foi então que Rute fez uma das mais profundas declarações de aliança das Escrituras: *"Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti"* (Rute 1:16-17).

UM DISCÍPULO É ABENÇOADO QUANDO PERMANECE NA ALIANÇA COM SEU LÍDER, MESMO QUE HAJA DIFICULDADES NA CAMINHADA. A LEALDADE TEM MUITO VALOR NO REINO DE DEUS.

A partir dessa solene declaração, uma relação de verdadeiro discipulado firmou-se entre as duas e, com sua experiência, Noemi foi conduzindo Rute na direção do propósito de Deus, até que ela se casou com Boaz, tornando-se uma mulher muito bem-sucedida, de cuja descendência nasceram reis como Davi, Salomão e o próprio Jesus. Tudo o que lhe aconteceu, porém, foi fruto do pacto que ela manteve com Noemi, mesmo nos momentos de dor e pobreza. Não tenho dúvida de que, por isso, Deus a honrou tanto! Se ela tivesse preferido a independência ou desistido da aliança, antes de os resultados aparecerem, terminaria na mediocridade.

Há outros exemplos, na Bíblia. Eliseu só herdou porção dobrada da unção de Elias porque permaneceu ao seu lado, até o fim. Mesmo entre aqueles que andaram com Jesus, houve quem desistisse e achasse o discurso da aliança duro demais. Que paradeiro tiveram esses? Ninguém sabe! Suas vidas e ministérios perderam-se na inconsistência de seus compromissos com o Líder. Já os doze seguiram adiante e fizeram história, ainda que tenham vivido seus momentos de instabilidade. Todos se tornaram relevantes (posso referir-me à equipe completa, pois, ainda que Judas tenha se corrompido, Matias fazia parte do grupo como um estepe e ocupou dignamente o lugar do que se tornara traidor).

Um discípulo é abençoado, quando persevera na aliança com seu líder. Mesmo que, na caminhada, ele viva tempos difíceis, se o seu coração admitiu que Deus levantou alguém para guiá-lo, deve permanecer honrando esta cobertura espiritual, a não ser que o líder se desvie do propósito e não cumpra mais a sua função.

Os doze de Jesus foram provados nessa relação, de muitas maneiras. Primeiro, tiveram que deixar para trás seus interesses pessoais, para andarem com o Senhor. O próprio Jesus foi explícito com eles: *"Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo"* (Lucas 14:33). Além disso, foram muitas vezes confrontados em suas atitudes de carnalidade. Ainda que Jesus fosse um líder amoroso, Ele não transigia quanto ao padrão que queria implantar em suas vidas. Por isso, repreendeu-os muitas vezes, até publicamente. Se aqueles homens não tivessem um compromisso forte com seu discipulador, eles O teriam abandonado, como outros fizeram.

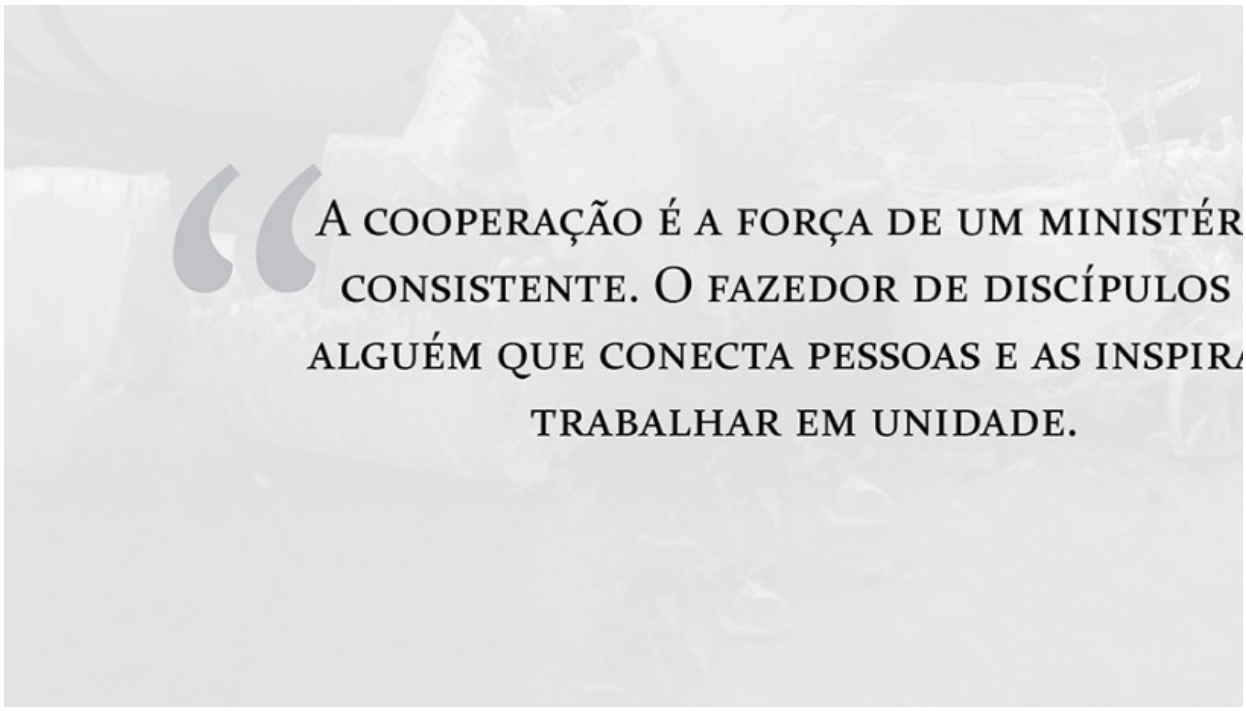
DOIS ARGUMENTOS TÊM PROVOCADO QUEBRA DE ALIANÇAS NA CASA DE DEUS: INFIDELIDADE NA VIDA DOS LÍDERES E FALTA DE QUEBRANTAMENTO NA VIDA DOS DISCÍPULOS.

A última grande prova foi a Cruz. Todos os fatos que cercaram a morte de Jesus e, acima de tudo, a falta de compreensão em seus corações sobre o que se passava, fez com que eles fraquejassem, alguns chegando ao ponto do quase completo desvio de rota. Então, mais uma vez, foi a aliança que sustentou aquela relação. Após ressuscitar, Jesus, líder fiel, foi em busca de cada um, restaurando-lhes a confiança e o chamado. Afinal de contas, Seu desejo sempre foi que, onde Ele estivesse, estivessem também aqueles que o Pai Lhe havia dado, e que nenhum se perdesse. Esse é o coração de um verdadeiro fazedor de discípulos!

7

SENSO DE EQUIPE

"Eu lhes tenho transmitido a glória
me tens dado, para que sejam um, com
o somos; eu neles, e tu em mim, a fim d
sejam aperfeiçoados na unidade, para
o mundo conheça que tu me enviaste
amaste, como também amaste a mi
(João 17:22,23)


“A cooperação é a força de um ministér
consistente. O fazedor de discípulos
alguém que conecta pessoas e as inspira
trabalhar em unidade.

Senso de Equipe

Um dos maiores desafios que Jesus encontrou na formação de Seus discípulos foi conduzi-los à unidade e à cooperação. Quando, em Seu relatório final, diante do Pai, Ele toca no assunto, coloca-o como algo decisivo para que Sua obra avançasse na Terra. Ele diz: *"Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim"* (João 17:22-23).

De certa forma, a oração de Jesus é dramática. Ele havia trabalhado muito na unidade entre aqueles homens e, agora que estava para partir, esperava que essa área estivesse consolidada em suas vidas. Na verdade, tudo o que o Mestre havia feito e o que estava por fazer (entregar-Se à morte vicária na Cruz) não teria resultado, se aquela equipe se dividisse.

Deus projetou o homem para a cooperação. Ao criar Adão, depois de preparar-lhe o cenário perfeito e concluir que tudo quanto havia feito era bom, o Senhor sentiu uma insatisfação. Faltava um detalhe e Ele o expressou, dizendo: *"Não é bom que o homem esteja só"* (conf. Gênesis 2:18). Embora ali o contexto envolva a criação da mulher, a "ajudadora idônea", as palavras que o Senhor usou revelam uma estrutura na alma do ser humano, que só é completada na comunhão com um semelhante. Adão andava à procura de alguém que lhe correspondesse, antes de ter companhia.

Quando veio o pecado, a alma humana foi desordenada e o que clamava por comunhão, passou a mover-se por competição. Logo vemos Caim matando Abel, por sentir-se ameaçado pelo seu sucesso, ou seja, por vê-lo como concorrente e não como companheiro.

O que tem tudo isso a ver com o desafio de fazer discípulos? O propósito do discipulado é ser instrumento do Espírito Santo para trazer de volta no homem as virtudes atrofiadas pelo pecado. Uma das principais: a cooperação. Sendo assim, um verdadeiro discipulador precisa pensar em equipe. Embora sua relação seja pessoal, com cada discípulo, ele tem a missão de levantar um grupo e fazer seus integrantes funcionarem em harmonia, debaixo de uma mesma visão e propósito. Foi o que Jesus fez. Chamou doze homens e colocou-os para conviver, para interagirem.

O DISCIPULADO DEVE SER INSTRUMENTO DO ESPÍRITO SANTO PARA TRAZER DE VOLTA NO HOMEM AS VIRTUDES ATROFIADAS PELO PECADO. UMA DAS PRINCIPAIS: A COOPERAÇÃO.

Tudo isso fica muito bonito no papel, mas na prática é sempre um enorme desafio. Harmonizar pessoas diferentes, competitivas e carnais nunca é fácil, mas Jesus trabalhou duro por isso e conseguiu, deixando Sua experiência como modelo para nós.

Quando o Senhor diz *"eu lhes tenho transmitido a glória... para que sejam um",* está Se referindo justamente a esse investimento com o propósito de converter os corações de Seus discípulos uns aos outros.

UMA "EQUIPE" SE DIFERENCIA DE UM "GRUPO" PELA INTERAÇÃO ENTRE SEUS COMPONENTES. UM FAZEDOR DE DISCÍPULOS É CHAMADO A LEVANTAR UMA EQUIPE.

Antes de avaliar como Jesus conseguiu esta proeza, deixe-me argumentar um pouco sobre o poder e o valor de uma equipe. No meu próprio ministério, tenho experimentado os resultados dessa visão. Embora, na maioria das vezes, eu receba o crédito pelas conquistas

que temos, tenho clareza absoluta de que o grande poder realizador e multiplicador do que Deus me deu está na equipe que formei, ao longo dos anos. Se não fossem esses parceiros de ministério - que se submeteram humildemente ao meu discipulado e abraçaram a visão que recebi do Senhor - não tenho a mínima dúvida de que eu estaria, hoje, à frente de uma obra de pouca expressão. E não credito o êxito apenas ao fato de que eles estejam conectados a mim e à minha visão, mas, também entre si, funcionando harmoniosamente como equipe.

Um "grupo" é, apenas, um conjunto colocado no mesmo espaço, sem necessidade de conexão; uma "equipe" é um conjunto de pessoas que interagem e cooperam harmoniosamente.

Jesus estabeleceu doze homens como Sua equipe apostólica. Ele tinha mais discípulos, outros homens e mulheres que O acompanhavam na maior parte do tempo, além dos tantos que esporadicamente estavam com Ele e recebiam pessoalmente sua influência. Porém, aos doze Ele assumiu publicamente como uma equipe distinta e prioritária.

Particularmente tenho uma convicção sobre o número "doze" como ideal para um time de discípulos. Estudos na área da pedagogia já revelaram que essa é a quantidade perfeita de pessoas num grupo de aprendizado, para que o mestre use seu maior potencial e os aprendizes recebam com qualidade, sem perdas e nem sobrecargas. Meu principal argumento, entretanto, é bíblico. Vejo, de Gênesis a Apocalipse, a reincidência desse número como sendo especial para Deus. Consigo perceber um segredo nisso, mesmo que não consiga explicar.

O próprio Jesus escolheu doze e trabalhou com eles, para que fossem os continuadores e multiplicadores do Seu ministério. Na mente daqueles homens, a equipe deveria ser mantida naquela dimensão. Tanto que, quando um deles se perdeu, Judas Iscariotes, eles tinham convicção de que alguém deveria ocupar o seu lugar e foram buscar Matias, um dos discípulos que também andavam com Jesus, mas que originalmente não fazia parte de Sua equipe principal.

HÁ UM SEGREDO DE DEUS NOS DOZE. POR ALGUM MOTIVO, ELE ESCOLHEU ESSE NÚMERO PARA EXPRESSAR UNIDADE, COOPERAÇÃO E PLENITUDE MINISTERIAL.

É interessante que a decisão de substituir Judas, chamando alguém para *"preencher a vaga"* (esse é o termo que eles usam, em Atos 1:25), era a mais desconfortável. Seria fácil deixar como estava, seguindo o ministério com onze ou, como chegaram à conclusão de que havia dois homens, José e Matias, igualmente dignos e que os acompanhavam desde o começo, para não gerar o constrangimento de escolher um e deixar o outro fora, seria politicamente mais tranquilo subir para treze o número de apóstolos. Entretanto, lançaram sortes e elegeram Matias, pois estavam convictos de que a equipe deveria ter doze discípulos.

AINDA QUE A ÊNFASE DO DISCIPULADO SEJA A RELAÇÃO PESSOAL ENTRE UM LÍDER E UM APRENDIZ, SOMENTE O CONCEITO DE EQUIPE PODE LEVÁ-LO À PLENITUDE DE SEU PROPÓSITO.

Por isso, por querer imitar a maneira como Jesus fez e por entender que doze é um bom número de pessoas para se trabalhar, tenho me dedicado a uma equipe de doze prioritários, embora caminhe com outros discípulos e já tenha enviado outros tantos.

Se você não concorda com meus argumentos a esse respeito, não rejeite o restante do meu ensino. Não sou "xiita" quanto a essa convicção e não faço dela uma doutrina. Não há nenhuma evidência, na Bíblia, de que os próprios apóstolos levantaram equipes de doze. Portanto, é só um bom modelo, mas não um dogma.

O conceito de trabalhar o discipulado em equipe, independentemente do número, este sim, é fundamental e inegociável! Foi assim que Jesus fez e os apóstolos praticaram. Você não vê, por exemplo, Paulo sozinho ou trabalhando com um único discípulo. Havia sempre pluralidade e cooperação, porque este é um princípio divino.

Dito isto, vamos investigar como Jesus fez para desenvolver a unidade entre doze homens diferentes e cheios de si. Não foi uma tarefa fácil. Como já falei, havia perfis muito distintos entre aqueles personagens. Fico imaginando a convivência de um zelote com um cobrador de impostos. Eles estavam em lados opostos da ideologia política, na época.

Como se não bastasse a distinção de gostos e temperamentos, havia competição entre eles, desejo de proeminência e egocentrismo, exatamente como em todo grupo heterogêneo que se reúne.

O que um líder precisa fazer, então, para unir a sua equipe?

Quando olhamos para a relação de Jesus com Seus doze, temos a resposta em várias vertentes. Em primeiro lugar, Ele Se ofereceu como modelo de unidade. Sua argumentação era "como eu sou um com o Pai, que eles sejam um entre si".

É muito importante que o discipulador seja uma pessoa de interação, que no seu nível de autoridade tenha conexão com outras pessoas. Homens que vivem na solidão ministerial ou que só se relacionam na vertical, de cima para baixo, com seus subordinados, não têm autoridade para ministrar unidade a quem os segue. Na verdade, discípulos serão desafiados à aliança quando perceberem que seu líder vive em aliança com outras pessoas, no reino de Deus.

LÍDERES QUE VIVEM ISOLADOS MINISTERIALMENTE NÃO TERÃO AUTORIDADE PARA TRANSMITIR O CONCEITO DE EQUIPE AOS SEUS DISCÍPULOS. SOLIDÃO GERA SOLIDÃO.

Jesus confrontou duramente também, todo espírito de competição e protagonismo entre eles. Quando percebia qualquer atitude neste sentido, tratava-a imediatamente. Imagine a cena! O grupo vem andando pelo caminho, com o Senhor, à frente. Quando chegam ao destino, Ele faz uma pergunta: "sobre o que vocês vinham conversando?" Diz a Bíblia: *"Mas eles guardaram silêncio; porque, pelo caminho, haviam discutido entre si sobre quem era o maior"* (Marcos 9:34).

Um líder ausente ou sem discernimento deixaria passar o ocorrido, mas Jesus não. *"Ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos"* (Marcos 9:35). E a partir dali, uma lição foi ministrada, quebrando aqueles valores contaminados que dividiam a equipe e estabelecendo a mentalidade do reino de Deus em suas mentes.

UM FAZEDOR DE DISCÍPULOS TEM QUE CONFRONTAR DURAMENTE, DESDE O PRINCÍPIO, TODO ESPÍRITO DE COMPETIÇÃO E PROTAGONISMO NO MEIO DE SUA EQUIPE.

Um padrão corrompido, porém, quase nunca é removido por uma única conversa. Certamente Jesus teve que insistir contra essa tendência egocêntrica. Numa outra ocasião, a mãe de Tiago e João O procura, com a aquiescência de seus filhos, para pedir um lugar privilegiado no reino. Se você pensa que *lobby* é uma invenção da política duvidosa dos nossos dias, está enganado. Já naquele tempo, uma mulher tentava usar o seu poder de persuasão para conseguir vantagens imerecidas para seus representados... Qual foi a reação de Jesus? Mais um "sermão" repreendendo a mentalidade da competição: *"Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber? Responderam-lhe: Podemos. Então, lhes disse: Bebereis o meu cálice; mas o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é, porém, para aqueles a quem está preparado por meu Pai"* (Mateus 20:22-23).

Pensa que ficou resolvido? Olha o que acontece na sequência: *"Ora, ouvindo isto os dez, indignaram-se contra os dois irmãos. Então, Jesus, chamando-os e disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiorais exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo"* (Mateus 20:24-27).

Relatos como esse são só uma amostra dos problemas que ameaçam a unidade de uma equipe, e da atitude firme que um líder precisa ter para vencê-los. Diante de crises assim, a

omissão do discipulador, mais cedo ou mais tarde, revelará o seu fruto amargo através da divisão.

Em minha experiência, a unidade da equipe que Deus me deu tem sido um grande segredo até aqui, mas isso não significa que ela nunca tenha sido ameaçada. Já tive que colocar discípulos para conversarem juntos e se acertarem. Lembro-me de uma vez que sentei com um deles, que estava se mostrando muito resistente e desleal a um companheiro, e lhe disse: “se você não está disposto a ser um com minha equipe, não é digno de fazer parte dela. Você não é melhor do que eu. Se eu amo, aceito e valorizo cada uma dessas pessoas, porque você não pode fazê-lo?” Foi uma conversa dura, porque a situação requeria que fosse assim!

JESUS NUNCA DEU ESPAÇO PARA O ESPÍRITO DE MELINDRE NA VIDAS DE SEUS DISCÍPULOS. ELE OS ENSINOU A VIVEREM POR PROPÓSITO E NÃO POR BAJULAÇÃO.

Outro grande segredo, no processo que Jesus levou avante para trabalhar a unidade entre Seus doze, era o fato de que Ele não dava espaço para os melindres. Cada um deles precisou aprender a reconhecer o seu próprio espaço e o espaço dos outros, que podia ser, inclusive, maior.

Um dos maiores erros que se pode cometer no exercício da liderança é tentar tratar a todos da mesma forma. Essa postura pode parecer justa, mas não é, pois as pessoas têm características distintas e requerem tratamento personalizado.

A parábola dos talentos, contada por Jesus, é um bom manual a esse respeito. Gosto de vê-la sob a perspectiva de um líder que investe em seus liderados e, depois, cobra dos mesmos o resultado. O interessante é que aquele senhor distribui quantidades diferentes de talentos aos seus servos. A um ele deu cinco, a outro, dois e ao outro deu um, diz a Bíblia, *“conforme a capacidade de cada um”.* Na hora do acerto de contas, a cobrança foi distinta também, levando em consideração o investimento e a condição de resposta que cada um podia dar (conf. Mateus 25:14-30).

É UM GRANDE ERRO TRATAR OS DISCÍPULOS DA MESMA FORMA. ELES SÃO DIFERENTES E REQUEREM TRATAMENTO DISTINTO. UM BOM LÍDER SABERÁ DISCERNIR A NECESSIDADE DE CADA UM.

Um bom líder saberá medir a capacidade de seus discípulos, um a um, para investir e cobrar de maneira justa. Uns requererão mais tato, outros, mais dureza; uns precisarão ser encorajados, enquanto outros necessitarão de freios. Mais do que isso, a capacidade de cada um é distinta, assim como seus dons, sendo necessário ensiná-los a assumir isso com naturalidade.

Jesus não tinha nenhum constrangimento em destacar Pedro, Tiago e João no meio dos doze. Com certa constância, Ele chamava esse trio para mais perto e levava-os a lugares que os outros não iam, como aconteceu no monte onde Se transfigurou diante deles, e proporcionou-lhes experiências que permaneceram, por um tempo, como um segredo entre eles (conf. Lucas 9:28-36).

Imagino que, à princípio, isso tenha gerado ciúmes nos demais, mas com o passar do tempo, foram acostumando-se com a ideia de que o Mestre havia designado um nível maior de autoridade sobre aqueles três.

A comparação é um território perigoso quando falamos de relações humanas. Um bom líder sempre trabalhará seus seguidores no sentido de substituírem a comparação pela inspiração. Quando eu me comparo a alguém, quase sempre estabeleço uma base de concorrência. Ao medir-me como melhor ou pior do que outra pessoa, tendo a competir com ela. Isso é uma armadilha.

A COMPARAÇÃO É UMA ARMADILHA, PELO SIMPLES FATO DE QUE NINGUÉM É IGUAL A NINGUÉM. O DISCIPULADO DEVE AJUDAR AS PESSOAS A TROCAREM A COMPARAÇÃO PELA INSPIRAÇÃO.

Mesmo após três anos de trabalho, Jesus ainda encontrava resquícios dessa tendência em Sua equipe. O episódio narrado em João 21:20-21 mostra isso: *“Então, Pedro, voltando-se,*

viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o traidor? Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este? Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me". Perceba que havia em Pedro uma preocupação indevida com o futuro de João e Jesus tratou de cortá-lo nessa tentativa de comparação. O "que te importa" do Mestre equivale a um "não é da sua conta se quero destacar seu irmão. Preocupe-se consigo mesmo".

TODO INVESTIMENTO DE JESUS NA UNIDADE DE SUA EQUIPE EVIDENCIOU O SEU FRUTO EM PENTECOSTES. FINALMENTE, SOB O PODER DO ESPÍRITO, DOZE HOMENS AGIAM COMO SE FOSSEM UM SÓ.

Muito mais saudável que a competição é a inspiração. Se encontro alguém realizando o que eu não realizo, posso tentar segui-lo em seu êxito, copiá-lo, ao invés de competir com o propósito de suplantá-lo. Ao menos, no reino de Deus, deve ser assim!

Jesus trabalhou isso entre Seus doze. Era comum vê-Lo elogiando publicamente algum deles, e também outras pessoas, quando elas tinham atitudes louváveis. Muitas vezes, Seu elogio apontava para gente que nem fazia parte do grupo, como a mulher que conquistou a libertação da filha endemoninhada e o centurião que intercedeu por um servo doente (conf. Mateus 15:21-28 e Lucas 7:1-10). Em ambos os casos, Jesus exaltou a fé daquelas pessoas e, com isso, tinha a clara intenção de, além de honrá-las, despertar a inspiração nos demais presentes, inclusive nos discípulos.

Tudo isso foi reconstruindo a forma de convivência entre aqueles homens. À medida em que Jesus os confrontava, ensinava-os, agredia seus melindres e encorajava-os a valorizar o sucesso do outro, reprogramava suas mentes e transformava-os de competidores em cooperadores entre si.

O resultado de todo esse investimento na unidade de Sua equipe, inclusive em oração, como o faz em João 17, foi fundamental para o triunfo da igreja, quando esta nasceu.

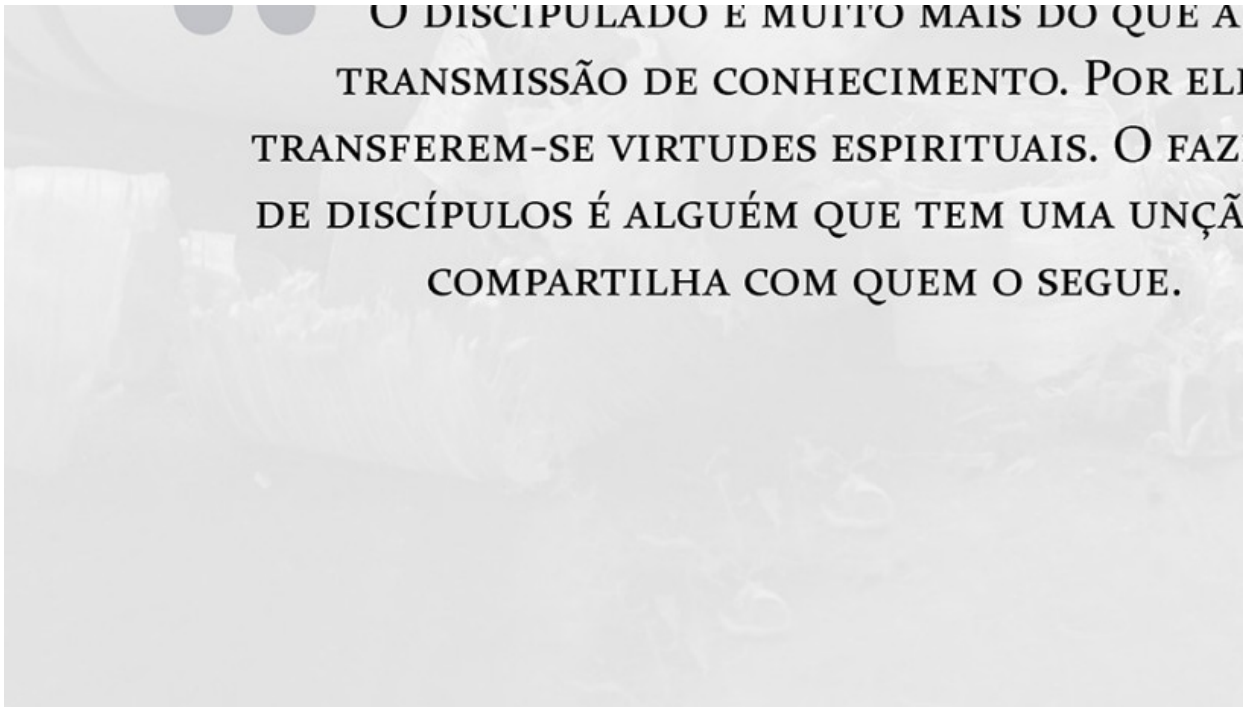
Vemos um maravilhoso exemplo disso no dia de Pentecostes, quando houve o derramar do Espírito Santo e a primeira grande colheita da era cristã. Lucas usa uma expressão cheia de significado: *"Então, Pedro se levantando e, com ele, os onze..."* (conf. Atos 2:14). Jesus já não estava presente, mas a competição entre Seus discípulos havia sucumbido. Agora, cheios de unção e marcados pelas lembranças do que o Mestre lhes havia ensinado, eles eram capazes de, mesmo sendo doze homens diferentes, funcionarem como se fossem um só. O resultado foi uma colheita assombrosa de vidas, não apenas naquele dia, mas nos anos que se seguiram.

Finalmente o investimento de Jesus na unidade de seus discípulos, havia dado seu fruto, e Sua oração fora ouvida! *"Pai, que eles sejam um, como eu e tu somos um, para que o mundo creia que tu me enviaste".*

8

TRANSFERÊNCI DE UNÇÃO

"Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para qu sejam um, como nós o somos."
(João 17:22)


O DISCIPULADO É MUITO MAIS DO QUE A
TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO. POR EL
TRANSFEREM-SE VIRTUDES ESPIRITUAIS. O FAZ
DE DISCÍPULOS É ALGUÉM QUE TEM UMA UNÇÃ
COMPARTILHA COM QUEM O SEGUE.

Transferência de Unção

No processo de fazer discípulos, não se transfere apenas conhecimento e modelo vivencial. É fundamental que se passe adiante também uma unção.

Em seu relatório final sobre a equipe que formou, Jesus disse diante do Pai: *"Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado..."* (João 17:22). As riquezas que Ele tomou de Si e derramou sobre Seus doze, incluíam uma parte da glória que trazia de Seu rico relacionamento com Deus.

Obviamente estamos falando do "Homem" Jesus, do Verbo que Se fez carne. Embora Ele fosse Deus, esvaziou-Se dessa condição e assumiu completa humanidade. A partir daí, numa dimensão absolutamente terrena, Ele manteve um relacionamento tão rico com Deus, que a glória do Pai se via claramente Nele. João testemunhou isso com as seguintes palavras: *"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai"* (João 1:14).

É um pouco difícil compreendermos isso. Sabendo que o Filho sempre foi tão Deus quanto o Pai e o Espírito Santo, custamos admiti-Lo como totalmente homem em Sua peregrinação terrena, mas é o que a Bíblia diz. Pedro expressou isso em palavras muito exatas, numa de suas pregações: *"Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele"* (Atos 10:38). Em Seu ministério entre os homens, tudo o que Jesus operou de sobrenatural, Ele o fez, não porque era Deus, mas porque Deus era com Ele. Em outras palavras, o Nazareno Se moveu sempre debaixo da unção do Espírito.

Todo verdadeiro homem de Deus tem uma unção, uma glória recebida do Pai. Ela é distinta, diferencia-se de pessoa para pessoa em intensidade e forma de manifestação, de acordo com a soberania de Deus, que distribui a unção como quer, e de acordo com a busca do homem, que a cultiva com maior ou menor fervor.

Um fazedor de discípulos precisa compreender e cultivar a unção que Deus lhe deu, para derramá-la depois sobre a vida dos seus seguidores.

Jesus tinha uma glória intensa! Podemos dizer seguramente que Ele foi o homem mais ungido que passou por este mundo. Ele cultivava essa unção através de um relacionamento íntimo e abundante com o Pai. Por ela curava os enfermos, ressuscitava os mortos, apavorava os demônios e cativava o coração das pessoas. Entretanto, não apenas operou na glória que tinha, mas Se preocupou em transmiti-la aos Seus discípulos. Uma parte dessa transferência acontecia naturalmente, apenas pela convivência, mas outra parte era dirigida, intencional, fruto de ministrações específicas, palavras liberadas e atos proféticos que o Senhor fazia para impartir sobre eles a unção que trazia sobre Si mesmo.

Quer exemplos? Quando, antes da última ceia, Jesus cingiu-Se com uma toalha e lavou os pés dos Seus doze, estava não apenas ilustrando, mas transmitindo-lhes a unção de servo que sempre O caracterizou. Estou seguro de que foi mais do que um "teatro" ou um gesto figurativo. Foi um ato profético de transferência! Além de dar à sua equipe um exemplo de serviço, Ele estava transferindo o espírito de servo que possuía. Era uma ministração que ultrapassava o limite da mente daqueles homens e atingia o seu espírito.

A unção é transferida por convivência e por ministração intencional. O líder precisa estar próximo de seus discípulos para que eles recebam da sua glória.

Na verdade, desde o início do discipulado com Seus doze, a transferência intencional de poder espiritual se fez presente. Mateus nos conta que *"tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades"* (Mateus 10:1).

Um bom fazedor de discípulos precisa identificar a autoridade espiritual que tem e compartilhá-la com quem o segue.

Outro momento em que, claramente, Jesus esteve com Seus doze para transmitir-lhes unção está narrado em João 20:19-22. Diz o texto: *"Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco! E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor. Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo".*

Mais uma vez, vemos aqui o Senhor transmitindo unção, através de um gesto profético. Ao soprar sobre Seus discípulos e profetizar, liberou em suas vidas um poder invisível. Naquele momento, nada aparente aconteceu. Não há na narrativa nenhuma reação ou manifestação visível neles. Algumas semanas depois, porém, no dia de Pentecostes, aquele tênue sopro se manifestou como um vento impetuoso e, não apenas aqueles homens, mas todos os que estavam em sua companhia foram cheios de poder, ao ponto de falarem em línguas que desconheciam e agirem como embriagados, diante da multidão que correu curiosa para o lugar (conf. Atos 2:1-13).

A ideia de transferência de unção aparece na Bíblia desde as páginas do Antigo Testamento. Quando Moisés precisou de um modelo sustentável para pastorear sua "megaigreja", no deserto, Deus mandou-o levantar líderes no meio do povo, homens que o ajudassem no ministério, mas esses líderes precisavam operar debaixo da autoridade e da unção de Moisés. Então, o Senhor lhe falou: *"Descerei e ali falarei contigo; tirarei do Espírito que está sobre ti e o porei sobre eles; e contigo levarão a carga do povo, para que não a leves tu somente"* (Números 11:17).

A UNÇÃO QUE UM LÍDER TEM NÃO É SUA E NEM AUTÔNOMA. ELA FLUI DAQUELES QUE O SENHOR COLOCOU SOBRE SUA VIDA, PASSA POR ELE, E DEVE ATINGIR OS SEUS DISCÍPULOS.

Que grande chave espiritual temos aqui! Deus pode "tirar do Espírito" que está sobre um líder e compartilhá-lo com outras pessoas, especialmente com aquelas que têm a missão de dar sequência àquele ministério. É como se a unção fosse um bem transferível. Como certa mulher, que padecia de uma hemorragia por doze anos, conseguiu extrair virtude de Jesus e ser curada, por um ato de fé (conf. Marcos 5:25-34), o caminho inverso também é possível, ou seja, um líder pode enviar do poder espiritual que tem para os seus discípulos, pela mesma via da fé.

A SSIM COMO UMA MULHER CONSEGUIU EXTRAIR PODER DE JESUS AO TOCAR EM SUAS VESTES, UM LÍDER PODE TRANSFERIR INTENCIONALMENTE, PELA FÉ, VIRTUDES QUE ESTÃO EM SUA VIDA.

Outro exemplo claro de transferência de unção que encontramos no Antigo Testamento é a relação entre Elias e Eliseu. Na primeira vez em que se encontraram, Elias lançou a sua capa sobre o jovem lavrador, que trabalhava no campo. Era, ao mesmo tempo, um convite e um compartilhar de unção. Eliseu entendeu e passou a seguir o profeta, já de ministério comprovado (conf. I Reis 19:19-21). Depois de algum tempo caminhando juntos numa aliança, a Bíblia nos diz que Elias foi tomado pelo Senhor, arrebatado e, naquele momento, deixou cair o seu manto sobre Eliseu, que o tomou e, a partir dali, passou a operar sinais, como fazia seu discipulador.

Coincidência ou não, duas vezes o manto de Elias foi lançado sobre Eliseu, que lhe pedira porção dobrada de sua unção e que, ao menos nos relatos registrados na Bíblia, operou duas vezes mais milagres do que seu antecessor!

Como falei no início deste capítulo, a glória que está numa pessoa pode ser transmitida por ministração intencional, dirigida, mas também pela convivência. O simples fato de andar com alguém nos expõe à sua unção.

Lembro-me dos meus primeiros anos de fé. Eu fazia parte de uma igreja que trazia no seu bojo doutrinário a afirmação de que os dons do Espírito Santo seguem vigorando, e não apenas estiveram à disposição dos crentes primitivos. Entretanto, poucas vezes testemunhei manifestações carismáticas ali. Raramente via-se alguém profetizando ou orando em línguas. Sinais mais extraordinários? Nem se fala!

A primeira pessoa que vi movendo-se fortemente na unção e tratando o Espírito Santo com intimidade foi um pastor gaúcho, chamado João Carlos Marques. Aquele homem causou uma autêntica revolução no meio dos jovens batistas, em Belém do Pará, cenário onde eu vivia. O exercício de dons como palavra profética, interpretação de línguas e revelação em sua vida era fluente e parecia tão natural, embora, para nós, fosse uma grande e empolgante novidade.

A CONVIVÊNCIA E O DESEJO ARDENTE EM UM DISCÍPULO DE HERDAR A UNÇÃO DE ALGUÉM, PODEM SER O CANAL QUE DEUS PRECISA PARA FAZÊ-LO ACONTECER.

Vi muitas coisas sobrenaturais acontecerem através daquele irmão. Lembro-me, por exemplo, de uma reunião na Igreja da Paz, em Belém. O templo estava abarrotado de gente e o Pr. João Carlos pregava ao seu estilo peculiar. De repente, ele parou, olhou para um homem que estava assentado no meio da multidão e perguntou-lhe: “Você aí, por que há um anjo ao seu lado, apontando para sua cabeça?”. O homem pôs-se a chorar e, chamado ao púlpito, apresentou-se como um policial federal, que tinha ido ao culto por insistência da esposa. Disse que estava ali contrariado e duvidando de tudo o que o pastor contava. Num determinado momento, cheio de desdém, ele pensou: “Se Deus está aqui mesmo e se as experiências que esse pregador está contando são verdadeiras, que ele me descubra aqui no meio de todo este povo”. Justamente quando ele acabou de formular tal pensamento, o Pr. João Carlos viu o anjo apontando-o no meio da congregação e o abordou... Não preciso nem dizer que o homem se entregou a Cristo ali, e que seu testemunho provocou a conversão de muitas outras pessoas naquela noite.

E NTRE AS HERANÇAS ESPIRITUAIS QUE PODEM SER TRANSMITIDAS NO DISCIPULADO, O PODER DO ESPÍRITO SANTO É CERTAMENTE UMA DAS PRINCIPAIS.

Experiências assim e muitas outras acompanhavam o “Tio João”, maneira como ele gostava de ser chamado pelos jovens. Eu, entretanto, de todos aqueles meninos, fui o mais privilegiado. Nas várias vezes em que voltou ao Pará, ele se hospedava em minha casa, a convite dos meus pais. Isso me proporcionou a chance de conviver com aquele servo de Deus e sua unção peculiar.

Tempos depois, antes mesmo de eu ser enviado como missionário ao interior de São Paulo, tive a oportunidade de viajar com ele por várias cidades do Sul do Brasil e Uruguai, inclusive dividindo o púlpito, em suas sempre concorridas conferências. O resultado desse convívio foi que eu aprendi a mover-me no Espírito, operando com liberdade nos mesmos dons que ele.

Não me lembro de que aquele irmão tenha orado especificamente por mim com imposição de mãos, transferindo sua unção. Talvez isso tenha acontecido e me fuja à memória. A verdade é que nunca me tornei um discípulos seu, até mesmo porque nossos ministérios tomaram rumos diferentes, pouco tempo depois. Entretanto, conviver com ele e desejar ardentemente aquela virtude, me proporcionou, de alguma forma, receber uma porção dela, pelo que serei grato o resto da vida.

Normalmente quando falamos de unção, pensamos em manifestações espetaculares, demonstrações de poder. Entretanto, a unção se manifesta também de forma singela. Dependendo do chamado, do ministério e dos dons que um líder carrega, a graça do Espírito sobre a sua vida pode revelar-se através de sabedoria, visão, serviço, compaixão,

enfim, virtudes que não sejam bombásticas, mas que fazem muita diferença no reino de Deus.

Meu pastor, Harry Scates é um exemplo assim. Como descrevi, alguns capítulos atrás, o mais espetacular em sua vida é o fato de ele ser absolutamente humano. Não é comum vê-lo chacoalhar as multidões com pregações eloquentes ou ouvir testemunhos de grandes milagres operados através de suas mãos. Entretanto, a unção discreta deste servo de Deus tem sido um vento constante do céu a soprar sobre a minha vida e a de milhares de pessoas que com ele puderam caminhar.

NEM TODA UNÇÃO É ESPETACULAR. HÁ VIRTUDES SINGELAS, MAS NÃO MENOS IMPORTANTES, QUE PODEM SER TRANSMITIDAS NO PROCESSO DO DISCIPULADO.

Na convivência com ele, uma unção apostólica tem sido desatada sobre mim, fazendo-me enxergar as nações, as necessidades da igreja como Corpo de Cristo e a premência de pregarmos o evangelho a toda criatura. Antes de o conhecer, minha abrangência ministerial estava restrita à área profética e de ensino, mas, ao caminhar com este servo de Deus e ser influenciado por uma porção da glória que está nele, meus dons, visão e responsabilidade estenderam-se para além de um pastorado local. Houve uma transferência por influência!

Jesus conhecia, desde o princípio, o valor da unção. Ele não ousou Se lançar ao ministério público e tornar-Se um fazedor de discípulos, sem antes ser cheio do Espírito Santo. Isso aconteceu no Jordão, ao ser batizado por João (conf. Lucas 3:21-22). O fato é tão importante, que a Bíblia o sublinha: *"Então, Jesus, no poder do Espírito, regressou para a Galileia, e a sua fama correu por toda a circunvizinhança"* (Lucas 4:14).

FAZER A OBRA DE DEUS SEM UNÇÃO É PURA PRESUNÇÃO. O PRÓPRIO JESUS COMEÇOU SEU MINISTÉRIO SENDO CHEIO DO ESPÍRITO SANTO E O FINALIZOU ENCHENDO SEUS DISCÍPULOS.

Ao regressar para Nazaré, lugar onde fora criado, tendo já assumido Sua missão, Jesus encontrou intencionalmente o texto de Isaías e o proclamou, diante de uma sinagoga lotada: *"O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor".* E arrematou, dizendo: *"Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir"* (Lucas 4:18-19,21).

Eu costumo dizer que fazer a obra de Deus sem unção, é pura presunção! Esforço, experiência e conhecimento são elementos importantes no ministério, mas somente a virtude do Espírito operando na vida de um líder, pode levá-lo a conquistas sobrenaturais e, na arte de fazer discípulos, isso também é verdadeiro e fundamental.

Jesus não apenas Se submeteu à unção antes de começar, mas a cultivou por todo o Seu ministério. Afinal, ninguém pode transmitir aquilo que não tem. Por isso, nós O vemos muitas vezes afastando-Se do burburinho da multidão para estar a sós com o Pai.

Há um episódio muito interessante em que essa verdade se evidenciou. Depois de uma experiência sobrenatural com alguns dos homens de sua equipe num monte, ao descer, o Senhor encontrou uma criança endemoninhada e os demais discípulos não haviam conseguido libertá-la, embora o tivessem tentado. Então, com uma só palavra de ordem, Ele expulsou os demônios e a criança se viu curada.

Depois do ocorrido, os próprios discípulos quiseram saber o motivo de não o terem conseguido e Jesus trouxe-lhes um ensino sobre fé, arrematando-o com uma afirmação: *"Esta casta, porém, não sai senão à base de jejum e oração"* (Mateus 17:21). Parece-me que o Senhor estava deixando subentendido que a unção que Ele tanto cultivava na presença do Pai precisava ser cultivada por eles também.

OPODER DO ESPÍRITO SANTO É ALGO QUE RECEBEMOS E CULTIVAMOS. UM BOM LÍDER É ALGUÉM QUE INVESTE NESSA ÁREA E ENSINA SEUS DISCÍPULOS A FAZEREM O MESMO.

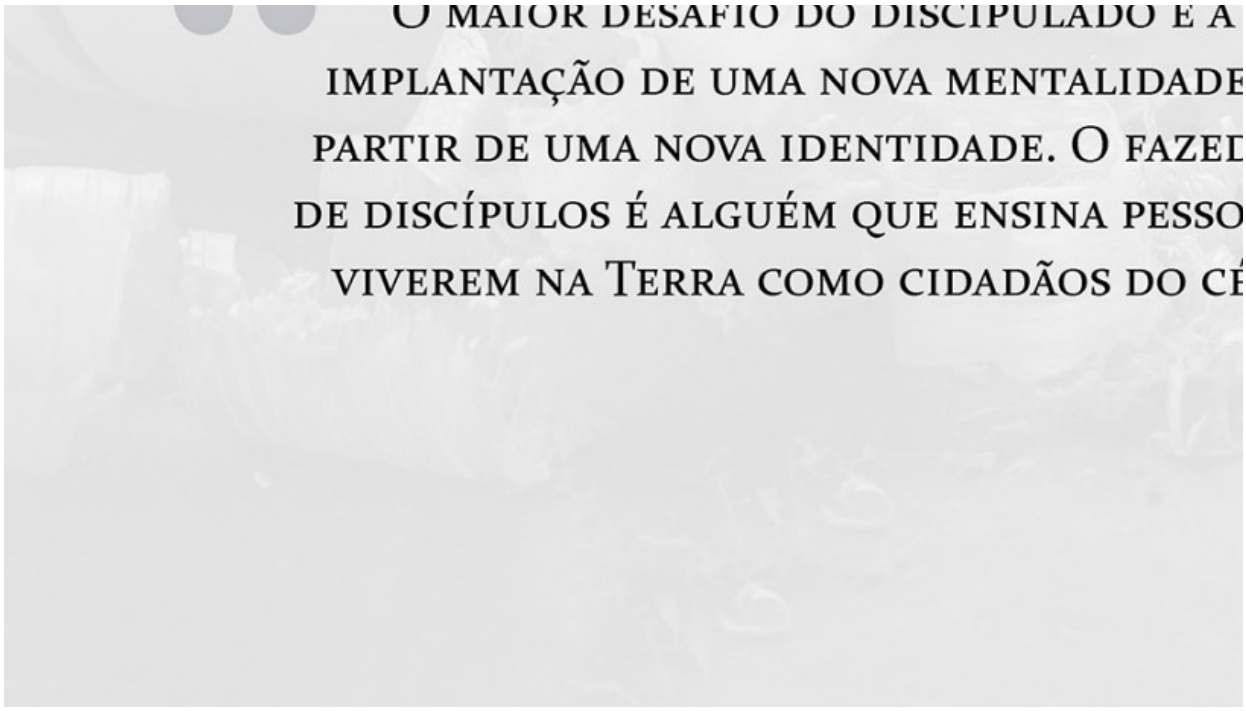
O fazedor de discípulos é um disseminador da glória que recebeu de Deus. Ele tem a responsabilidade de cultivar, honrar e transmitir essa unção a seus discípulos e, quando o faz com excelência, certamente estará garantindo que o seu legado tenha uma dimensão sobrenatural.

9

NOVA MENTALIDADE

"Não peço que os tires do mundo, e
que os guardes do mal. Eles não são
mundo, como também eu não sou.
(João 17:15,16)

"O maior desafio do discipulado é a


O maior desafio do discipulado é a
implantação de uma nova mentalidade
partir de uma nova identidade. O fazed
de discípulos é alguém que ensina pesso
viverem na Terra como cidadãos do cé

Nova Mentalidade

Desde o começo, o propósito de Jesus em relação aos Seus discípulos, não era consolidá-los na religião formal, representada pelo Judaísmo da época, e muito menos implantar através deles uma nova religião. O alvo era estabelecer uma mentalidade celestial naqueles homens para que eles se tornassem representantes e multiplicadores do reino de Deus na Terra. Por isso, quando comparece diante do Pai para entregar a tarefa como cumprida, Jesus diz: *"Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou"* (João 17:15-16).

Mais do que trazer um caráter de intercessão, essas palavras chancelam a realidade estabelecida na vida daqueles homens. Eles não eram mais do mundo, haviam recebido identidade e ética celestiais e, por isso mesmo, sofreriam todo tipo de rejeição, resistência e perseguição.

O verdadeiro discipulado precisa seguir para esse destino de mudança radical. Não podemos tomá-lo como o desafio de implantar meros cacoetes religiosos na vida das pessoas, mas de estabelecer nelas uma nova forma de agir. Quando Jesus disse que aqueles galileus não eram do mundo, referia-se ao fato de que haviam sido resgatados da sua antiga e vã maneira de viver, assumindo um novo padrão, baseado na fé e na graça.

Esta transformação de mentalidade e de identidade talvez seja o maior desafio do discipulado cristão. Mentes velhas não recebem padrões novos. Seria como a tentativa de costurar um remendo novo em um pano desgastado. Justamente por isso, o ponto de partida para essa transformação radical é sempre o novo nascimento. Se Deus não operar esse milagre de mudança de natureza, toda tentativa de transformação será frustrada e terminará, no máximo, na formação caricata de religiosos com nova aparência e velho coração.

MENTES VELHAS NÃO RECEBEM NOVOS PADRÕES. POR ISSO, O VERDADEIRO DISCIPULADO SÓ É POSSÍVEL A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA SOBRENATURAL CHAMADA "NOVO NASCIMENTO".

Quando você conduz alguém à fé em Cristo, algo sobrenatural acontece no espírito dessa pessoa. A vida de Deus, a vida eterna, é liberada e com ela uma nova natureza. Eu diria que essa é a base onde será edificada a sua experiência cristã, o solo onde as sementes do discipulado poderão prosperar. Entretanto, na alma, na mente dessas pessoas, estão velhos padrões, conceitos, sentimentos e expectativas, coisas que nada têm a ver com a vontade de Deus. Bom seria se tudo isso fosse extirpado na experiência instantânea da conversão, mas todos sabemos que não é. Somente a ação progressiva do Espírito Santo, usando a Palavra de Deus e a instrumentalidade do discipulado, implantará essa nova visão da vida e, consequentemente, uma nova forma de interagir com o mundo.

Quando Jesus conheceu cada um dos Seus discípulos, encontrou neles uma mentalidade terrena, influenciada pela cultura, pelo contexto social em que viviam e pela religiosidade judaica corrente. Havia coisas aproveitáveis e outras absolutamente nocivas na forma de pensar e agir daqueles homens. Mais que isso, havia conceitos celestiais que eles desconheciam e que só poderiam ser implantados em suas vidas se os conceitos antigos fossem arrancados.

NINGUÉM CONSEGUIRÁ MANTER UMA NOVA ATITUDE, SEM SE ASSUMIR COMO UMA NOVA PESSOA. O DISCIPULADO PASSA PELA RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE, NECESSARIAMENTE.

Esta é a tarefa mais desgastante de um mentor espiritual. As palavras que Deus deu a Jeremias, quando o chamou para o ministério profético, bem que se encaixam na missão de todo discipulador: *"Hoje te constituo... para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares"* (Jeremias 1:10). É preciso demolir conceitos velhos para dar lugar aos valores do reino de Deus.

Para que esse processo de reconstrução seja bem-sucedido, é necessário começá-lo pela implantação de uma nova identidade. Ninguém conseguirá manter uma nova atitude, sem primeiro assumir-se como uma nova pessoa. Jesus sabia disso. Por essa razão, tratava de direcionar Seus discípulos na perspectiva dessa mudança.

O grande fundamento lançado foi posicioná-los como filhos de Deus. Se hoje em dia, numa cultura como a nossa, a maioria arvora-se à essa condição, mesmo sem ter cumprido o requisito da fé para ter direito a ela, naquele tempo, entre os judeus, soava como pretensão insolente alguém chamar Deus de Pai. Para eles, o viés era de relacionamento serviçal com um Senhor poderoso, porém, distante. A ênfase do judaísmo no temor e na reverência dificultava tal afinidade.

Jesus manifestou-se rompendo este paradigma. Sua relação com Deus não era formal e nem distante. Ele O chamava de Pai em todas as Suas orações (Mateus 11:25-27 e João 11:41-42 são exemplos disso) e Se referia sempre a Ele dessa maneira. Quando Pedro, em Cesareia de Felipe, fez a clássica afirmação – *"Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo"* (Mateus 16:16) – estava rompendo um bloqueio teológico e mental, admitindo, não apenas a identidade messiânica de Jesus, mas também o tipo de relacionamento que Ele mantinha com Deus.

O FAZEDOR DE DISCÍPULOS PRECISA AJUDAR QUEM O SEGUE A DESFRUTAR DO PRIVILÉGIO E DA SEGURANÇA DE SER FILHO DE DEUS. ESSA É A IDENTIDADE ESSENCIAL DOS "HOMENS DO CÉU".

Obviamente Jesus é o Unigênito. Sua posição será sempre inigualável. João confessa isso de maneira magistral: *"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai"* (João 1:14). Portanto, sempre quando comparamos um fazedor de discípulos com Jesus, há que se guardar as devidas proporções. Entretanto, foi justamente a forma explícita de Ele Se comportar como Filho que abriu caminho para que Seus discípulos também passassem a fazê-lo, tanto que João afirma no mesmo contexto da ideia anterior: *"Mas a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus"* (João 1:12).

Jesus não apenas portou-Se como Filho de Deus diante dos Seus discípulos, mas ensinou-os a fazerem o mesmo. Instruiu-os a orar dizendo *"Pai nosso, que estás nos céus..." (Mateus 6:9) e argumentou sob essa perspectiva muitas das novas posturas que eles deveriam adotar. Eis alguns dos muitos exemplos: "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste"* (Mateus 5:48)... *"Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus"* (Mateus 5:16)... *"Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?"* (Mateus 6:26)... *"Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai"* (Lucas 6:36)... Nesses, e em muitos outros versículos, encontramos o Senhor fazendo fluir o discipulado sob a ideia de que aqueles homens deveriam posicionar-se como filhos e não somente como servos de Deus.

O BOM LÍDER NUNCA SE PROPÕE A SER INTERMEDIÁRIO, MAS FACILITADOR PARA QUE SEUS DISCÍPULOS DESENVOLVAM UM RELACIONAMENTO ABUNDANTE E DIRETO COM DEUS.

Teologicamente, essa verdade pode parecer muito óbvia hoje em dia. Deus é nosso Pai e todos na igreja sabem disso. Entretanto, por bloqueios espirituais e de alma, mais do que por bloqueios teológicos, muitos dos nossos discípulos terão dificuldade em assumi-Lo assim e precisarão ser ajudados, caso contrário, nunca desfrutarão da verdadeira vida plena.

Por que este assunto é tão importante no discipulado? Em primeiro lugar, porque a paternidade de Deus nos induz à intimidade com Ele. Um bom fazedor de discípulos nunca se coloca como mediador, mas sim como facilitador para que seus seguidores desenvolvam um relacionamento rico com o Pai. Jesus fez isso com excelência. Como em todas as outras áreas, ofereceu-Se como modelo, revelando-Se diante deles como homem de oração.

Era comum vê-Lo deixando o burburinho e varando as madrugadas em encontros a sós com Deus. Eventualmente, chamava os discípulos para esses momentos de intimidade espiritual, como aconteceu com Pedro, Tiago e João, provavelmente no Monte Tabor, quando os chamou com o propósito de orar e Se transfigurou diante deles, fazendo-os provar uma das experiências mais fortes de suas vidas, mantida em segredo entre os quatro por algum tempo (conf. Marcos 9:2-8).

O SUCESSO MINISTERIAL DOS NOSSOS DISCÍPULOS SERÁ PROPORCIONAL À INTIMIDADE QUE TIVEREM COM DEUS, REGADA POR PRÁTICAS DEVOCIONAIS COMO ORAÇÃO, MEDITAÇÃO E JEJUM.

Como se não bastasse Seu exemplo pessoal, Jesus também era explícito em incentivar e até cobrar que Seus discípulos desenvolvessem vida de oração. Ele os ensinava especificamente sobre isso. Há um relato muito direto a esse respeito: *"De uma feita, estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos. Então, Ele os ensinou: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia; perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve; e não nos deixes cair em tentação"* (Lucas 11:1-4). Muito longe de ensinar uma reza repetitiva, o Mestre estava dando um modelo do que deveria ser a comunicação deles com Deus e ela deveria basear-se em sua condição de filhos e fazer parte do seu cotidiano, como cotidiana era a necessidade do pão.

O sucesso ministerial dos nossos discípulos será proporcional à intimidade que eles desenvolverem com Deus, regada, necessariamente, pelas práticas devocionais da oração, da meditação e do jejum. O bom discipulador é, portanto, alguém que instiga os seus seguidores a investirem nessa área, tanto pelo exemplo que dá, quanto pelo ensino.

A FÉ É A ÚNICA CHAVE QUE PODE DESTRAVAR OS TESOUROS DO REINO DE DEUS. ELA PRECISA SER MATÉRIA PRIMORDIAL E PRÁTICA NO PROCESSO DO DISCIPULADO.

O segundo motivo pelo qual é fundamental levar os discípulos a assumirem a condição de filhos de Deus, é que isso desloca a identidade deles para uma nova origem e dimensão. Se são filhos do Eterno, não são mais homens naturais, carnais, da Terra. São divinos, espirituais, sobrenaturais!

Um emblema fundamental dessa nova dimensão é a fé. Como é importante ensinar discípulos a viverem pela fé! Eles não são chamados a ser meros adeptos de uma religião, mas representantes do Todo-Poderoso entre os homens. Esse não é um processo que se desenvolve no plano natural ou da razão, mas é deflagrado exclusivamente pela fé.

Jesus fez desse um assunto central em suas conversas e ministrações. Ele sabia que não seriam homens cheios de teoria, com a mente abarrotada de conhecimento natural, que gerenciariam a revolução espiritual que a agenda de Deus previa. Por isso, desde os primeiros momentos, tratou de revelar-lhes o mundo dos milagres e desafiá-los a serem, não somente expectadores, mas agentes do sobrenatural.

A insistência do Senhor em instigar os discípulos a saírem do racionalismo natural para se moverem no poder de Deus era tão evidente que, inúmeras vezes, Ele apontou explicitamente a incredulidade como um elemento a ser vencido em suas vidas. A expressão *"homens de pequena fé"* saiu dos seus lábios em várias ocasiões (alguns exemplos estão em Mateus 6:30; 8:26; 14:31; 16:8). Essas palavras não tinham um caráter acusativo, mas o propósito de sacudi-los para que não se acomodassem ao nível do natural.

Com o passar do tempo, o exemplo do Líder, que fazia dos milagres um elemento do seu cotidiano, e a sua perseverança em desafiá-los, acabou por despertar nos discípulos a

atenção necessária ao tema. A Bíblia conta-nos o momento em que houve uma reação deles e a resposta que Jesus lhes deu: *"Então, disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé. Respondeu-lhes o Senhor: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá"* (Lucas 17:5-6). Ao que parece, eles haviam chegado à conclusão de que nunca estariam habilitados completamente para o chamado, se não crescessem em fé. Então, o Mestre tratou de lhes mostrar que aquela era uma conquista viável, ao alcance de seus corações.

LÍDERES QUE SÓ SE MOVEM NO PLANO DA RAZÃO FORMARÃO DISCÍPULOS RACIONAIS, INCAPAZES DE ATIVAR O PODER DE DEUS. SEM A PRÁTICA DA FÉ, NÃO HÁ MINISTÉRIO SOBRENATURAL.

Mais do que Se mover o tempo todo no sobrenatural e cobrar que Seus discípulos se lançassem na mesma aventura, o Senhor promovia situações em que eles eram "forçados" a ativar o poder de Deus. Veja, por exemplo, o que Ele fez pouco tempo depois de designar sua equipe principal: *"A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai. Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento"* (Mateus 10:5,8-10). Certamente eles partiam para desafios como esse, tremendo nas bases, cheios de receio, mas lançados assim em missões sobrenaturais, iam aprendendo a andar pela fé.

DISCIPULADORES EFICAZES, NÃO APENAS ENSINAM SEUS DISCÍPULOS A NADAR, MAS OS EMPURRAM PARA AS ÁGUAS DO DESAFIO. PARA SE TER EXPERIÊNCIAS É PRECISO EXPERIMENTAR!

Meu amigo Cesar Fajardo, pastor colombiano com quem aprendo muito sobre fazer discípulos, conta uma história que ilustra bem essa "técnica" de empurrar pessoas para o sobrenatural... Uma grande festa havia sido programada em homenagem a certo homem que salvara uma criança das ondas bravias do mar. Todos os convidados tinham viajado, semanas antes, como passageiros ou tripulantes de um navio, assim como o homenageado.

Com o herói assentado num lugar de honra, muitos dos presentes fizeram seus discursos, sempre ressaltando a coragem e abnegação daquele homem que, vendo o menino afogando-se, após cair do navio em alto mar, lançou-se para salvá-lo. O discurso final foi feito pela mãe do garoto. Em lágrimas, ela disse: "Eu não tenho palavras para agradecer-lhe por ter trazido de volta o meu filho. Nunca imaginei que alguém fosse capaz de arriscar a sua vida por um estranho, como o senhor fez..."

O homem ouvia tudo com muita atenção e um certo constrangimento, até que finalmente lhe foi dado o direito à palavra. Pondo-se em pé, ele agradeceu por todas as expressões e a todos surpreendeu, dizendo: "Sei que provavelmente esta seja a minha última oportunidade de ver reunidas todas as pessoas que estavam naquele navio. Não posso perder essa chance. De fato, sinto-me orgulhoso por ter salvado aquela criança, mas há uma questão que não quer calar em meu coração: quem de vocês me empurrou para aquelas ondas terríveis? Eu nunca teria feito aquilo por conta própria!"

Discípulos de Cristo precisam mover-se no sobrenatural, a fim de se tornarem os "heróis" que salvarão muita gente. Bons discipuladores os ensinarão a nadar, mas também os empurrarão para o mar das experiências. Afinal, segundo o método adotado por Jesus, a melhor maneira de se aprender a fazer é fazendo.

DISCÍPULOS PRECISAM SER LEVADOS A ENTENDER QUE SÃO REPRESENTANTES DE DEUS E DO SEU REINO NA TERRA. ISSO OS RESPONSABILIZARÁ POR MANTEREM UM PADRÃO DE VIDA CELESTIAL.

O terceiro motivo pelo qual a identidade de filho de Deus precisa ser consolidada em cada discípulo é que ela nos posiciona como representantes de Seu reino e natureza. Se somos filhos de Deus, somos como Ele. Nesse sentido, a outra base da vida cristã que Jesus veio trazer, além da fé, é o amor. Deus é amor, e é a partir dessa revelação que construímos nossa identidade, nossos valores e nossas atitudes.

A mentalidade na qual os discípulos de Jesus cresceram era a mentalidade da Lei, do *"olho por olho, dente por dente".* O evangelho, porém, é a proclamação das boas novas da graça, a revelação do amor incondicional de Deus. Colocar isso na mente e nas atitudes de homens competitivos e egocêntricos é um grande desafio do discipulado.

HÁ UMA CHAVE NA MENTE DOS DISCÍPULOS QUE PRECISA SER MUDADA DO DESEMPENHO LEGALISTA E CARNAL PARA O SERVIÇO ALTRUÍSTA.

Quando João e Tiago quiseram mandar fogo do céu sobre o povo de Samaria, ou quando Pedro cortou com uma espada a orelha de um agressor, ou mesmo quando os discípulos surpreenderam-se, ao verem Jesus conversando à beira de um poço com uma mulher samaritana, estavam apenas revelando a velha forma de enxergar a vida, aprendida nas sinagogas do Judaísmo corrente e nas aldeias poeirentas da Galileia. Foi necessário que o Senhor Se ocupasse, com paciência e determinação, em mudar a chave de suas mentes, do desempenho legalista e carnal para o serviço altruísta, baseado em amor.

O chamado "sermão da montanha" certamente foi um marco chocante para todos eles. Embora tenha sido uma ministração pública, dirigida à multidão, os doze estavam no "camarote" da plateia, sendo desafiados a mudar completamente sua forma de pensar. A Bíblia diz que, *"vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo..."* (Mateus 5:1-2). O que aqueles galileus ouviram a partir daí, junto com toda a multidão, era uma proposta de vida absolutamente nova. Perdoar sempre, oferecer a outra face a um agressor, acumular tesouros no céu e tantas outras coisas ditas ali e certamente consolidadas em outras ocasiões; eram conceitos que eles nunca haviam recebido na religião e que não seriam capazes de cumprir, a não ser que se convertessem à graça.

A forma de viver que o verdadeiro discipulado cristão propõe é muito superior à proposta de qualquer religião. Por isso mesmo, seu preço também é muito mais elevado. Viver pelo amor significa negar-se a si mesmo, o tempo todo. É isso que um fazedor de discípulos tem que fazer e ensinar, sempre.

Há algo fundamentalmente errado no cristianismo praticado pela maior parte da igreja ocidental, em nossos dias. As pessoas são convidadas para uma vida *soft*, na qual sofrimento e abnegação não fazem parte do "cardápio". Na realidade, grande parte dos que estão na igreja, segue vivendo a mesma vida egocêntrica de outrora, só que agora com "a bênção de Deus". Materialismo, individualismo e frouxidão de compromisso são as marcas da geração que segue esse engano. Daí certamente vem a explicação pelos milhões de desviados e "evangélicos sem igreja" dos nossos dias. Acostumada a usar da fé apenas para satisfação de caprichos pessoais, gente assim torna-se melindrosa e frágil, incapaz de suportar as oposições e demandas do reino de Deus.

O ESTILO DE VIDA QUE O VERDADEIRO DISCIPULADO CRISTÃO PROPÕE É MUITO SUPERIOR AO PROPOSTO PELA RELIGIÃO. POR ISSO MESMO, SEU PREÇO TAMBÉM SERÁ BEM MAIS ELEVADO.

Jesus preparou os Seus discípulos para uma vida difícil. Não que sofrer fosse desejável ou representasse um meio de justificação. Longe disso! A ideia era que, para cumprirem o chamado, teriam que suportar rejeição do mundo e oposição demoníaca, além de negar a própria vontade a fim de corresponderem à vontade de Deus. Fazia parte do discipulado o treinamento constante enfatizando renúncia e abnegação... *"Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me"* (Mateus 16:24). Com palavras assim, o Mestre costumava preparar Sua equipe para uma vida, não mais levada em função de si mesmos, mas do propósito celestial.

UM FAZEDOR DE DISCÍPULOS INSPIRADO NO MODELO DE CRISTO NÃO ILUDIRÁ SEUS SEGUIDORES COM PROMESSAS DE VIDA FÁCIL. DESDE O INÍCIO, ELE OS PREPARARÁ PARA A ABNEGAÇÃO.

Fazer discípulos não é uma tarefa que possa ser cumprida à base de bajulação. Desde o início, é necessário propor um caminho de renúncia pelo reino de Deus. Pessoas cheias de

vontade própria travarão o processo e nunca chegarão a se tornar modelo. Embora esse trabalho do discipulador deva ser feito com paciência, trilhando o caminho de conquista que já vimos num capítulo anterior, é fundamental que o propósito de formar pessoas que vivam pela vontade de Deus não seja abandonado ou negociado.

Num determinado momento de Seu ministério, quando percebeu que muitos dos que se diziam Seus discípulos, na verdade estavam mais interessados nos benefícios que podiam desfrutar, do que em se entregarem à uma aliança, Jesus os confrontou e traçou ali um divisor de águas. A Bíblia nos conta que muitos O abandonaram, ofendidos com a rigidez do padrão pregado. O que fez o Mestre, então? Saiu correndo atrás deles? Mudou o discurso? Não! Ele estava seguro do que viera fazer e os discípulos que quisessem segui-Lo teriam que se enquandrar em Sua proposta.

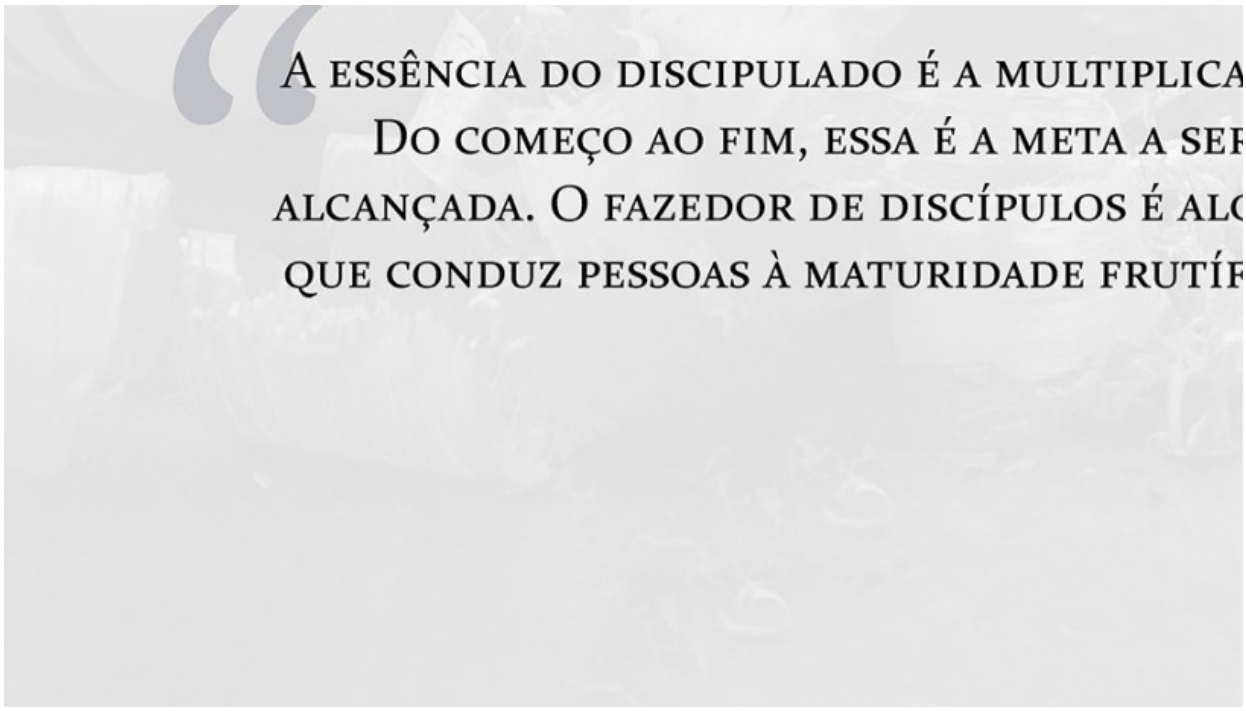
É sempre muito difícil quando se tem que chegar a este ponto de confrontação, mas, às vezes, será necessário. Não é raro que pessoas “empaquem” no processo do discipulado e não demonstrem o compromisso necessário para seguir. O bom fazedor de discípulos não desistirá delas facilmente, mas também saberá o momento de definir as coisas e, eventualmente, substituir peças para que o grupo avance em seu propósito. Afinal, como já vimos antes, uma equipe de discipulado não é uma confraria, amigos que permanecem juntos sem propósito, mas um grupo de treinamento e ministério. Quem não se enquadra nisso deve dar lugar a outro.

Toda esta seriedade tem um motivo: fazer discípulos é preparar homens para viverem a vida de Deus na Terra, servindo às pessoas e manifestando o poder da graça. Isso não é possível, a não ser que se leve avante a proposta de andar neste mundo como alguém que a ele não pertence mais.

10

VISÃO DE MULTIPLICAÇÃ

"Assim como tu me enviaste ao mun
também eu os enviei ao mundo... Na
rogo somente por estes, mas tambe
por aqueles que vierem a crer em m
por intermédio da sua palavra."
(João 17:18,20)


A essência do discipulado é a multiplica
Do começo ao fim, essa é a meta a ser
alcançada. O fazedor de discípulos é alg
que conduz pessoas à maturidade frutíf

Visão de Multiplicação

Ao olhar para aqueles doze discípulos, aos quais chamou desde o princípio de apóstolos (que quer dizer "enviados"), Jesus via muito além deles, vislumbrava gerações que se levantariam através de seus ministérios. Por isso, em Sua oração de prestação de contas, Ele disse ao Pai: *"Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo... Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra"* (João 17:18,20).

Há um fato marcante na experiência da equipe de Jesus: todos foram conduzidos à salvação por Ele. Não que isso seja regra absoluta, mas quando um líder começa o seu trabalho evangelizando pessoas, conduzindo-as ao novo nascimento e, a partir daí, introduzindo-as no processo de discipulado, é possível estabelecer desde o princípio as bases corretas para a verdadeira vida cristã.

Quando digo que ganhar pessoas e, depois, formá-las não é regra absoluta, refiro-me ao fato de que muitas vezes gente já nascida de novo possa colocar-se debaixo de uma nova liderança e ser discipulada por ela.

Dos homens que formei pessoalmente para o ministério, há quem se converteu por uma palavra ou influência minha, pessoas que acompanhei desde os primeiros passos, e há também aqueles que vieram depois, já convertidos e alguns parcialmente trabalhados por outros servos de Deus. Os resultados dependem mais do coração do discípulo do que do momento em que o discipulado começou, mas posso afirmar que os que já nascem filhos têm uma tendência de se enquadrarem com mais facilidade do que os "adotados".

Um fazedor de discípulos deve ser, portanto, um ganhador de almas. Além disso, o propósito do discipulado é a formação de pessoas com vistas à reprodução espiritual. Não se trata de formar "super-crentes" estéreis, incapazes de multiplicar, "arquivos mortos" da fé. Todo o investimento na vida de um discípulo tem a finalidade de capacitá-lo à frutificação.

Conduzir pessoas à salvação é a tarefa mais básica de um fazedor de discípulos. Se ele mesmo não gera frutos, como esperar que seus seguidores o façam?

Ao chamar Seus primeiros seguidores, Jesus foi explícito nessa intenção. A Pedro e André, assim como a Tiago e João, após o milagre de uma pesca maravilhosa, Ele desafiou: *"Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram"* (Mateus 4:19-20).

Fico pensando no que estas palavras significaram na mente daqueles pescadores profissionais. Eles estavam impactados com o milagre da grande pesca que precedeu o convite, mas não deixariam tudo para trás por uma proposta vazia ou pela empolgação de um momento. Ainda que não compreendessem tudo, entenderam que, dali em diante, teriam que viver em função de trazer outros homens para o reino de Deus.

Como um pescador que depende do êxito de sua pesca para sobreviver, um verdadeiro cristão precisa fazer da tarefa de ganhar vidas sua ocupação diária.

A vida de um pescador era, como em nossos dias, uma vida de esforço e sacrifício. Após ser treinado junto a alguém mais experiente, ele deveria aventurar-se entre os perigos indecifráveis do mar e a rotina do trabalho paciente. Sair de casa de madrugada com a obrigação de trazer, na forma de uma rede cheia de peixes, a provisão para sua família,

exigia dele profundo compromisso. Às vezes, como ocorrera antes do milagre feito por Jesus, a frustração de uma noite sem resultados precisava ser superada para, no dia seguinte, dar lugar a uma nova tentativa. Afinal, um pescador não sobrevive sem pescar.

Quando Jesus fez o chamado àqueles galileus, toda essa realidade se transferiu para uma nova perspectiva. A partir daquele momento, eles seriam treinados para se tornarem "pescadores de homens". Sua sobrevivência no reino de Deus, de alguma forma, dependeria do sucesso nessa tarefa.

Como já vimos anteriormente, Jesus estabeleceu seus doze e explicitou, desde o início, o propósito daquela equipe. O relato bíblico é exatamente o seguinte: *"Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios"* (Marcos 3:14-15). Estava claro que a finalidade daquela convivência era capacitá-los para ir e salvar pessoas, libertando-as do poder de Satanás.

A prioridade de anunciar o evangelho, convertendo homens e mulheres ao reino de Deus, era mais do que um ensino nos lábios de Jesus ou uma meta escrita num quadro negro. Ele a vivenciou intensamente, todos os dias, diante daqueles que O acompanhavam. Nas grandes cruzadas, nas sinagogas judaicas, nas inúmeras reuniões caseiras, nos encontros pessoais com gente de todo tipo, Jesus pregava o evangelho e manifestava o poder do Espírito em favor dos perdidos.

Não havia nenhuma margem de dúvida sobre o que Ele tinha vindo fazer e ensinar. Não estava na Terra para liderar uma revolução política, promover-Se ou beneficiar-Se do ministério. O maior fazedor de discípulos de todos os tempos vivia para salvar vidas, ensiná-las a viver no reino de Deus e prepará-las para o mesmo ministério.

O GRANDE COMBUSTÍVEL DA FRUTIFICAÇÃO PRECISA SER A COMPAIXÃO. NÚMEROS VALEM MUITO NO REINO DE DEUS, DESDE QUE NÃO ESCONDAM O VALOR DE UM SÓ.

Jesus fazia isto porque amava as pessoas. Havia um combustível que O impulsionava a pregar a Palavra e abençoar quem cruzasse o seu caminho: a misericórdia. A expressão *"movido de íntima compaixão"* (conf. Mateus 20:34) define bem de onde vinha a motivação para investir na salvação de vidas. Ele trata de revelar este sentimento aos discípulos que estava formando, creio eu, para despertar neles o mesmo sentimento, como ocorreu antes do milagre da multiplicação de pães: *"E, chamando Jesus os seus discípulos, disse: Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanece comigo e não tem o que comer; e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça pelo caminho"* (Mateus 15:32). Em situações assim, o Senhor demonstrava que, embora tivesse uma grande visão, não tratava a multidão como mera plataforma para Seu sucesso, mas conhecia o valor de cada pessoa. Podia pregar para milhares ou parar tudo para atender um indivíduo necessitado. Sua motivação era sempre o amor.

NÃO TEMOS LEGITIMIDADE PARA SONHAR COM MULTIDÕES, SE NÃO DESCOBRIRMOS O VALOR DE CADA UM. JESUS TERIA ENFRENTADO A CRUZ, SE HOUVESSE SOMENTE UM PECADOR NO MUNDO!

Nunca vou me esquecer de uma experiência que tive com um grande amigo, pastor em São Paulo. Quando o conheci, ele estava vivendo o período mais difícil de sua vida. Homem de fé, sempre usado por Deus em curas e milagres, havia perdido um filho de oito anos, vítima de um câncer, depois de um longo período de batalha contra a doença.

Seu mundo havia desmoronado. Estava tomado pela tristeza e já não ousava mais orar pelos enfermos, sentindo-se desautorizado, por não ter conseguido curar o próprio filho. Foi quando nos conhecemos e o Senhor desenvolveu uma linda amizade entre nós.

Tornei-me o pastor daquele experiente homem de Deus e, através desse relacionamento, o Espírito Santo não apenas deu uma nova direção ao seu ministério, mas também curou a sua alma, fazendo secar as lágrimas que corriam diariamente em seu rosto, por meses.

Em certa ocasião, quando a dor daquele luto já havia passado, nós nos encontramos numa grande conferência em minha igreja. Num certo momento, quando dezenas de

pastores estavam juntos no altar, Deus impulsionou-me a aproximar desse meu amigo e orar com ele. Quando o fiz, uma palavra profética brotou de meus lábios, causando em nós dois um impacto que nunca vou esquecer. O Senhor lhe disse: “Eu tirei o filho a quem você tanto amava. Abri no seu coração uma ferida e já a fechei, porque Eu sou o seu consolo. Agora você pode começar a sonhar com multidões, pois já sabe o valor de um único filho...”

Aquela experiência foi muito forte para nós dois. No meio das lágrimas que brotaram naquele altar, uma marca se estabeleceu em minha vida: a consciência de que Deus pensa grande, de que a igreja deve buscar ser enorme, mas também de que os números não podem esconder o valor de cada pessoa para o Senhor.

Um fazedor de discípulos precisa amar gente, não porque gente significa poder, dinheiro ou *status*, mas porque gente é a paixão do coração de Deus. Foi assim que Jesus viveu e foi essa verdade que Ele impartiu em quem O seguia de perto.

> UM FAZEDOR DE DISCÍPULOS PRECISA AMAR AS PESSOAS, NÃO PORQUE SÃO UM TRAMPOLIM PARA O SUCESSO, MAS PORQUE GENTE É A PAIXÃO DO CORAÇÃO DE DEUS.

Dito isto, ressaltada a preciosidade de cada indivíduo, precisamos entender também que a multiplicação é um tema central na vida da igreja. Ela reflete o propósito eterno do Pai. Desde quando criou o homem, esse desígnio está estabelecido por Deus. Você se lembra das palavras que inauguraram os ouvidos de Adão, no Éden? Depois de esperar por uma eternidade para que pudesse ter alguém feito à Sua imagem e semelhança, o Senhor sopra fôlego de vida nas narinas do homem e, quando ele abre os olhos, o Eterno lhe diz: *“Crescei, multiplicai-vos, enchei a terra e dominai-a”* (Gênesis 1:28). Desde o princípio, um plano de conquista por meio da multiplicação foi estabelecido como forma de implantação do reino de Deus na Terra.

> É PRECISO REPROGRAMAR A MENTE DOS NOSSOS DISCÍPULOS, NÃO APENAS PARA ADMITIREM A POSSIBILIDADE DA GRANDEZA, MAS PARA SE VEREM COMO AGENTES DESSA REALIDADE.

Jesus ensinou Seus discípulos a pensarem grande e os levou a sonhar com as multidões. Ele ministrava com constância sobre isso: *“Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar”* (João 14:2)... *“Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara”* (Mateus 9:36-38). Com palavras assim e com uma rotina que sempre envolvia ministrar a muita gente, o Senhor dilatava o coração de Sua equipe para absorver a visão de uma grande igreja, coisa que se cumpriu a partir de Pentecostes.

É muito importante trabalhar essa dimensão de grandeza no discipulado. Vivemos numa época em que muitos paradigmas têm sido rompidos e a igreja está, cada vez mais, deixando a timidez, para pensar na conquista de multidões e até de nações. Entretanto, é preciso reprogramar a mente dos nossos discípulos, não apenas para admitirem a possibilidade da grandeza, mas para se verem como agentes dessa realidade. Ser um “pai de multidões” deve ser um sonho que move o fazedor de discípulos e que é transmitido para os discípulos que ele faz.

Na formação de Seus doze, Jesus não apenas despertou em suas vidas a capacidade de sonhar, mas os responsabilizou pela frutificação. Eles estavam recebendo investimento para darem resultado e esse não era um propósito velado.

O Senhor era muito explícito em colocar a abundância de frutos como meta que seria cobrada: *“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda... Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos... Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça”* (João

15:1,2,8,16). Com palavras assim, Jesus deixava claro que, a seu tempo, os frutos seriam exigidos.

SER UM "PAI DE MULTIDÕES" DEVE SER UM SONHO QUE MOVE O FAZEDOR DE DISCÍPULOS E QUE É TRANSMITIDO PARA O CORAÇÃO DE SUA EQUIPE.

Este é sempre um tema nevrálgico no discipulado. Alguns líderes que conheço não enfatizam desde o início a frutificação como alvo do investimento que fazem em seus discípulos. Outros, embora façam o discurso correto, não o levam a sério e permitem que pessoas estéreis, mesmo depois de muito tempo, permaneçam ocupando o seu tempo e o espaço de outras que poderiam frutificar. A consequência de tais posturas é a frustração do trabalho sem resultados e a criação de um círculo vicioso, no qual discípulos infrutíferos tornam-se o padrão replicado e transformam o discipulado numa mera questão de *status*.

Não advogo a ideia de que pessoas devem ser mantidas sob ameaça para frutificarem. A "técnica do podão", da pressão constante sob o argumento de que "senão cabeças vão rolar", pode dar um resultado imediato baseado no medo, mas a médio prazo destruirá a alegria das pessoas e roubará suas forças. O bom discipulador é aquele que motiva, ajuda, inspira pacientemente e busca despertar seus discípulos com os argumentos corretos do amor e da fé. Porém, há um momento em que a dedicação de cada um e os resultados precisam aparecer.

FRUTIFICAR É META E CONSEQUÊNCIA DE UM DISCIPULADO SADIO. AQUELE QUE, TENDO RECEBIDO INVESTIMENTO, NÃO REPRODUZ DISCÍPULOS, REVELA UMA ANOMALIA A SER TRATADA.

Há uma parábola contada por Jesus que ilustra bem este processo de investimento e cobrança. Ela está narrada em Mateus 25:14-29. Nessa história, um homem distribui entre três de seus servos, cinco, dois e um talentos, respectivamente, conforme a capacidade de cada um. Depois ausenta-se e deixa-os trabalhar. Os dois primeiros, esforçados desde o início, conseguiram multiplicar o dinheiro do seu senhor. O terceiro optou pelo comodismo. Enterrou a moeda e ficou esperando o dia do acerto de contas que, quando aconteceu, premiou os servos dedicados, mas reprovou e excluiu o conformado, chamado ao final de *"servo mau e negligente".*

Embora o contexto proposto não seja este, eu gosto de olhar para o senhor desta parábola como um fazedor de discípulos. Antes de cobrar resultados, ele investe, dá aos seus liderados daquilo que angariou durante a vida. Mais que isso, mede a capacidade de cada um e distribui responsabilidades de acordo com essa variante.

É interessante notar que a mentalidade da multiplicação já estava implantada na mente daqueles servos. Tanto que os dois primeiros saíram imediatamente para trabalhar e angariar mais (é o que dizem os vs. 16 e 17). Mesmo o terceiro, que nada fez, sabia que haveria de prestar contas um dia. Portanto, seu problema não era ignorância, mas negligência.

Ao final da história, o líder honrou e promoveu aqueles que haviam gerado resultados, mas substituiu o que optou pela estagnação.

DISCÍPULOS TÊM CAPACIDADES DISTINTAS DE FRUTIFICAÇÃO. O BOM LÍDER NÃO EXIGE QUE PRODUZAM OS MESMOS RESULTADOS, MAS PARA QUE SE ESFORCEM AO MÁXIMO DO SEU POTENCIAL.

Penso que devemos agir assim. Cada um dos nossos discípulos tem uma capacidade peculiar e devemos investir neles considerando essa perspectiva distinta de frutificação. Também é importante observar que um líder não pode cobrar, sem antes investir e dar tempo ao tempo. Chegará, entretanto, o momento em que os resultados precisarão ser avaliados e aqueles que não corresponderem deverão ser substituídos.

Ainda usando o pano de fundo da "parábola dos talentos", acho importante ressaltar que o servo reprovado teve um veredito que ia além dos resultados. Ele foi avaliado como *"mau e negligente"*. A falta de frutos era, na verdade, decorrente da falta de boa índole e empenho.

Nem sempre a produtividade de alguém, no reino de Deus, pode ser avaliada apenas de forma quantitativa. Pessoas colherão resultados diferentes, dependendo do solo em que estiverem trabalhando. É possível que alguém menos dedicado colha frutos visíveis mais abundantes do que alguém que se entregou à obra com maior intensidade. Por isso mesmo, o empenho deve valer mais na avaliação do que os resultados numéricos. Mande uma pessoa pregar o evangelho numa favela do Brasil e outra, num país de islamismo radical, na Ásia. Por mais que se dediquem igualmente, os frutos se manifestarão em dimensões muito diferentes e um bom líder saberá discernir isso.

A CONQUISTA DE MULTIDÕES SÓ É CONSISTENTE E POSSÍVEL ATRAVÉS DO "DISCIPULADO GERACIONAL". UMA EQUIPE DE DISCÍPULOS BEM FORMADA É O COMEÇO DE UMA GRANDE MULTIPLICAÇÃO.

Como já vimos, pessoas deixaram de seguir Jesus, e não foram poucas. Quando cobrou delas um compromisso maior, amargou vê-las virando-Lhe as costas. Um líder precisará absorver o impacto desses momentos, sem negociar o propósito.

Voltando à visão de multidões, talvez seja difícil para uma pessoa comum ver-se como agente de uma conquista grandiosa. A distância entre a limitação de um só homem e o desafio de levantar um povo numeroso parece sempre muito grande, inalcançável. Exatamente por isso, a ideia de gerações precisa estar no cerne do discipulado.

Quando Deus prometeu fazer de Abraão um pai de nações, obviamente não esperava que diretamente dele saíssem milhões de pessoas. Sua missão seria gerar um filho, que gerasse filhos, que por sua vez gerassem filhos, até que a promessa se cumprisse sob a bênção do Senhor.

No discipulado, é exatamente essa a proposta também. Jesus, por exemplo, embora tenha pregado e servido a muita gente, priorizou trabalhar de perto doze homens, preparando-os para fazerem o mesmo com outros, até que uma multidão fosse formada na fé. Por isso, quando ora no final do Seu ministério, intercede não apenas por Sua equipe imediata, mas *"por aqueles que viessem a crer por intermédio de sua palavra".* Perceba que Ele Se refere aos frutos que nasceriam pela palavra ministrada por seus discípulos. Isso é o que eu chamo "visão de gerações".

Por três anos, o Carpinteiro de Nazaré dedicou-se a talhar homens, até que eles se tornassem capazes de fazer o mesmo com outros e, assim, começar o processo milagroso da multiplicação. Não teriam, cada um, que conquistar milhares de pessoas, mas investir intensamente em algumas que viessem a reproduzir o processo. Essa é a maravilhosa matemática do discipulado!

R EPRODUZIR-NOS É VITAL NA CAMINHADA DA FÉ. CRENTES QUE NÃO GANHAM VIDAS E NÃO FAZEM DISCÍPULOS TRANSGRIDEM O GRANDE MANDAMENTO DA RESSURREIÇÃO.

Após a ressurreição e já tendo concluído o processo de treinamento de Sua equipe, Jesus foi explícito em comissioná-los: *"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século"* (Mateus 28:19-20). A tarefa de cada um era replicar o que haviam vivido com o Mestre, levantando eles mesmos outros homens frutíferos.

Paulo, apóstolo que mais tarde encarnou com a maior excelência possível a visão do discipulado geracional, definiu muito bem o processo, instruindo a Timóteo: *"Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus. E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros"* (II Timóteo 2;1-2).

H Á UM FANTÁSTICO PODER DE MULTIPLICAÇÃO NO DISCIPULADO GERACIONAL. SE A IGREJA DESCOBRIR ISSO, ESTARÁ HABILITADA PARA FAZER A MAIOR COLHEITA DA HISTÓRIA.

Apenas para que você tenha ideia do poder dessa projeção, se um homem hoje se dedicasse intensamente por três anos a formar doze líderes, que a partir daí fizessem o

mesmo, cada um levantando a sua geração de doze discípulos, enviando-os em três anos para repetirem o processo com outros e assim por diante, em menos de trinta anos estaríamos discipulando todos os habitantes do nosso planeta! Obviamente, isso é só um cálculo matemático. A conversão de pessoas e seu progresso no discipulado depende de outros fatores, além da dedicação de um líder, mas essa conta demonstra quão poderosa é a visão do discipulado geracional.

Reproduzir-nos é vital na caminhada da fé. Crentes que não ganham vidas e não fazem discípulos estão em pecado diante de Deus, transgredindo o grande mandamento da ressurreição de Cristo. A não ser que assumamos isso e dediquemo-nos a levantar gerações comprometidas com a frutificação, corremos o risco de gastar toda a nossa vida numa religiosidade estéril e, por fim, ouvirmos o veredito de que não passamos de servos maus e negligentes, sem direito a entrarem no gozo do seu Senhor.

11

Cobertura espiritual

"Já não estou no mundo, mas eles
continuam no mundo, ao passo que
vou para junto de ti. Pai santo,
guarda-os em teu nome, que me des
para que eles sejam um, assim como
Quando eu estava com eles,
guardava-os no teu nome, que me des
protegi-os, e nenhum deles
se perdeu, exceto o filho da perdiç
para que se cumprisse a Escritura

para que se cumprisse a escritura
(João 17:11,12)

A vida cristã é uma jornada em meio às resis
O fazedor de discípulos é alguém que pro
ensina a arte da guerra e luta para não pe
ninguém que Deus lhe deu a cuidar.

Cobertura espiritual

Um líder precisa assumir-se como responsável por proteger seus discípulos. A cobertura espiritual é uma das verdades mais essenciais à vida cristã.

Quando orou, entregando Sua tarefa de discipulador como cumprida diante do Pai, Jesus abordou este tema com as seguintes palavras: *"Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós. Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura"* (João 17:11-12).

Tais palavras do Rabi de Nazaré têm muito conteúdo. Em primeiro lugar, elas estão carregadas de intercessão. Sabendo que estava para partir, Ele Se preocupa em orar para que Deus guardasse Seus discípulos, uma vez que continuariam "no mundo", um ambiente sempre muito hostil, especialmente para aqueles que assumem representar o reino dos céus.

Mais do que orar, Jesus dá testemunho do quanto Se empenhara para protegê-los, no tempo em que esteve com eles. Por fim, proclama-Se como bem-sucedido nessa tarefa em relação aos Seus doze, uma vez que *"nenhum deles se perdeu"*, exceto Judas Iscariotes, o filho da perdição.

Uma das grandes fragilidades do discipulado que se pratica em muitos casos hoje em dia, é a falta de aliança profunda entre as pessoas. Talvez pelo fato de muitos verem a tarefa como uma missão técnica e não como um exercício de paternidade, líderes abrem mão com facilidade de seus discípulos, ou não se sentem tão responsáveis por eles. Por outro lado, não compreendendo o valor da cobertura espiritual, discípulos aventuram-se na vida e até mesmo no ministério, de peito aberto, sem cultivarem a postura de se esconderem na submissão a alguém que Deus levantou como autoridade sobre suas vidas.

A proteção espiritual é um elemento determinante, na maioria das vezes, para que alguém siga avançando na fé. Temos uma imagem muito ilustrativa disso num episódio narrado em Êxodo 17:8-16. Moisés havia enviado Josué, seu discípulo, a comandar o povo de Israel numa batalha contra os amalequitas. O trabalho de Josué e do exército que estava com ele era muito prático e arriscado.

A proteção espiritual é um dos encargos de um fazedor de discípulos. Ele tem autoridade dada por Deus para defender seus liderados contra o império das trevas.

Enquanto eles pelejavam, Moisés subiu ao monte acompanhado por dois outros discípulos: Arão e Hur. A Bíblia nos diz que, quando Moisés levantava as mãos na direção do seu povo, Israel prevalecia, mas quando ele se cansava de fazê-lo e baixava as mãos, Amaleque tomava o controle da batalha. Foi necessário que os dois homens que o acompanhavam providenciassem duas pedras para sustentarem erguidos os braços do líder, até que, finalmente, Josué e seus comandados vencessem a peleja.

A oração intercessória é uma ferramenta essencial na vida de um líder. Ele precisa se assumir como um inter-cessor constante pelos discípulos que Deus lhe deu.

Que ilustração clara e maravilhosa! Quando Deus levanta você como líder de alguém, de um grupo, de um povo, Ele lhe dá também uma autoridade espiritual para abençoar e

proteger. Essa é uma verdade que todo fazedor de discípulos deveria conhecer e assumir.

Jesus protegia a Sua equipe, em primeiro lugar, orando por ela. A frase *"eu rogo por estes"*, que vemos no próprio versículo 20 de João 17, certamente saía de Sua boca muitas vezes. Com a consciência de sacerdócio que todo bom líder deve ter, Ele velava pelos homens que o Pai Lhe havia dado, com intercessão e súplica.

Um exemplo disso é o episódio narrado em Lucas 22:31-32. Ali, o Senhor chama Pedro e lhe diz: *"Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos".* Perceba que houve uma percepção profética do que estava para acontecer e a imediata intercessão. Jesus não Se limitou apenas a alertar sobre o iminente ataque satânico que Sua equipe enfrentaria, mas antecipou-Se, orando por ela, em especial por Pedro, que passaria por um crivo mais fino.

Como é importante que um líder vele por seus discípulos e desenvolva a percepção do que se passa com eles, não só no plano natural, mas especialmente no mundo espiritual! Em sua tarefa de pastorear, que é uma das dimensões do discipulado, ele tem que proteger.

Jesus, algumas vezes, manifestou profundo pesar ao perceber as multidões *"como ovelhas que não têm pastor"* (Mateus 9:36 é um exemplo). Esse sentimento de compaixão decorria da consciência de que ovelhas sem pastor não têm quem as guie, alimente e proteja. Foi justamente o aspecto da proteção que Jesus abordou ao ensinar sobre o pastoreamento e oferecer-Se como modelo, em João 10:11-13: *"Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebata e dispersa. O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas".*

Quão sérias são essas palavras! De certa forma, o Senhor está dizendo que só há dois tipos de líderes: os que são verdadeiros pastores e os que são mercenários. E o principal fator distintivo entre os dois é a proteção que oferecem às suas ovelhas, contra os ataques do maligno.

PARA DEUS, SÓ HÁ DOIS TIPOS DE LÍDERES: OS PASTORES E OS MERCENÁRIOS. O QUE OS DISTINGUE É O CORAÇÃO E A ATITUDE QUE TÊM FRENTE AOS PERIGOS QUE AMEAÇAM AS OVELHAS.

Tem sido relativamente comum, em meu ministério, situações em que discirno um cerco espiritual contra algum dos meus discípulos e entro em intercessão por ele. Essa percepção, às vezes, é mística, espiritual. Outras vezes, é natural, baseada em observação de suas reações, fisionomias, palavras, humor, enfim, atitudes que podem demonstrar que algo não está bem em suas vidas.

O LÍDER QUE NÃO ENSINA A SEUS DISCÍPULOS A TRANSPARÊNCIA, DEIXARÁ BRECHAS PARA QUE ELES VIVAM DE APARÊNCIA. SÓ NA SINCERIDADE HÁ VERDADEIRA PROTEÇÃO.

Mais comum ainda do que o exercício da minha própria capacidade de perceber ataques e riscos, é a iniciativa que boa parte deles tem de me procurar quando se sentem acuados ou em perigo. Aliás, os discípulos "mais discípulos" são aqueles que têm a liberdade e, até mesmo, a necessidade de se exporem, confessando tentações, fraquezas e pecados. Para alguns isso pode ser uma atitude natural, mas para a maioria será resultado de treinamento e cobrança.

Eu tenho dito, muitas vezes, para meus discípulos, tanto em ministrações em grupo, quanto em conversas particulares, que não espero que sejam impecáveis, perfeitos, imbatíveis, homens que vivam isentos do mal. Isso seria uma ilusão! O que espero deles é que sejam verdadeiros, sinceros, que mostrem para mim suas fraquezas, porque esta é a única forma de ajudá-los com meu cuidado.

Os que entenderam isto e resolveram viver numa aliança de sinceridade são os que mais consigo proteger. Eles não estão preocupados em sustentar uma imagem, mas em

conquistar verdadeira vida de vitória. Por isso, expõem-se e assim me dão a oportunidade de protegê-los na hora das lutas e até mesmo das quedas.

Posso dizer com toda a convicção que os discípulos mais confiáveis que tenho são aqueles que me revelaram os "podres" mais decepcionantes. Na minha "matemática", se foram capazes de fazê-lo, alguns por várias vezes, é porque não querem desenvolver comigo e nem com Deus uma relação de aparência, mas de verdade. A verdade é a base sólida para uma vida vitoriosa!

Conquistar este nível de confiança com um discípulo é um caminho longo às vezes, mas que precisa ser trilhado. Ele passa pela misericórdia do líder que, embora não deva negociar o padrão de vida santa desejável a todo cristão, não pode viver com pedras nas mãos para ferir aquele que caiu. Essa conquista passa também pela confiabilidade do discipulador, que sabe manter segredo sobre a intimidade alheia, sem cair no erro de tornar-se cúmplice de pecados que precisam ser tratados de acordo com sua gravidade.

LÍDERES QUE SE COLOCAM NA "BERLINDA", PASSANDO A IMAGEM DE QUE SÃO IMPECÁVEIS, INTIMIDAM SEUS DISCÍPULOS E OS DESESTIMULAM A EXPOREM FRAQUEZAS E TENTAÇÕES.

À medida que o discipulado avança e os discípulos ganham um mínimo de maturidade, acho importante também que o próprio líder exercite a humildade de expor-se em suas fraquezas, tentações e quedas, inclusive. Umas das práticas mais nocivas ao verdadeiro discipulado é a tentativa daquele que está à frente de mostrar-se infalível, impecável, "super-crente". Isso gera, em primeiro lugar, uma imagem de inacessibilidade. Os discípulos de alguém que vive esse "teatro da perfeição" normalmente se sentirão intimidados em revelar suas fraquezas e tentações, ficando assim desprotegidos, sem apoio para vencer.

Eu tenho, várias vezes, exposto meus temores, problemas pessoais, fraquezas e pecados à minha equipe. Obviamente, o nível dessa liberdade deve ser proporcional à maturidade que os discípulos alcançaram e ao grau de aliança em que já vivem. À medida que se conquista essa relação de verdade, não apenas a vida do líder é abençoada pelo apoio e intercessão dos seus liderados, mas especialmente a vida deles, pois percebendo honestidade e caráter humano em seu discipulador, sentem-se inspirados a optarem também pelo caminho da transparência.

NÃO HÁ LUGAR MAIS SEGURO DO QUE UM AMBIENTE DE LUZ. SATANÁS SEMPRE AGE NAS TREVAS. O FAZEDOR DE DISCÍPULOS DEVE FAZER DA VERDADE UMA CONDIÇÃO PARA O DISCIPULADO.

É possível que, ao sugerir isso, eu encontre forte resistência na mente de líderes formados sob a batuta do legalismo e do formalismo, que são pilares da aparência religiosa. Entretanto, o próprio Jesus expôs Suas fraquezas – se assim posso dizer – aos Seus discípulos. Mais uma vez, aqui temos que guardar as devidas proporções. Estamos falando do Filho de Deus, o Homem que nunca pecou. Portanto, Ele nunca precisou confessar pecados, porém, dá-nos o exemplo de humildade e sinceridade diante de alguns dos Seus discípulos quando, no momento mais angustiante de Sua vida, prestes a enfrentar o martírio, rasga o coração e lhes diz: *"A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo"* (Mateus 26:38). Mesmo o líder mais estruturado que já pisou neste mundo, numa hora de intenso pavor, percebendo que Seus discípulos já haviam avançado da condição de aprendizes para a de amigos, expôs-lhes Sua angústia e pediu ajuda em oração, além de companhia.

Eu tenho uma profunda pena dos líderes que criam para si "berlindas" e iludem seus seguidores – e, às vezes, a si mesmos – com a ideia de que vivem acima do bem e do mal. Além de formarem discípulos sob uma proposta irreal, esses homens tornam-se extremamente solitários. Muitas vezes estão à frente de multidões, mas quando são confrontados pela angústia, pela tentação ou pelo pecado, olham para os lados e não têm com quem contar, pois induziram seus discípulos a tratá-los como semideuses e não como seres humanos carentes de qualquer tipo de apoio ou misericórdia.

Jesus buscou desenvolver um relacionamento aberto com Seus doze. Isso O levava a conhecê-los e, consequentemente a protegê-los. Quando os via em algum erro, não tinha escrúpulos em confrontá-los ou inquirir sobre o que estavam fazendo. Em muitas ocasiões, fez perguntas objetivas para provocar neles uma confissão e, assim, exortá-los, ministrando aos seus corações verdades que os protegeriam. Quando, por exemplo, viu-os disputando sobre quem seria o maior, questionou-os e os fez confessar a discussão para, então, vacinar suas vidas contra o pecado da soberba e da competição.

LÍDERES QUE SE COLOCAM NA "BERLINDA", COMO SE VIVESSEM ACIMA DO BEM E DO MAL, TORNAM-SE SOLITÁRIOS, POIS SEUS DISCÍPULOS PERDEM A NOÇÃO DA SUA HUMANIDADE E OS TRATAM COMO DEUSES.

Quão importante é a confissão como ferramenta de proteção espiritual! Tiago chega a dizer que ela é caminho, não apenas para o perdão, mas para a libertação: *"Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo"* (Tiago 5:16). No discipulado, esse exercício é essencial. O pecado é o maior risco à vida cristã. Só ele pode separar o homem de Deus. Portanto, um líder precisa preocupar-se em proteger seus discípulos da queda e também em restabelecê-los, se acaso eles caírem.

A CONFISSÃO É UM CAMINHO OBRIGATÓRIO PARA A LIBERTAÇÃO. DISCÍPULOS QUE NÃO CONFESSAM PECADOS AOS SEUS DISCIPULADORES, TENDEM A FICAR PRESOS NOS MESMOS.

Alguns dos homens de minha mais alta confiança, colunas em minha equipe ministerial, foram restaurados e edificados a partir de momentos de difícil confissão em que pecados grotescos foram postos à luz e tirados do domínio demoníaco. Foi na coragem deles e na confiança que adquiri em seus corações que Deus encontrou a base para reconstruir suas estruturas.

Na verdade, o arrependimento genuíno e a confissão a Deus são suficientes para produzir imediato perdão, mas nem sempre para estabelecer libertação. É por isso que Tiago fala sobre confessar pecados uns aos outros e orar uns pelos outros *"para serdes curados".* A cura está um passo além do perdão.

Não há um ambiente melhor para o exercício deste princípio do que o discipulado. Embora, em tese, a prática católica do confessionário tenha uma base bíblica, não é por trás de uma treliça de impessoalidade que a luz se estabelece, mas na transparência dos olhos nos olhos entre pessoas que se amam e têm uma aliança com a santidade.

Discípulos que são ensinados a se anteciparem ao pecado, buscando compartilhar com seus discipuladores suas tentações e deles receberam conselho, oração e ajuda no vigiar, são os que melhor se protegem. A cobertura espiritual, porém, não espera apenas dos discípulos a iniciativa de buscar ajuda. O bom líder é aquele que está atento e, percebendo riscos, aciona os sinais de alerta.

Jesus protegeu os Seus discípulos desta maneira. Ele vivia apontando fontes de perigo e mandando-os vigiar. Às vezes, isso era feito em tese, mostrando riscos que sempre encontrariam pelo caminho. Quando disse, por exemplo, *"Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?"* (Mateus 7:15-16); ou quando alertou: *"Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus"* (Mateus 16:6); estava ensinando aqueles homens a se defenderem contra doutrinas e influências de pessoas que pareciam espirituais, mas eram nocivas à sua fé.

DISCÍPULOS ENSINADOS A SE ANTECIPAREM AO PECADO, EXPONDO AOS DISCIPULADORES SUAS TENTAÇÕES, RECEBENDO ORAÇÃO E CONSELHO, SÃO OS QUE MELHOR SE PROTEGEM.

Em outras ocasiões, os alertas de Jesus eram bem concretos, sobre situações que se aproximavam e que Ele havia discernido. À sombra da Cruz, chamou os Seus doze e preparou-os em relação ao forte ataque satânico que teriam que enfrentar. A Pedro previu, inclusive, que chegaria a negá-lo e desfalecer na fé, mas escorou-o com a garantia de Sua intercessão: *"Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos"* (Lucas 22:32).

Obviamente, nem todo fazedor de discípulos terá a percepção e o discernimento acurados, como tinha Jesus, mas é responsabilidade sua manter vigilância por aqueles que Deus lhe confiou, tanto em oração, quanto observando os movimentos de seus discípulos. Detectando qualquer risco, precisa interferir em favor deles.

GUERRA ESPIRITUAL É UMA VERDADE BÁSICA DA VIDA CRISTÃ E PRECISA SER MATÉRIA PRIMÁRIA NO DISCIPULADO. DISCÍPULOS QUE IGNORAM OS ARDIS DAS TREVAS, NÃO CONSEGUIRÃO VENCÊ-LAS.

Jesus também protegeu os Seus discípulos dando-lhes conhecimento sobre o império das trevas e autoridade para confrontá-lo. Desde o início do discipulado, Ele Se preocupou em ensiná-los sobre confrontos espirituais e também em respaldá-los. Diz a Bíblia que, *"tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades"* (Mateus 10:1). Isso aconteceu logo no começo do Seu ministério, dando-nos a entender quão básica é essa matéria na formação de líderes espirituais.

Pessoas que não são ensinadas a trabalhar com a guerra espiritual, dificilmente chegarão a ter um ministério frutífero. Jesus expulsava demônios a todo momento e comissionava Seus seguidores a fazê-lo também, como em Marcos 6:7: *"Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos".*

Lembro-me de certa ocasião, ainda muito jovem e no começo do meu ministério pastoral. Eu havia encerrado um culto e estava fechando o pequeno salão que alugávamos, quando um jovem chegou de moto, muito assustado e pedindo minha ajuda. Ele fazia parte de uma pequena igreja na vizinhança e estava com um problema... Acompanhei-o até o local e, então, vi uma das cenas mais patéticas de minha vida. Os crentes estavam todos do lado de fora do templo, apavorados, enquanto do lado de dentro um endemoninhado jogava todos os bancos para cima e produzia o maior escarcéu.

Entrei naquele lugar acompanhado por dois discípulos inexperientes e um pouco assustados. Porém, como qualquer pessoa com autoridade e conhecimento espiritual faria, dei comando àquele demônio, que logo deixou o rapaz, e a ordem voltou. Saí dali quase como um herói, aclamado por aqueles crentes sem entendimento. Os discípulos que levei comigo, em situações subsequentes, foram os que Deus usou para libertar outras pessoas. A pequena igreja, coincidência ou não, continua, quase trinta anos depois, do mesmo tamanho e no mesmo lugar... Sem autoridade, não há como prosperar no reino de Deus.

Como é importante ensinar os discípulos a lidar com o império das trevas. Se enfrentar demônios e fazer guerra espiritual for uma "coisa do outro mundo" para eles, nunca chegarão a ter ministérios relevantes.

DESDE O PRINCÍPIO, JESUS DEU AOS SEUS DISCÍPULOS AUTORIDADE PARA EXPULSAR DEMÔNIOS. A IMPLANTAÇÃO DO REINO DE DEUS NÃO SE DÁ SEM RECONQUISTA DE TERRITÓRIOS.

Para que Jesus chegasse ao ponto de celebrar, no final do Seu ministério terreno, o fato de nenhum de Seus discípulos ter se perdido, teve que ir além da intercessão, do ensino, dos alertas, da transmissão de autoridade. Sua cobertura espiritual estendeu-se ao compromisso de resgatá-los, quando eles fraquejaram.

Acho muito fortes as palavras registradas em João 13:1: *"Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim".* Talvez aqui esteja a maior de todas as virtudes necessárias a um fazedor de discípulos. Amar as pessoas até ao fim, não desistir

delas frente às crises e decepções, manter o coração firme no propósito de não perdê-las é certamente um ponto decisivo para o êxito neste duro ministério.

UM BOM FAZEDOR DE DISCÍPULOS NUNCA TRAZ PEDRAS NAS MÃOS. AINDA QUE ELE SEJA INTRANSIGENTE QUANTO AO PECADO, SEMPRE MOSTRARÁ AO QUE CAIU UM CAMINHO DE RESTAURAÇÃO.

Discípulos fraquejam e fazem escolhas erradas. Temos que admitir que algumas delas podem estar muito além do raio de ação do líder, mas a necessidade de lutar para não perdê-los é essencial. Às vezes, essa luta não será suficiente, mas um discipulador que leva no coração a consciência de mordomia, de que prestará contas por aqueles que o Pai lhe confiou, não abrirá mão de um discípulo, antes de fazer tudo o que estiver ao seu alcance.

Jesus teve que sair em resgate de Sua equipe, após a grande "crise da Cruz". Os três anos com Ele no ministério haviam sido mais de entusiasmo por parte daqueles galileus do que de hesitações. Ver, entretanto, seu líder sendo preso e, finalmente morto, ter que enfrentar o medo da perseguição e lidar com a confusão mental que aqueles acontecimentos lhes impunham foi demais para alguns deles. Todos se abalaram e alguns praticamente desistiram da fé.

São muito impressionantes as atitudes de Jesus, logo após ressuscitar, sabendo que Seus discípulos estavam em crise. Desde Sua primeira aparição, está clara a intenção de resgatá-los de suas dúvidas. Ele vai ao encontro deles e não Se dá por ofendido, mesmo diante de suas manifestações de incredulidade. A Tomé que, duvidoso, havia dito que precisaria tocar Nele para crer nas notícias da ressurreição, oferece as mãos marcadas pelos cravos (conf. João 20:26-29). Não consigo ver nesse gesto o desejo de "esfregar na cara" daquele homem as evidências da Sua vitória, ainda que houvesse um tom de repreensão pela dúvida, mas acima de tudo Jesus estava ali para ajudá-lo em sua falta de fé.

A forma como tratou os dois discípulos que voltavam para Emaús, desistidos, também é emblemática. A narrativa está em Lucas 24:13-35. Em primeiro lugar, Jesus vai buscá-los na rota de sua desistência. Desce ao nível deles e lhes empresta Seus ouvidos por quilômetros, permitindo que eles colocassem para fora todas as mágoas, frustrações e dúvidas que haviam cegado seus corações.

A DETERMINAÇÃO DE NÃO PERDER NINGUÉM DEVE MOVER UM DISCIPULADOR ATÉ O LIMITE DAS POSSIBILIDADES, E ESSE LIMITE ESTÁ NO LIVRE ARBÍTRIO DE SEUS LIDERADOS.

Depois de ouvi-los pacientemente, inclusive provocando-os com perguntas, para que expusessem tudo o que estava adoecendo suas almas, passa a ministrar-lhes a Palavra, tentando trazer entendimento espiritual às suas mentes embotadas. Conduz esse processo com amor, mas sem deixar de lado a firmeza necessária na confrontação de sofismas mentais. Quando os reprova, dizendo *"ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram"* (conf. vs. 25), demonstra que precisa sacudi-los, além de ouvi-los, para que os pensamentos que os estavam desviando caíssem por terra. Mesmo assim, nunca deixa de ser amoroso, positivo, caloroso, tanto que, depois, os próprios discípulos admitem: *"Porventura, não nos ardia o coração, quando Ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?"* (conf. vs. 32).

O REVANCHISMO É UM DOS MAIORES EMPECILHOS À RESTAURAÇÃO DE QUEM CAI. LÍDERES QUE ESTÃO MAIS PREOCUPADOS EM PUNIR DO QUE EM RECUPERAR, PERDEM COM FACILIDADE.

Depois de ouvir e falar, a Bíblia nos diz que Jesus faz menção de passar adiante, ou seja, deixá-los (conf. vs. 28). Há uma grande lição nesse gesto. Um fazedor de discípulos fará tudo o que for possível para recuperar um desistente, mas o respeitará em sua decisão. Se nem Deus invade o livre arbítrio do homem, seria muito colocar sobre um líder o peso de ter que forçar uma decisão pela fidelidade no coração de um discípulo, até porque, no reino dos céus, tudo funciona sobre a base da voluntariedade.

Ao ver na reação daqueles dois discípulos que havia uma chama fumegando em suas almas, revelada pelo convite de que ficasse com eles, Jesus entrou em sua casa e reconquistou-os definitivamente com um gesto de muito significado: partiu o pão diante deles (conf. vs. 30-31). Ali, naquela atitude, estava a proposta da graça, do perdão, da comunhão restaurada. Seu líder não era um homem cheio de revanchismo, ávido por aplicar-lhes "penitências", a fim de que fossem "tolerados" de volta; antes, era alguém profundamente comprometido em restaurá-los, aceitando-os de volta em amor.

O que Jesus fez com estes dois homens é um verdadeiro manual de resgate de discípulos em crise ou desviados da fé.

Uma rota semelhante Ele cumpriu com Pedro, certamente aquele que estava sob o mais forte espírito de acusação entre os doze, por ter negado o Senhor de forma vergonhosa. Isolado da equipe, tendo voltado à Galileia, aparentemente para retomar à velha vidinha de pescador, ele é visitado por Jesus. A história está em João 21:1-23; e o que vemos nela? Mais uma vez, o Fazedor de Discípulos estava disposto a lutar para não perder ninguém, empreendendo longa viagem para buscar aquele que se afastara, preparando cenários para devolver-lhe a oportunidade dos olhos nos olhos, propondo perguntas que lhe dessem o ensejo da confissão e, acima de tudo, assegurando-lhe o amor, o perdão e a confiança de que ele poderia sair do fracasso para um ministério maravilhoso.

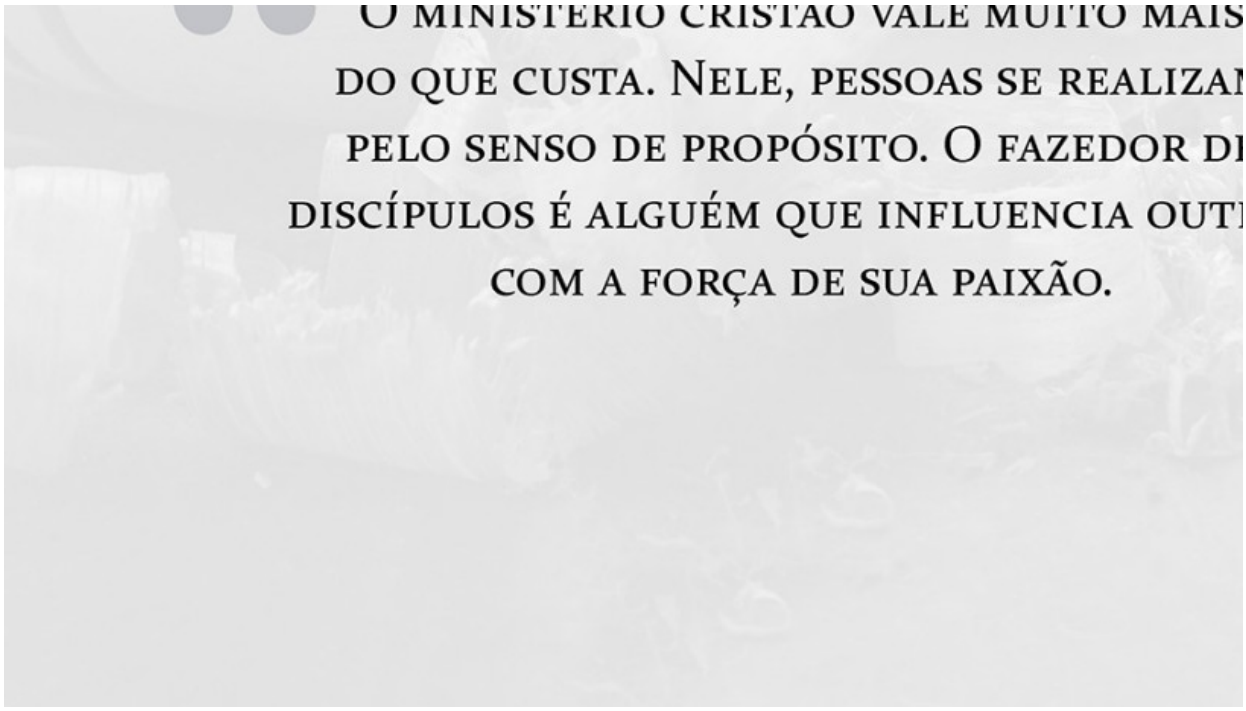
Homens assim podem até eventualmente perder discípulos, mas nunca serão cobrados por tais perdas, nem por suas consciências e nem pelo Justo Juiz.

12

REALIZAÇÃO PESSOAL

"Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos."
(João 17:13)

"O MINISTÉRIO CRISTÃO VALE MUITO MAIS


O MINISTÉRIO CRISTÃO VALE MUITO MAIS
DO QUE CUSTA. NELE, PESSOAS SE REALIZAM
PELO SENSO DE PROPÓSITO. O FAZEDOR DE
DISCÍPULOS É ALGUÉM QUE INFLUENCIA OUTR
COM A FORÇA DE SUA PAIXÃO.

Realização Pessoal

O chamado para servir a Deus é custoso, mas nunca será um fardo pesado para aquele que o recebe por revelação. Embora envolva renúncia, compromisso, dedicação, a tônica na vida daqueles que conquistam a maturidade ministerial é um maravilhoso sentido de realização pessoal, a alegria de ter encontrado seu propósito maior, busca que todo homem empreende, mesmo inconscientemente.

Quando fez Sua oração sacerdotal em João 17, Jesus manifestou a preocupação de que Seus discípulos vivessem nesta dimensão do prazer em servir a Deus. Ele disse: *"Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos"* (João 17:13).

Em primeiro lugar, Jesus fala do Seu próprio gozo, para depois expressar o desejo de que isso fosse transmitido em plenitude aos Seus discípulos. Sua vida era uma expressão do prazer em fazer a vontade do Pai. Quem O imagina como uma pessoa sombria, sempre austera, séria, introspectiva, certamente está contaminado pela imagem criada pela tradição romana e reforçada pelas artes, desde tempos remotos. Aquele, porém, que constrói suas impressões a partir do relato bíblico, com um pouco de atenção verá que o Nazareno era um homem feliz, cheio do Espírito Santo, altamente sociável e apaixonado pelo que fazia.

A oportunidade que aqueles doze galileus tiveram de conviver com Cristo certamente apresentou-lhes uma proposta de vida que incluía realização pessoal. Não fosse assim, eles não teriam deixado tudo para segui-Lo e muito menos teriam perseverado em tal decisão.

Obviamente, o eixo dessa proposta não estava nas coisas materiais. Desde o início, eles foram apresentados aos valores do reino de Deus, riquezas da eternidade, estimulados a se desprenderem das ambições supérfluas que movem os homens do mundo. O Senhor levou-os a enxergarem uma dimensão de vida muito superior, onde o prazer está em valores e propósitos; não em coisas.

O segredo para formar discípulos felizes é um líder feliz. Ninguém consegue acreditar na proposta de uma pessoa que vive gemendo sob o fardo de sua missão. Ou ela está fazendo a coisa errada, ou não descobriu exatamente o que significa. Motivar seguidores dessa forma é praticamente impossível.

A chave para levantar discípulos felizes é um líder feliz. Pessoas que vivem gemendo sob o fardo do chamado não conseguirão inspirar ninguém.

Jesus viveu e morreu por um ideal. Havia um propósito que O motivava. Pode parecer antagônico, mas mesmo as coisas que Ele sofreu foram fomentadas por um prazer. A Bíblia diz que devemos viver *"olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus"* (Hebreus 12:2). Difícil entender isso? Talvez não para gente como o apóstolo Paulo, que dizia: *"sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte" (*II Coríntios 12:10).

Senso de propósito é uma busca inconsciente de todo ser humano. Quando o chamado cristão é vivido e apresentado como resposta a esse anseio, ele conquista os corações.

Como se explica um homem que suporta o sofrimento por causa de uma alegria? Como entender alguém que sente prazer nas dificuldades, por amor? As respostas para essas questões estão no termo “propósito”. Nada é mais motivante na vida humana do que um propósito que valha a pena. É isso que faz uma mãe de alma saudável suportar nove meses de desconforto, orgulhar-se da deformidade imposta ao seu corpo e enfrentar, por fim, as dores mais intensas que alguém pode provar para dar à luz um filho... Propósito! É isso que faz um casal realizar-se, dando os melhores anos de suas vidas, trabalhando como burros de carga, passando noites e noites em claro, investindo o melhor dos seus recursos na criação de filhos que, quando ficarem adultos, os deixarão para viverem suas próprias vidas. Irracional? Não. Senso de propósito. Isso enche o coração de uma pessoa sadia!

A alegria de Jesus em cumprir Sua missão era visível e, muitas vezes, confessada por Ele mesmo. Seus discípulos O ouviam dizer coisas do tipo: *“A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra”* (João 4:34). Também viam como Seus olhos brilhavam, depois de uma missão bem-sucedida, como ocorreu, ao enviar setenta aprendizes para pregar o evangelho. Ao ouvi-los depois contando o que tinham experimentado, a Bíblia diz que *“Jesus exultou no Espírito Santo e exclamou: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado”* (Lucas 10:21).

Essa expressividade diante das realizações da fé, além de espontânea, era uma aula subliminar sobre como se deve viver com prazer a vida de Deus.

Jesus não vibrava apenas com o que fazia. De uma forma especial, como grande líder que era, Ele Se realizava no progresso de Seus discípulos. Quando, por exemplo, Pedro foi ousado o suficiente para declarar diante do grupo, pela primeira vez, ser Ele o Cristo, Filho de Deus, Jesus não Se conteve. *“Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus”* (Mateus 16:17). Essas foram Suas palavras esfuziantes, declaradas diante de toda a equipe.

A EXPRESSIVIDADE DO PRAZER EM SERVIR A DEUS E EM VER SEU REINO PROSPERAR É UM DOS ELEMENTOS DE INFLUÊNCIA MAIS PODEROSOS NAS MÃOS DE UM FAZEDOR DE DISCÍPULOS.

O líder que tem revelação das coisas espirituais alegra-se com as conquistas do reino de Deus. Era um coração assim que fazia Barnabé, nos tempos da igreja primitiva, chamar a atenção dos apóstolos e dar-lhes confiança, para enviá-lo como coordenador na consolidação de novas igrejas. Quando, por exemplo, precisaram de alguém que fosse servir em Antioquia, entre tantos bons crentes de Jerusalém, escolheram aquele rapaz de Chipre. O relato bíblico dá-nos uma ideia do porquê: *“Tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor. Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor”* (Atos 11:23-24). É assim que funciona! Líderes felizes, motivados e expressivos prosperam no ministério e agregam pessoas.

U M LÍDER DEVE SE PREOCUPAR NÃO APENAS EM CONDUZIR SEUS DISCÍPULOS À RESPONSABILIDADE DO CHAMADO, MAS EM DESPERTAR NELES O PRAZER DA FIDELIDADE.

Jesus não apenas vivia isso com intensidade, mas tratava de ministrar aos Seus discípulos sobre o assunto, direcionando Suas mentes para a realização ministerial, ainda que ela lhes custasse um alto preço. As palavras que Ele dirige ao Pai, na intercessão do capítulo 17 de João, na verdade, já haviam sido usadas em ministrações direcionadas à Sua equipe, como em João 15:11: *“Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo”.*

Seria produtivo avaliarmos que “coisas” são estas que Jesus havia dito com a intenção de impartir nos Seus discípulos, em plenitude, o prazer que Ele mesmo sentia. Se você observar os versículos anteriores, em João 15, verá que o Mestre começa falando da conexão que havia entre aqueles homens e Ele mesmo; assegura-lhes o cuidado que o Pai

tinha com cada um, comparando-O a um verdadeiro agricultor; e aponta o propósito de tudo isso: levá-los a frutificar.

A partir da afirmação de que eles seriam identificados como verdadeiros discípulos quando dessem muito fruto (conf. vs. 8), o Senhor passa a falar sobre o amor, apresentando-o como base para todo esse processo. Por fim, Ele diz que tudo o que falara tinha o propósito de levá-los a uma vida de "gozo completo".

Creio que posso destrinchar toda essa conversa de Jesus com Seus doze da seguinte maneira: pessoas que vivem aliançadas com o Senhor, abençoadas por Deus e cheias do Seu amor, frutificam; e o resultado interior desse propósito conquistado será gozo completo ou, se preferir, felicidade.

Obviamente, quando Jesus falava de alegria no ministério, não estava vendendo uma ilusão aos Seus discípulos, levando-os a crer que tudo seria fácil, sem sofrimento. Muito pelo contrário! Constantemente, Ele os alertava sobre os riscos e oposições, cobrava-lhes renúncia e preparava-os para a dor. Sempre o fazia, porém, com uma ênfase positiva, focalizando a verdade de que tudo valeria a pena. Essa é a tônica em expressões como a de João 16:33: *"Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, tereis aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo".*

O PREÇO DO CHAMADO DEVE SER SEMPRE EXPOSTO JUNTO COM O VALOR DOS RESULTADOS. HOMENS DE DEUS PRECISAM ENTENDER QUE VALE A PENA SOFRER PELA CONQUISTA DE UM GALARDÃO.

A grande chave para levar discípulos a serem felizes em servir a Deus, mesmo que para isso tenham que sofrer, é ensiná-los a amar. *"O amor é o vínculo da perfeição"* (conf. Colossenses 3:14).

Tenho visto muita gente movida no ministério cristão pelo combustível errado. Num tempo como o nosso, em que "prosperidade" é definida no arraial dos filhos de Deus mais como conquista de coisas deste mundo do que como progresso no propósito celestial, muitos discípulos são ensinados ou induzidos a servir pela alegria efêmera do conforto, da honra humana e da riqueza. É fácil ver jovenzinhos sonhando com o ministério, não devido à compaixão que veem em seus pastores, mas pelo sonho de terem uma vida confortável como a deles.

LÍDERES DOMINADOS PELAS AMBIÇÕES DA TERRA NUNCA FORMARÃO DISCÍPULOS DISPOSTOS A VIVER E MORRER PELOS PROJETOS DO CÉU.

Eu não tenho nada contra vida abastada, até mesmo rica. Creio que isso faz parte do plano de Deus para muitos de seus filhos. Eu mesmo, depois de muitos anos no ministério, gozo de certo conforto, embora esteja longe de viver mergulhado em regalias. Não sinto nenhuma culpa em desfrutar do que a vida me dá, desde que não venha em detrimento do meu chamado e fidelidade. A essência da vida cristã, porém, não pode ser colocada no que perece. Líderes apegados às coisas da terra nunca formarão discípulos dispostos a viver e morrer pelas coisas do céu.

Somente o amor pode fazer um homem experimentar o gozo completo de Cristo. Isso tem a ver com a eternidade e com a possibilidade de experimentarmos valores eternos, ainda nesta vida. Os que se movem por ambição humana correrão velozmente, mas terminarão na frustração de tudo o que passa. Quando o prazo de validade de suas conquistas vencer, eles estarão novamente infelizes.

Para abrir no coração de Seus discípulos a fonte certa de prazer, Jesus ministrava constantemente sobre esta questão, tirando seus olhos das coisas e colocando-os no reino. O diálogo narrado em Marcos 10:23-30 é um exemplo disso: *"Então, Jesus, olhando ao redor, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Os discípulos estranharam estas palavras; mas Jesus insistiu em dizer-lhes: Filhos, quão difícil é para os que confiam nas riquezas entrar no reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. Eles ficaram sobremodo maravilhados, dizendo entre si: Então, quem pode ser salvo? Jesus, porém,*

fitando neles o olhar, disse: Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível. Então, Pedro começou a dizer-lhe: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos. Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna".

HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE DESFRUTAR DAS COISAS E VIVER EM FUNÇÃO DELAS. QUALQUER CONQUISTA SERÁ UMA TRAGÉDIA SE TIRAR UM HOMEM DE DEUS DA VOCAÇÃO CELESTIAL.GALARDÃO.

Nesta passagem, temos um excelente exemplo da maneira como Jesus abordava esse assunto com Seus discípulos. Ele combatia abertamente a vida voltada para as riquezas, ou seja, que o homem viva em função de possuir coisas. Entretanto, não estava induzindo ninguém a fazer votos de pobreza ou coisas do gênero. Diante da indagação de Pedro sobre que recompensa teriam, depois de haverem deixado tudo para segui-Lo, o Senhor lhe garante que aquela semeadura voltaria em colheita, não só na eternidade, mas *"ainda neste mundo"*, em forma de relacionamentos e, inclusive, bens multiplicados. Portanto, o problema não estava em ter coisas, mas em viver para ter coisas.

Quando estamos dedicados à tarefa do discipulado, precisamos implantar esta mentalidade na vida dos nossos discípulos. Seus olhos precisam ser abertos para uma conquista que não é temporal e nem humana.

O DESTINO DE UM FILHO DE DEUS É O TRONO. SEU CAMINHO É A CRUZ. NENHUM DISCIPULADO SERÁ VERDADEIRAMENTE CRISTÃO, SE NÃO FUNDIR OS CONCEITOS DE RENÚNCIA E RECOMPENSA.

Dos homens que formei, vários têm aberto mão de situações mais confortáveis para servirem ao reino de Deus. O que receberam de mim como ensino e exemplo, creio eu, estabeleceu neles o sistema certo de valores. Se tivessem "mentes monetárias", não estariam cumprindo o ministério para o qual foram chamados pelo Senhor, pois isso significou perda para vários deles. Por que, então, o aceitaram? Porque descobriram algo que lhes dá mais significado do que simplesmente possuir coisas ou receber glória humana.

Volto a dizer que a grande chave é levá-los a uma experiência com o amor de Deus. Se conhecerem a mente e o coração do Senhor, nada os deterá. Se forem conduzidos à percepção do quanto foram amados na Cruz, tornar-se-ão reféns e servos desse mesmo amor.

Sei que minha experiência não é igual à de todo mundo, mas ao longo de quase trinta anos servindo à igreja no ministério pastoral e fazendo discípulos, nunca houve um dia em que eu tenha pensado em desistir. Não que eu não tenha sofrido e chorado inúmeras vezes. Foram muitos os momentos de grande pressão, humilhação, perda, frustração. Entretanto, nada tão forte como uma convicção estabelecida em meu interior: eu estou fazendo a coisa mais importante deste mundo! Não há nenhuma carreira ou conquista que possa trazer-me maior senso de significado do que servir a Deus e às pessoas, em Seu Nome!

Discípulos formados sob as aclamações da ambição terrena correrão velozmente, até colidirem com a desilusão. Discípulos formados sob o fardo da pura responsabilidade, arrastar-se-ão no ministério até não poderem mais suportar o seu peso. Discípulos formados sob a força da paixão - por Deus e por gente - voarão pelo propósito, mesmo em meio às maiores turbulências, e pousarão na eternidade cheios de galardão.

O GRANDE SEGREDO PARA LEVANTAR DISCÍPULOS DISPOSTOS A DAREM TUDO PELO REINO É CONDUZI-LOS A UMA EXPERIÊNCIA COM O AMOR DE DEUS. NO AMOR NÃO HÁ LIMITE!

Eu gosto das palavras de Gênesis 29:20! *"Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava".* A paixão que Jacó nutria por Raquel fez com que o preço para tê-la se tornasse muito menos pesado. Creio que era a esse tipo de sentimento que Jesus se referia, quando ministrou: *"Tomai sobre vós*

o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mateus 11:29-30).

Às vezes, vejo líderes dando um sentido distorcido a essas palavras do Senhor. Eles querem conduzir seus discípulos sem cobranças ou pressões, argumentando que a obra de Deus deve ser feita "sem jugo". Nunca vi isso funcionar! Na verdade, quem aceita o chamado para servir no reino de Deus precisa ser conscientizado de que tudo custará um preço e não será possível qualificar-se como fiel, a não ser que haja disposição, entrega, renúncia, esforço, dedicação. Portanto, no chamado há um jugo, sim! Esse jugo, porém, torna-se suave e todo fardo fica leve, pela força da paixão.

UM DISCIPULADOR APAIXONADO PELO SENHOR E PELAS COISAS DO SEU REINO, TERÁ UM IRRESISTÍVEL PODER DE INFLUÊNCIA SOBRE A ALMA DE SEUS DISCÍPULOS.

Levar discípulos a se moverem pelo amor é um grande desafio à liderança. A alma humana é cheia de interesses distorcidos e segundas intenções. Entretanto, há um caminho por onde as pessoas que nos seguem poderão descobrir essa fonte infalível de poder.

Em primeiro lugar, o próprio líder precisa viver por essa revelação. Um discipulador apaixonado por Deus e pelo ministério terá um poder fantástico de influenciar seus seguidores com o mesmo espírito. Não é difícil confirmar isso. Observe um líder entusiasmado e veja como se portam as pessoas à sua volta. Por outro lado, tente encontrar gente motivada ao lado de líderes que se arrastam sob o peso do chamado.

Normalmente, pessoas que se sentem amadas amarão com mais facilidade. A relação do líder com seus discípulos precisa ser uma relação afetuosa, positiva, encorajadora. Ainda que confrontos e cobranças sejam absolutamente necessários, ao longo da caminhada, a realidade que precisa evidenciar-se é a de alguém que está do lado de seus discípulos e não contra eles, um verdadeiro pai que, em tudo o que faz, busca ajudá-los a serem felizes.

Jesus nunca Se furtou de confrontar os homens que O seguiam, quando isso foi necessário. Algumas vezes, Ele o fez até com dureza, mas nunca fora das bases do amor incondicional sobre suas vidas. Esse amor era revelado de várias maneiras, a começar pela própria verbalização. Com palavras sinceras do tipo, *"como o Pai me amou, também eu vos amei; permanecei no meu amor... Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos"* (João 15:9,13), o Senhor assegurava-lhes o valor que cada um tinha em Seu coração.

Embora a proposta do discipulado vise frutos, ela não pode ser desenvolvida sem a segurança do amor. Líderes que tratam seus discípulos apenas como "máquinas de resultados" abrirão rombos em suas almas.

PESSOAS QUE SE SENTEM AMADAS, AMARÃO MAIS. QUANDO UM LÍDER SE RELACIONA COM SEUS DISCÍPULOS SOB A TÔNICA DA AFETIVIDADE, ATIVA A CAPACIDADE DE AMAR EM SEUS CORAÇÕES.

Certa vez, Jesus curou um cego, passando saliva em seus olhos. Depois de ministrar-lhe a primeira vez, perguntou se ele via alguma coisa. A Bíblia nos conta que *"este, recobrando a vista, respondeu: Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando"* (Marcos 8:24). Algo estava errado, ou pelo menos o milagre não estava completo! Aquele homem que antes não enxergava, agora tinha alguma visão, mas ela não era perfeita. Foi necessário que o Senhor continuasse ministrando cura aos seus olhos, até que ele enxergasse homens como homens.

Sempre que leio essa passagem bíblica, sou levado a pensar em líderes que têm alguma visão, mas não a visão perfeita. Eles olham para os seus discípulos e veem "árvores". Tudo o que conseguem perceber em suas vidas é a missão de darem frutos, resultados. Entretanto, se os tratarem sob essa ótica, nunca chegarão aonde querem chegar. Árvores não têm coração, não precisam de ouvidos dispostos a ouvi-las em suas crises, não carecem de afeto. Um bom solo e água serão suficientes para que produzam. Seres humanos não são

assim! Somente num ambiente de amor e aceitação eles se tornam capazes de dar o seu melhor. Portando, líderes de visão enxergam gente como gente e, a partir dessa perspectiva, conseguirão extrair o máximo de resultados de seus discípulos.

LÍDERES QUE TRATAM SEUS DISCÍPULOS APENAS COMO "MÁQUINAS DE RESULTADOS" ABRIRÃO ROMBOS EM SUAS ALMAS. SOMENTE PESSOAS VALORIZADAS ALCANÇAM O SEU MAIOR POTENCIAL.

A segurança de ser amado faz toda a diferença, especialmente na vida de uma pessoa em formação. Sabedores disso, discipuladores maduros tratam de plantar essa certeza no coração de seus liderados. Paulo, por exemplo, que parecia ser um homem bastante objetivo na busca de resultados, não descuidava da expressão dessa afetividade. Escrevendo a Timóteo, a quem fazia questão de chamar de *"meu verdadeiro filho na fé"* (conf. I Timóteo 1:2), ele usa palavras cheias de carinho: *"ao amado filho Timóteo, graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor. Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura, porque, sem cessar, me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia. Lembrado das tuas lágrimas, estou ansioso por ver-te, para que eu transborde de alegria"* (II Timóteo 1:2-4). Um discípulo que se sente tão valorizado pelo seu líder, certamente renderá muito mais.

Outra forma de estimular as pessoas é valorizar o que elas fazem. A autoestima é muito importante na vida de um ser humano, especialmente na de um líder. Não é à toa que o segundo mais importante mandamento, conforme a classificação feita pelo próprio Jesus, é *"amarás o teu próximo como a ti mesmo"* (conf. Mateus 22:39). Quem não se ama, não está habilitado a amar os outros. Por isso, trabalhar o senso de valor próprio de maneira equilibrada, sem espaço para narcisismos, é muito importante para que discípulos tenham estabelecida sua identidade e, assim, sintam-se capazes de abençoar.

QUEM NÃO É AMADO, NÃO SE AMA; E QUEM NÃO SE AMA, NÃO CONSEGUE AMAR. QUASE SEMPRE É ASSIM! POR ISSO, O DISCIPULADO PRECISA DAR SENSO DE VALOR ÀS PESSOAS.

Jesus costumava elogiar as pessoas, quando elas acertavam o alvo. Vê-Lo exaltar publicamente a fé de gente que cruzava o Seu caminho ou verbalizar a aprovação à alguma atitude de Seus discípulos, era coisa corriqueira. Com Pedro, depois da grande revelação que teve sobre Sua identidade, *"exultou, dizendo: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus"* (Mateus 16:17-19). A Maria, irmã de Lázaro, que gastava tempo aprendendo aos Seus pés, defendeu diante das queixas de sua irmã Marta (conf. Lucas 10:38-42). No primeiro contato com Natanael, exaltou sua sinceridade, dizendo: *"Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!"* (conf. João 1:47). Assim, o Senhor ia construindo nas pessoas que O seguiam uma autoestima forte e a alegria de fazerem parte de Seu ministério.

NADA É TÃO IMPORTANTE QUANTO AS EXPERIÊNCIAS QUE UMA PESSOA TEM NA PRESENÇA DE DEUS. O BOM DISCIPULADOR ESTIMULA E FACILITA ESSES ENCONTROS.

Todas estas posturas do líder - dar aos discípulos a segurança de que são amados, elogiá-los por aquilo que fazem bem feito, demonstrar diante deles a própria alegria de servir a Deus - funcionam como apoio na formação de sua mentalidade, mas o investimento principal é levá-los a terem experiências pessoais com Deus e com Seu amor. No caso de Jesus, obviamente, tudo se misturava. Ele era a revelação plena do Pai. Suas palavras não deixam dúvida sobre isso. Quando Filipe pediu: *"Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta. Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?"* (João 14:8-9).

No papel de discipuladores, não temos como cumprir essa tarefa na dimensão do que Jesus fez, mas, guardadas as devidas proporções, devemos assumir a responsabilidade de

ser um espelho da paternidade de Deus, isso sem cair no sofisma de colocar-nos como mediadores ou substitutos Dele na vida dos nossos discípulos. Nada, entretanto, será tão marcante quanto as experiências que eles mesmos tiverem com o Senhor. Por isso, um bom discipulador estará sempre encorajando e facilitando situações para que eles sejam marcados pela glória de Deus.

Imagine como voltaram Pedro, Tiago e João daquele êxtase que experimentaram, quando subiram ao monte da transfiguração com Jesus *"a fim de orar"* e foram marcados por um encontro sobrenatural (conf. Lucas 9:28-36)! Momentos assim ficam na memória para sempre e ativam a paixão por Deus, mais do que muitos sermões!

É DESAFIO DE UM FAZEDOR DE DISCÍPULOS TORNAR-SE O MAIS PLANO ESPELHO DA PATERNIDADE DE DEUS SOBRE A VIDA DAQUELES QUE ELE ESTÁ FORMANDO.

Os homens formados pelo Carpinteiro de Nazaré aprenderam com Ele o caminho do amor a Deus. Eles se tornaram pessoas focadas nas coisas do reino, ao ponto de viverem o restante de suas vidas por esse propósito. O gozo intenso que viram em seu líder reproduziu-se em cada um deles. João, muitos anos depois, já no ápice da maturidade, testemunhou: *"Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade"* (III João 1:4). Ele, assim como os demais, acabou por descobrir que fazer a vontade do Pai é uma fonte abundante de significado e prazer. O empenho do Mestre, durante o tempo em que os submeteu à formação, finalmente mostrava o fruto em seus coração em forma de gozo completo. Todos se tornaram homens que viviam por um significado celestial.

Conclusão & Testemunhos

As últimas palavras de Jesus, em João 17, são: *"que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja"* (vs. 26). Elas definem muito bem o ponto a que um fazedor de discípulos deve chegar, para dar-se por satisfeito com os resultados do seu trabalho.

A primeira expressão fala do amor de Deus, enchendo o coração dos discípulos. Quando toda a jornada, certamente marcada por crises, resistências, desafios e momentos de tensão, termina com pessoas movidas pelo amor do Pai, pode-se dizer que o trabalho foi bem-sucedido. Homens que receberam doutrina, que assumiram compromissos ou que se apegaram apenas à figura humana de um discipulador, podem voltar atrás, quando o líder não mais estiver ao seu lado ou quando as provas da vida forem muito duras. Homens conquistados pelo amor de Deus, porém, irão às últimas consequências pelo seu chamado.

A segunda expressão usada por Jesus no desfecho dessa reveladora oração, é muito interessante. *"Que eu neles esteja!"* Obviamente, isso tem uma transcendência inigualável, pois Jesus está literalmente na vida de todo cristão, pelo Seu Espírito. Podemos dizer que, em relação a Ele, a linguagem não é figurativa. Há, entretanto, uma dimensão dessa verdade que todos nós, fazedores de discípulos atuais, podemos experimentar: a alegria de perceber, depois de algum tempo e de muito trabalho, que nós estamos na vida dos nossos discípulos!

Essa é uma das sensações mais fantásticas que tenho experimentado; olhar para os homens aos quais me dediquei e constatar que eu me multipliquei neles! Minha visão, fé, testemunho, unção, linguagem e história fazem parte de suas vidas, reverberam através de suas palavras, decisões, atitudes, frutos... Eu que, mortal e pequeno como sou, acabaria em mim mesmo, me perpetuei através da vida de meus discípulos!

Eu não poderia encontrar um sentido mais relevante para minha existência do que viver fazendo discípulos, até o dia que me apresente diante do Pai e possa dizer: "Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer".

Como forma de estimular você a trilhar o mesmo caminho, termino as páginas deste livro compartilhando o breve testemunho de alguns dos homens que tive o privilégio de discipular e que, hoje, são ministros aprovados na casa de Deus.

Durante muito tempo, ainda que eu tivesse paixão pela Palavra, vivi uma sucessão de frustrações. Eu não conseguia compreender o porquê de não ver as verdades bíblicas se tornarem libertadoras em minha vida.

Ser encontrado por Danilo Figueira, homem que teve a coragem de me tomar como uma matéria bruta, e trabalhar incansavelmente para ver Cristo formado em mim, foi o que me possibilitou deixar de "patinar" e avançar rumo ao chamado.

A capacidade desse homem, de ver em mim muito mais do que eu mesmo via, é uma das maiores razões que eu tenho para ser grato a Deus. Que privilégio, crescer num ambiente onde se respira o discipulado!

Antonio Valente
Pastor em Ribeirão Preto/SP

"Torna-te, pessoalmente, padrão..." (Tito 2:7). Durante quinze anos da minha vida trabalhei em indústrias de precisão. Fazíamos peças cuja tolerância chegava a dois micros

(milésimo de milímetro) e uma coisa que aprendi naquele tempo foi que peças de alta precisão precisavam manter o padrão exigido pelo projetista.

Quando tive o meu encontro com Deus, logo aprendi que Jesus é nosso modelo. Nele está o padrão para moldarmos nossa vida com a maior precisão exigida pelo Pai Celestial.

Ao longo da caminhada, encontrei muita gente que desistiu, por achar o padrão inacessível, impossível de alcançar. Confesso que, algumas vezes, esse pensamento me seduziu também.

Quando conheci o meu querido Danilo Figueira, encontrei alguém que, apesar de ser um homem comum, era integro, honesto, de caráter, temente a Deus, não apegado aos bens materiais e, principalmente, amigo. Assim pude me tornar seu discípulo e ganhei um padrão palpável para me espelhar. Através desse relacionamento, pude entender que é possível servir a Deus com sinceridade e santidade, sem deixar de ser gente.

Agradeço a Deus pela vida do meu pastor e amigo, Danilo, e peço que o Senhor, a cada dia, me faça também padrão para aqueles que me seguem.

Amarildo de Freitas
Pastor em Imbituba/SC

Serei eternamente grato a Deus por ter me dado a oportunidade de encontrar um verdadeiro discipulador, Danilo Figueira, que antes de mais nada, decidiu viver como discípulo. Seu caráter, humildade e quebrantamento o qualificaram para ser, tanto um, como o outro.

Talvez essa seja a razão pela qual fazer discípulos pareça um desafio tão simples para ele. Afinal, não faz muito mais do que viver a sua vida normal diante dos nossos olhos. Andar com Danilo me inspira também, todos os dias, a ser um fazedor de discípulos.

Valdir Lemes
Pastor em Ribeirão Preto/SP

Ser discípulo não é ser uma cópia, mas é receber um legado que me permite manter vivo o propósito de Deus para minha vida.

Dou graças ao Senhor porque o discipulado viabilizou meu chamado e com ele posso caminhar na certeza de que não desferirei golpes perdidos, em qualquer direção.

Os anos que vivi ao lado do meu pastor, Danilo Figueira, um farol na minha caminhada, me fizeram conhecer muito mais de Deus, imitando alguém que também é imitador de Cristo. Seu discipulado trabalhou diretamente na minha autoestima, dando-me a certeza, todos os dias, de que havia alguém que acreditava em mim.

José Dalmo Norberto
Pastor em Valência/Espanha

Por muitos anos, vivi com Deus sem a companhia de um pai espiritual. Essa lacuna só foi preenchida quando conheci Danilo Figueira e me candidatei a ser mais um dos seus filhos “adotivos” na fé.

Agradeço ao Senhor por tê-lo encontrado! Ele tem discipulado a minha vida por mais de vinte anos. Vivendo sob seu cuidado, fui levado a conhecer um nível muito mais elevado na vida cristã.

A proteção espiritual, os conselhos, o referencial de caráter, a postura firme na liderança, a ousadia e determinação na busca dos ideais do reino, e tantas outras virtudes evidentes na vida do meu discipulador, têm contribuído para o meu crescimento e maturidade, tanto no plano pessoal, como no ministerial.

Sinésio Callegari
Pastor em Ribeirão Preto/SP

“Um pouco de exemplo vale mais que uma grande quantidade de palavras”... Isso resume o que Danilo Figueira tem sido em minha vida, há mais de vinte e cinco anos. Seu testemunho gerou em mim a experiência ímpar de ter um referencial seguro e por isso me sinto privilegiado.

Meu pastor é modelo de humildade, de santidade, pai e esposo exemplar, tem um grande caráter! Levarei as marcas de sua influência para o resto de minha vida. Andar com ele me inspira a ser também o que ele é: um discipulador com coração de discípulo.

Arão Henrique Xavier
Pastor em Sertãozinho/SP

Discipulado é semelhante ao processo de se tomar uma pedra bruta e transformá-la num diamante lapidado. Uma pessoa inexperiente pode até não identificar um diamante, ao vê-lo em seu estado original, mas as mãos habilidosas do lapidador darão brilho, forma e valor à pedra que ele encontrar.

Sou grato a Deus por meu discipulador, Danilo Figueira. Ele tem sido um instrumento do Espírito em minha vida, forjando em mim, ao longo dos anos, o caráter de Cristo.

Algo que me impressiona em sua vida é a capacidade de ver nas pessoas o que elas podem ser em Deus. Quando nem eu acreditava em mim mesmo, ele acreditou e me levou aonde eu jamais pensei que poderia chegar! Posso dizer que minha história é um milagre realizado por Deus através das mãos de meu amigo, “Dany”.

Carlos Januário
Pastor em Ribeirão Preto/SP

O conceito de que o discipulado é o ensino pelo exemplo, pela inspiração, enquanto se caminha junto, é bastante feliz e verdadeiro. Posso comprovar isso em minha vida! Desde que conheci Jesus Cristo e me vi sob o “cajado” de Danilo Figueira, tenho encontrado nele um discipulador completo, um mestre, mentor, amigo. Um verdadeiro pai espiritual.

Não tenho dúvida de que o que vivo hoje, o que sou, o meu ministério, deve-se muito à influência direta desse homem de Deus. O DNA divino foi implantado em mim graças ao trabalho e dedicação desse meu pai espiritual. Quando crescer, quero ser igual a ele!

Obrigado, Senhor, por ter colocado em minha vida um discipulador, com “D” maiúsculo!

Wilson Ragazzi
Pastor em Monte Alto/SP

Mesmo servindo a Deus por vários anos, quando fui chamado pelo meu pastor, Danilo Figueira, para fazer parte de sua equipe de discipulado, passei a viver uma nova experiência na vida cristã.

O discipulado me mostrou o caminho para conquistas ousadas, que eu não conhecia. Como tenho crescido, à sombra da liderança forte e segura, que flui por suas sábias palavras e conduta irrepreensível!

Tenho plena convicção de que a cobertura exercida por ele em minha vida, já me livrou de situações terríveis, mesmo que eu não tenha percebido boa parte desses livramentos. Por sua dedicação, empenho e exemplo, sou e quero continuar sendo forjado por ele, um discípulo com seu DNA, que influencie gerações e que apresente ao Senhor frutos abundantes, cooperando para que Sua glória encha toda a Terra.

Sérgio Callegari
Pastor em Ribeirão Preto/SP

O discipulado do meu “pai” na fé e pastor, Danilo Figueira, foi e continua sendo fundamental para minha vida e família.

Há pelo menos vinte e cinco anos, quando através do seu ministério conheci o grande amor de Jesus e descobri o valor que tenho para Ele, ando ao lado desse servo de Deus, a quem chamo de “pai” e com quem tenho uma aliança.

Através do seu discipulado e influência, recebi os verdadeiros valores do reino, aprendi como levantar uma família de altar e fui completamente transformado em meu caráter. Como se não bastasse tudo isso, “Dany” me ensinou a amar a Deus de todo o coração e a servir em Sua obra, dando minha vida ao ministério pastoral.

José Otávio Alvarenga
Pastor em Barrinha/SP

Para mim, o discipulado genuíno é aquele que gera no discípulo inspiração e desejo de seguir seu mestre livremente, de buscar se parecer com ele. Essa relação tem muito a ver com paternidade, que em sua essência é pura amizade.

Tenho vivido ao longo de quase quinze anos debaixo de um discipulado assim. Sob a liderança de Danilo Figueira, tenho experimentando amor, respeito, aceitação, perdão, estímulo e acima de tudo, a amizade desse homem, que se alegra com minha alegria e chora com meu choro. Certamente sua dedicação e exemplo contribuíram para que eu me tornasse um ministro, esposo, pai, discipulador e ser humano melhor.

João André Dias
Pastor em Ribeirão Preto/SP

Há dezoito anos tenho andado sob o cajado de Danilo Figueira, naquilo que eu chamaria de “discipulado integral”, pois compreende vida pessoal, familiar, profissional e ministerial. Sou grato ao Senhor por isso. Essa relação trouxe segurança, crescimento e amadurecimento em todas essas áreas.

Um discipulado integral não precisa de excessos, preciosismo e, muito menos, autoritarismo, para ser eficaz. O que fala mais alto é o exemplo, o modelo. “Dany”, como temos a liberdade de o chamar, tem autoridade de sobra nesse assunto. Sabe ser amigo sem deixar de ser líder, sabe ser prático sem deixar de ser cuidadoso, sabe ser firme sem deixar de ser sensível... Isso lhe dá autoridade para ensinar, através deste livro, as chaves para um discipulado equilibrado e eficaz, que leve as pessoas a se tornarem parecidas com Jesus.

José Mauro Ferreira
Pastor em Ribeirão Preto/SP

Como foi sua experiência com este livro? Você pode compartilhar através das nossas páginas na Internet ou pelo e-mail da editora. Para nós é muito importante saber se, de alguma forma, Deus acrescentou algo novo à sua vida.



Instagram/Facebook: selahproducoes
contato@selahproducoes.com.br

Facebook: danilo.figueira.1
Twitter: @Danilo_Figueira
Instagram: danilo_figueira

Conheça outros livros do Pr. Danilo Figueira e de outros autores, visitando nossa loja online:
www.selahproducoes.com.br